



Histórias e memórias enquadradas da comunicação e do jornalismo de Picos-PI

Orgs.

Mayara Sousa Ferreira
Thamyres Sousa de Oliveira
Jailson Dias Oliveira



Mayara Sousa Ferreira
Thamyres Sousa de Oliveira
Jailson Dias Oliveira

Orgs.

Histórias e memórias enquadradas da comunicação e do jornalismo de Picos-PI





UNIVERSIDADE ESTADUAL DO PIAUÍ – UESPI

Evandro Alberto de Sousa
Reitor

Jesus Antônio de Carvalho Abreu
Vice-Reitor

Mônica Maria Feitosa Braga Gentil
Pró-Reitora de Ensino de Graduação

Josiane Silva Araújo
Pró-Reitora Adj. de Ensino de Graduação

Raurys Alencar de Oliveira
Pró-Reitor de Pesquisa e Pós-Graduação

Fábia de Kássia Mendes Viana Buenos Aires
Pró-Reitora de Administração

Rosineide Candeia de Araújo
Pró-Reitora Adj. de Administração

Lucídio Beserra Primo
Pró-Reitor de Planejamento e Finanças

Joseane de Carvalho Leão
Pró-Reitora Adj. de Planejamento e Finanças

Ivoneide Pereira de Alencar
Pró-Reitora de Extensão, Assuntos Estudantis e Comunitários

Marcelo de Sousa Neto
Editor da Universidade Estadual do Piauí



GOVERNO DO ESTADO DO PIAUÍ
UNIVERSIDADE ESTADUAL DO PIAUÍ - UESPI



Rafael Tajra Fonteles **Governador do Estado**
Themístocles de Sampaio Pereira Filho **Vice-Governador do Estado**
Evandro Alberto de Sousa **Reitor**
Jesus Antônio de Carvalho Abreu **Vice-Reitor**

Conselho Editorial EdUESPI

Marcelo de Sousa Neto **Presidente**
Algemira de Macedo Mendes **Universidade Estadual do Piauí**
Antonia Valtéria Melo Alvarenga **Academia de Ciências do Piauí**
Antonio Luiz Martins Maia Filho **Universidade Estadual do Piauí**
Artemária Coêlho de Andrade **Universidade Estadual do Piauí**
Cláudia Cristina da Silva Fontineles **Universidade Federal do Piauí**
Fábio José Vieira **Universidade Estadual do Piauí**
Hermógenes Almeida de Santana Junior **Universidade Estadual do Piauí**
Laécio Santos Cavalcante **Universidade Estadual do Piauí**
Maria do Socorro Rios Magalhães **Academia Piauiense de Letras**
Nelson Nery Costa **Conselho Estadual de Cultura do Piauí**
Orlando Maurício de Carvalho Berti **Universidade Estadual do Piauí**
Paula Guerra Tavares **Universidade do Porto - Portugal**
Raimunda Maria da Cunha Ribeiro **Universidade Estadual do Piauí**

Marcelo de Sousa Neto **Editor**
Marcos Antonio de S. Rodrigues Moura **Revisão**
laquelly de Sousa **Capa**
[Editora e Gráfica UESPI](#) **E-book**

Endereço eletrônico da publicação: <https://editora.uespi.br/index.php/editora/catalog/book/155>

H673 **Histórias e memórias enquadradas da comunicação e do jornalismo de Picos-PI / Mayara Sousa Ferreira, Thamyres Sousa de Oliveira, Jailson Dias Oliveira, organização. – Teresina: EdUESPI, 2023. 212 p. : il.**

ISBN versão digital: 978-65-81376-09-3

1. História do Jornalismo. 2. Memória do Jornalismo.
3. Picos – PI. I. Ferreira, Mayara Sousa. II. Oliveira, Thamyres Sousa de. III. Oliveira, Jailson Dias. IV. Título.

CDD: 070.4

Ficha Catalográfica elaborada pelo Serviço de Catalogação da Universidade Estadual do Piauí -UESPI
Nayla Kedma de Carvalho Santos (Bibliotecária) CRB 3ª Região / 1188

Editora da Universidade Estadual do Piauí - EdUESPI
Rua João Cabral • n. 2231 • Bairro Pirajá • Teresina-PI
Todos os Direitos Reservados

APRESENTAÇÃO

Um livro não deve nascer apenas da intenção de se ter uma publicação. Há várias vontades e necessidades mergulhadas aqui. Em uma cidade como Picos, no Piauí, em que os lugares de memória, termo cunhado por Nora (1993), são bem escassos, as universidades com cursos de jornalismo resistem como locais de estudo da memória e história do jornalismo. Entre os onze artigos presentes nesta publicação, dispomos de um trabalho quase arqueológico, no sentido de que muito do posto aqui foi resultado de escavamentos e muitos, muitos rastros.

A conversa com um familiar rendia a busca por um livro que até tínhamos, mas não percebíamos como tão importante para as nossas pesquisas. O café com um amigo rendia o contato de outro amigo que dispunha de publicações jornalísticas guardadas em casa. E, assim, foram desencadeadas as pesquisas postas aqui, num exercício plural e coletivo. Até nos momentos em que assinamos estes trabalhos sozinhos, trazemos conosco memórias de um jornalismo que estava ali guardado e que, agora, foi acionado.

Um trabalho de pesquisa como este se justifica, então, por apresentar novas perspectivas sobre a comunicação e as práticas jornalísticas verificadas em Picos, no Piauí, tanto na atualidade quanto no passado. Isso permite um descortinar sobre aspectos ainda não estudados sobre o jornalismo local, que ganham nova luz a partir dos pesquisadores, docentes e acadêmicos de cursos de jornalismo e de áreas afins.

Por serem instituições sociais de indiscutível importância, o jornalismo e a comunicação merecem estudos cada vez mais atualizados, dadas as descobertas e os avanços da profissão. Picos, cidade sertaneja, é um polo importante para a comunicação feita por profissionais, cuja tendência é de crescimento constante. A cada dia, novas instituições e

agentes públicos reconhecem a necessidade de estar em contato com a sociedade.

Percebe-se, através dos estudos, que esse fato se verificava no passado, mas caminhava lentamente. Com o surgimento de profissionais formados e academicamente comprometidos, o poder da comunicação passou a ser melhor compreendido. A Universidade Estadual do Piauí (UESPI) – Campus Professor Barros Araújo tem garantido a sua contribuição para a sociedade local, sendo esta produção mais uma prova desse comprometimento.

Este livro apresenta, de forma interdisciplinar, recortes de pesquisas que pensam as interfaces entre história, memória e jornalismo na ambiência do município de Picos, no Piauí. Nele, os autores desenvolvem reflexões a partir de enquadramentos que podem nos ajudar a entender a sociedade e o jornalismo na atualidade, apontando características locais que podem se distinguir das práticas de outros ajuntamentos urbanos.

Na primeira parte desta coletânea, mostramos narrativas diversas com interpretações de vestígios memorialísticos do jornalismo praticado em Picos em diferentes momentos, como no começo do século XX, década de 1910, passando por marcantes períodos de cerceamento de liberdade — Estado Novo (1937-1945) e ditadura civil-militar (1964-1985) — e chegando também a apontamentos da primeira década do novo século (2007), com novas formas de jornalismo advindas do crescimento e da força da internet.

O segundo conjunto de trabalhos é dedicado a pensar as relações entre jornalismo e educação, com observações sobre indícios da vida estudantil picoense na década de 1950, a partir dos restos de memória ainda presentes em edições do jornal impresso, denominado estudantil, *Flâmula*. Além disso, aborda também a história da formação em jornalismo nessa cidade, datada do início do século XXI, momento que marca o começo de uma nova fase das práticas jornalísticas no semiárido piauiense.

Por fim, os capítulos da última parte apresentam investigações sobre narrativas da recente pandemia de covid-19, a partir de memórias digitais, uma vez que a internet tem se constituído lugar de assiduidade do jornalismo interiorano.

Esperamos que estas pesquisas sejam geradoras de conhecimento e provocadoras de outras investigações sobre a história do jornalismo no interior do Piauí. Boa leitura!

Os organizadores

SUMÁRIO

Parte 1 – Muita história, muita memória: vestígios de jornalismo e comunicação em Picos-PI

O AVISO: práticas políticas e apropriação social das tecnologias da informação no início do século XX

Raniel das Flôres Canuto

COMUNICAÇÃO NO INTERIOR: vestígios da produção jornalística em Picos durante o Estado Novo (1937-1945)

Luana de Sousa Rodrigues Moura

Thamyres Sousa Oliveira

TESTEMUNHO OCULAR DE CRISTINO VARÃO: análise fotodocumental

Mikaelly Nagyla da Silva Santos

Mayara Sousa Ferreira

JORNALISMO E DITADURA MILITAR EM PICOS-PI: memórias, silenciamentos e esquecimentos

Sheron Weide Alves Ferreira

Rutty Karinne Muniz de Souza

Géssica Lima Feitosa dos Santos

Mayara Sousa Ferreira

A PRIMEIRA EXPERIÊNCIA DE WEB TV DA REGIÃO PICOS: O CASO DA TV RIACHÃO NET

Orlando Maurício de Carvalho Berti

Parte 2 – Educação no jornalismo ou jornalismo na educação: apontamentos sobre a vida estudantil e o curso de jornalismo em Picos

O JORNAL FLÂMULA COMO LUGAR DE MEMÓRIA SOBRE A VIDA ESTUDANTIL PICOENSE

Jailson Dias de Oliveira

HISTÓRIA DA FORMAÇÃO DE JORNALISTAS EM PICOS-PI

Mayara Sousa Ferreira

Maria do Amparo Borges Ferro

A IMPLANTAÇÃO DO CURSO DE COMUNICAÇÃO SOCIAL: Habilitação em Jornalismo e Relações Públicas da UESPI de Picos, sua história e contribuição para o jornalismo picoense

Danielly Kelly Duarte e Silva

DOSSIÊ DE MEMÓRIAS DO JORNALISMO DA UESPI: as pesquisas realizadas nos Trabalhos de Conclusão de Curso (TCCs)

Maria Aparecida de Castro

Mayara Sousa Ferreira

Parte 3 – Digitais do jornalismo em uma pandemia: memórias em destaque

A VACINA CHEGOU PELO SERTÃO? Análise de como os portais RiachaoNet e Boletim do Sertão atuaram na construção de memórias sobre as primeiras doses de vacinas contra a covid-19

laquelly de Sousa

Thamyres Sousa de Oliveira

O JORNALISMO DIGITAL E A CONSTRUÇÃO DE MEMÓRIAS: a primeira semana de pandemia da covid-19, no Piauí

Vinícius da Silva Coutinho

Thamyres Sousa de Oliveira

**Parte 1 – Muita história, muita memória:
vestígios de jornalismo e comunicação em
Picos-PI**

O AVISO: práticas políticas e apropriação social das tecnologias da informação no início do século XX

Raniel das Flôres Canuto

Introdução

A chegada da imprensa à sociedade picoense marcou o processo de industrialização da informação e promoveu a massificação e maior circulação de notícias favorecendo, inclusive, a transformação das práticas de comunicação no município de Picos.

A tecnologia gutenberguiana chegou à cidade de Picos no ano de 1910. Foi o jornal *O Aviso* que possibilitou a formação de uma comunidade de leitores, ainda que o alcance fosse limitado a uma parcela letrada da sociedade.

Tecnologia é muito mais que a existência de um aparato na sua forma material, é a conjugação desse artefato ao processo que contribui para transformações, tanto na natureza quanto na sociedade. Os tipos móveis representaram grande avanço para a difusão de conhecimento e para a construção de uma sociedade mais informada. Castells (2002) explica que o aprimoramento da capacidade produtiva, criatividade cultural e potencial de comunicação da sociedade, bem como a transformação do mundo, é fruto da globalização e informacionalização, determinadas pelas redes de riqueza, tecnologia e poder.

Partindo da hipótese de que fatores econômicos e políticos impulsionaram o avanço tecnológico na área da comunicação da sociedade picoense, propõe-se neste estudo descobrir como se deu a participação da política no processo de apropriação social da tecnologia da informação na cidade de Picos, nos dois primeiros anos do jornal *O Aviso* (1910-1911).

Essa pesquisa dará uma contribuição relevante aos estudos de comunicação regional, sobretudo para entender a configuração da comunicação no cenário atual, tendo em vista que se aprofundará na constituição da imprensa político-partidária e na apropriação social da tecnologia no interior do Piauí no início do século XX.

Pretende-se analisar centralmente as mudanças comunicacionais, sociais e políticas provocadas pela apropriação social da tecnologia, sobretudo a partir da implantação do jornal *O Aviso* na sociedade picoense, no período de 1910 e 1911.

Para realizar a análise empírica desta pesquisa será utilizado o método do Estudo de Caso, na perspectiva de Yin (2001), que entende o Estudo de Caso “como esforço de pesquisa, o estudo de caso contribui, de forma inigualável, para a compreensão que temos dos fenômenos individuais, organizacionais, sociais e políticos” (YIN, 2001, p. 21). Este estudo apresenta a observação dos exemplares do jornal *O Aviso*, dos anos de 1910 e 1911, que representam os dois anos iniciais da circulação do periódico no município de Picos.

Imprensa como inovação tecnológica

Com o desenvolvimento das comunicações elétricas, que começou com o telégrafo no século XIX, havia uma sensação de mudança inevitável e em via de efetivação. Os debates da mídia na segunda metade do século XX se tornaram um impulso para reavaliar tanto a invenção da impressão gráfica quanto todas as outras tecnologias que foram inicialmente tratadas como milagres (BRIGGS; BURKE, 2006).

Quando se trata de tecnologia, pensa-se, imediatamente, nos vários dispositivos técnicos atualmente em uso. Quando se fala em evolução tecnológica, projeta-se uma concepção sobre evolução de vários objetos como telefones celulares, TVs, relógios e computadores, mas deve-se considerar que a história do homem com a tecnologia começou muito antes. A revolução industrial, por exemplo, foi uma vitória sobre o espaço

e o tempo, ora diminuindo distâncias através dos trens e barcos a vapor, ora pelo conjunto de novos meios de comunicação advindos dessa revolução (BRIGGS; BURKE, 2006).

Ao descobrir maneiras de melhorar e promover seu estilo de vida por sua própria criação, o ser humano começou a produzir ferramentas que poderiam impulsionar o comportamento social. É velha a ideia de que a invenção da impressão gráfica marcou uma época, seja a nova técnica discutida isoladamente, seja em conjunto com a invenção da pólvora ou como parte do trio imprensa-pólvora-bússola, ingredientes que provocaram grandes mudanças no mundo (BRIGGS; BURKE, 2006).

A humanidade começou a explorar novos recursos e passou a se adaptar rapidamente às novas ferramentas. Muitas tecnologias do passado se tornaram instrumentos importantes para entender como a sociedade se apropria das tecnologias atuais, considerando as mudanças culturais e os modos de vida. Briggs e Burke (2006) aceitam a ideia de que as mudanças na mídia tiveram importantes consequências culturais e sociais. É importante considerar que o ser humano criou e reinventou diversas tecnologias que facilitaram sua vida, mas mantiveram os problemas econômicos, culturais e políticos existentes na sociedade.

A inovação social que realmente afetou o relacionamento entre as pessoas não apareceu até o século XVII. O uso da tecnologia postal contribuiu para a distribuição de correio ponto a ponto, de indivíduos a indivíduos remotos, ao invés de apenas do centro para a periferia e da periferia para o centro. Esta evolução partiu de um movimento social que foi ultrapassando gradativamente o dispositivo central-periférico original, primeiro sendo secreto e ilegal (a ilegalidade tolerada e até incentivada pelo Estado), e, depois, a partir de métodos cada vez mais abertos e oficialmente reconhecidos (LÉVY, 1999).

Na virada do século XIX para o século XX a imprensa ganhou maior legitimidade, parte em decorrência da condição técnica e material da reprodução dos acontecimentos usando veracidade, por meio de tecnologias como o telégrafo. A invenção ou difusão da imprensa,

ocorridas em meados do século XV, foram acompanhadas por notáveis avanços científicos e tecnológicos, ganhando ainda mais impulso a partir do século XIX, com a introdução de marcos como a fotografia (1814) e o telégrafo de Morse (1837). Thompson (1998) fala que na constituição das sociedades, os seres humanos se preocuparam com o intercâmbio de informações e de conteúdos simbólicos. A vida social evoluiu em direção à criação de tecnologias, produção e circulação de conteúdos simbólicos, que provocaram a constituição de uma variedade de instituições de comunicação a partir do século XV.

Somente no século XIX os jornais começaram a ser caracterizados como meios de comunicação em massa. Com o considerável desenvolvimento da tecnologia desencadeada pela Revolução Industrial, as atividades editoriais perderam sua natureza manual e se voltaram para a tecnologia industrializada.

Estes processos foram alcançados por uma série de desenvolvimentos institucionais que são característicos da era moderna. No contexto da produção em massa, novos produtos fabricados pela indústria editorial, especialmente jornais e revistas, ficaram mais baratos e tornaram-se bens de consumo popular.

As técnicas industriais se transformaram de forma acelerada após o grande desenvolvimento da mecânica e da máquina a vapor. A imprensa foi contemplada por esse processo de modernização e, com isso, a escrita tornou-se efetivamente uma ferramenta real e complexa de comunicação de massa. Ao longo dos anos essas tecnologias promoveram progresso para a ciência e foram ainda mais incorporadas à estrutura da sociedade. Além disso, Lévy (1999) considera que a tecnologia não é apenas imaginada, fabricada e reinterpretada no processo de uso humano, mas o uso intensivo de ferramentas também constitui a própria humanidade, junto com a linguagem e as instituições sociais complexas (LÉVY, 1999).

A inovação pode ser vista como o processo de transformação das praxes onerosas em processos mais precisos e descomplicados, que demandem menos recursos e custos, com o propósito de alcançar

melhores resultados. Segundo Lévy (1999) as grandes invenções técnicas não nos permitem apenas trabalhar na mesma velocidade, mais rápido, com mais força ou em maior escala. Permitem também que se faça, sintetize ou organize de outra forma. Dessa maneira, a inovação técnica leva ao desenvolvimento de novas funções, ao mesmo tempo que obriga a sociedade a reorganizar o sistema global das funções anteriores.

A primeira metade do século XIX trouxe mudanças que afetaram diretamente a vida das sociedades. Lévy (1999) considera pertinente refletir sobre a tecnologia como um produto da sociedade, de maneira oposta à observação segmentada do impacto das três entidades: técnica, cultura e sociedade.

Os eventos tecnológicos revolucionários difundidos a partir do século XIX provocaram a institucionalização dos meios de comunicação de massa (livros, jornais, revistas etc.) como nunca antes, possibilitando armazenar, acumular e transmitir informação ao longo dos anos para um número maior de pessoas.

Ainda que Sodré (1998) recuse a ideia de que a imprensa não poderia ser considerada meio de massa no período da sua constituição no Brasil, o avanço tecnológico chegou e representou progresso na difusão de informações no país. “Como, aqui, por imprensa entende-se jornal e revista, é fácil constatar que esses meios não são de uso habitual em parcela numerosa, majoritária mesmo, do nosso povo” (SODRÉ, 1998, p. 9).

Apropriação social da tecnologia e imprensa política

As discussões sobre tecnologia estão voltadas para a relação entre homem e tecnologia. Além disso, a humanização da técnica é parte integrante e garantidora da apropriação social da tecnologia, bem como, está ligada à “criação de um espaço de fluxos e de um tempo intemporal como expressões das atividades e elites dominantes” (CASTELLS, 2002, p. 17).

À medida que se descobre a compreensão dos processos naturais e das forças que os impulsionam, pode acontecer que os humanos os utilizem para produzir artefatos que atendam a novas necessidades, esse tipo de fabricação continua a aumentar, e o mundo não é mais espontâneo. O ambiente imaculado torna-se um ambiente urbano cheio de equipamentos que utilizam as forças naturais a serviço do homem (PINTO, 2008).

Lévy (1999) indica que as novas tecnologias, como são conhecidas grosseiramente, na verdade abrangem as várias formas de atividades do grupo humano. Esta é uma geração coletiva complexa que compreende as várias formas de atividades das sociedades, formada principalmente em torno de objetos materiais, como os dispositivos de comunicação.

O interesse dos governantes pela comunicação foi a principal razão para a rápida expansão do sistema postal no período moderno, embora comerciantes e outros também tenham se beneficiado disso (BRIGGS; BURKE, 2006).

Mesmo tratando da década de 1960, mas com uma lógica atemporal e lúcida, Pinto (2008, p. 8) afirma que “só há saber novo com avanço técnico”. Ele enxerga que parte da humanidade tem se beneficiado com a apropriação social da tecnologia, mas, cabe aos intelectuais engajados explicar os obstáculos históricos ao desenvolvimento de países como o Brasil, que são ricos e pobres ao mesmo tempo.

De acordo com Berstein (2003), há um exemplo emblemático do uso da imprensa no campo político: o Partido Radical, fundado na França no início do século XX com o propósito de salvaguardar os valores da classe média independente. Mesmo diante da perda de sua influência, o partido perseverou ao longo do tempo, sendo tal trajetória visível até mesmo durante a crise que o abalou na década de 1930. É visível, considerando o notável aparelhamento político, jornalístico e cultural, que o partido conseguiu se estabelecer em uma parte da opinião pública francesa durante seu apogeu e seus traços ainda hoje garantem seu *status*, humildade, na cena política.

A democratização da sociedade contemporânea só é possível por meio de uma maior circulação de mercadorias e informações. Essa facilidade de acesso não garante que as massas entendam o que está acontecendo, nem que vivam e pensem melhor. A modernidade e a posição contraditória que as pessoas nela ocupam são muito mais complicadas do que assumidas pelo ensino e pelos conceitos voluntários do humanismo político (MARTÍN-BARBERO, 1997).

No século XIX, os partidos políticos começaram a fundar os seus próprios periódicos e assumiram total responsabilidade sobre os seus jornais. Ao mesmo tempo, as redações dos jornais passaram a ter estruturação editorial e racionalidade. A função dos tipógrafos foi gradualmente substituída por políticos que assumiam o papel de jornalistas (RÜDIGER, 1993).

A mudança de regime do Império para a Primeira República, em 1889, não mudou o desenvolvimento da indústria jornalística brasileira. Os grandes jornais permaneceram inalterados, os republicanos tiveram mais prestígio e força, e os monarquistas apresentaram mais espírito de luta (SODRÉ, 1999).

A virada do século XIX para o século XX marcou a transição da pequena imprensa para a grande imprensa no Brasil. Os pequenos jornais tinham uma estrutura simples e a composição deu lugar a empresas noticiosas com uma estrutura específica, dotadas de equipamentos gráficos necessários ao desempenho das suas funções. Da mesma forma que o plano de produção e distribuição eram afetados, esse processo impactou diretamente as relações entre jornais, anunciantes, política e leitores (SODRÉ, 1999).

Sobre essa transição da imprensa na virada do século XIX para o XX, Barbosa (2010) diz que os periódicos que pretendiam firmar-se politicamente junto ao seu público deveriam aplicar novas tecnologias para alcançar maior velocidade e circulação, e dessa maneira diminuir a distância entre os fatos e o leitor.

O papel da tecnologia é aumentar significativamente as tendências enraizadas nas estruturas e instituições sociais: sociedades opressivas podem aumentar suas capacidades repressivas por meio de novos mecanismos de vigilância, enquanto sociedades democráticas participativas podem expandir ainda mais sua abertura e participação, para alocar mais poder político e recursos técnicos (CASTELLS, 2002).

No curso da história a tecnologia ultrapassou, gradualmente, barreiras físicas e temporais, facilitando a comunicação, melhorando o acesso à informação e promovendo transformações políticas, econômicas e culturais. Na visão de Briggs e Burke (2006), a tecnologia é um dos elementos constitutivos da história social e cultural, assim como a política e a economia.

A imprensa política brasileira na primeira metade do século XX apresentava uma linguagem violenta. Ela era norteadada pela pequena burguesia, portanto, caracterizada pelo jogo de interesse da camada burguesa e/ou o poder. Assim, tudo que era veiculado assumia dimensão pessoal e visava alcançar os leitores com objetivo de aplicar as suas funções moralizantes (SODRÉ, 1999).

Apropriação social da tecnologia e práticas políticas em Picos

No início do século XX, a cidade de Picos passou por grandes mudanças econômicas e políticas. A atividade agrícola, o extrativismo e a pecuária estavam em ascensão e as movimentações políticas nacionais e estaduais reverberaram no município sobredito. Antes da implantação da imprensa na cidade de Picos as elites consumiam informações de veículos de comunicação da capital, de outros municípios do interior e/ou de outras províncias.

A primeira década do século XX foi marcada por avanços e melhorias que impactaram o dia a dia da sociedade picoense. A implantação do telégrafo foi um dos avanços que revolucionou a

comunicação na cidade, possibilitando o envio de mensagens de Picos para a capital Teresina. A edição do 64º ano do Almanak Laemmert (1907), produzido no Rio de Janeiro, confirma o dado e aponta o nome do responsável técnico pela operação do equipamento em Picos: Antônio Lopes Filho.

Picos ganhou o seu primeiro jornal seguindo uma tendência global da industrialização da comunicação, que começou ainda no século XX. O jornal *O Aviso* era direcionado a uma parcela letrada da população picoense. Embora haja registros que apontam que a primeira escola foi implantada no ano de 1928 (ALBANO, 2011), o anúncio publicada pelo jornal *O Aviso*, intitulado GYMNASIO «AREOLINO DE ABREU», no dia 30 de dezembro de 1910, revela a existência do “estabelecimento de instrução” dirigido por Antônio Lopes Filho. A publicidade comunicava sobre a reabertura do ginásio em 1911 em modalidade internato.

O jornal *O Aviso* teve o seu primeiro exemplar em circulação no dia 15 de novembro de 1910. Possuía periodicidade quinzenal. Era diagramado em quatro páginas com 4 colunas por página. As informações eram distribuídas por seções, dentre elas: poesias, *telegrammas*, editais, publicidades, necrologias, entre outros conteúdos. A primeira página (capa) era elaborada com uma notícia mais extensa e sem ilustrações e geralmente sobre política. Dentro do jornal, a coluna “Gazetilha” ganhou destaque pelo seu teor político ou pelos assuntos polêmicos.

Durante a análise, foi possível perceber que a denominação do jornal *O Aviso* sofreu alteração. Identificou-se que ele teve duas fases: até 1911 o seu nome aparece como *O Aviso* e a partir de 1917 começa a circular como *Aviso*. Embora tenha mudado a grafia, não foi observada nenhuma outra mudança significativa na linha editorial. O jornal permaneceu servindo aos interesses políticos do Coronel Joaquim das Chagas Leitão e combatendo os adversários. A oficina do jornal ficava situada na Rua Doutor Coriolano de Carvalho, hoje chamada de Avenida Getúlio Vargas, a assinatura custava 10\$000 (dez mil réis) por ano.

A chegada da imprensa em Picos marcou uma mudança importante. Diferente da transmissão telegráfica, ou seja, da transmissão direcionada para um pequeno número de pessoas, a imprensa proporcionou a propagação de informações em larga escala, ou seja, inaugurou o processo de industrialização de informações e da cultura no município. Além das assinaturas, o jornal *O Aviso* vendia espaços de publicidade para o comércio local, e os proventos serviam para a manutenção do veículo. Em 1910 as publicidades apareciam timidamente, mas ganharam força nas edições do ano seguinte.

O jornal *O Aviso* exibiu uma troca de informações entre veículos de imprensa da mesma direção político-partidária, de diferentes províncias do Piauí. Embora a função do jornal fosse fornecer ao público pagador informações de caráter geral e de diversos fatos de seu interesse, muitas das seções eram ocupadas com diálogos políticos.

As três primeiras edições do jornal *O Aviso*, em 1910, mostravam o embate político com o jornal *O Apóstolo*, de Teresina. A colisão de interesses políticos é evidente nas declarações. A interação também se dá entre os veículos que se alinhavam ideologicamente, como é o caso do jornal *O Monitor*, órgão anticlerical de Teresina, que defendeu o Coronel Joaquim das Chagas Leitão, proprietário e redator do jornal *O Aviso*, no período de campanha política em 1911.

A implantação do jornal *O Aviso* foi um marco tecnológico para a cidade de Picos, como foi mencionado anteriormente, mas, é relevante acrescentar que a novidade não excluiu o meio de comunicação existente antes dele: o telégrafo. Os dois passaram a coexistir.

O telégrafo foi incorporado como ferramenta de captação de informações que compunham o jornal. A relação é evidente e ganhou uma seção intitulada “Telegrammas”, na segunda página do jornal supracitado. De acordo com McLuhan (2002), o telégrafo foi indispensável para reestruturar o meio da imprensa.

O telégrafo serviu de duas maneiras para *O Aviso*, a saber: primeiro, como fonte de matéria-prima para as notícias do jornal e, segundo, como

mensageiro, considerando que não existiam redes telegráficas nas cidades vizinhas, os telegramas chegavam através das páginas do jornal. Afinal, foi “com o advento do telégrafo que a mensagem começou a viajar mais depressa do que o mensageiro. Antes dele, as estradas e a palavra escrita eram estreitamente inter-ligadas” (MCLUHAN, 2002, p. 108). Mas foi a imprensa que democratizou a informação.

É importante salientar que a imprensa picoense do início do século XX não era popular porque a população letrada era pequena e concentrada na elite. Reconhece-se que atender às necessidades básicas de alfabetização dos cidadãos é uma tarefa complexa. À medida que a sociedade se moderniza também crescem as exigências com relação aos níveis educativos para promover inclusão nas dimensões relativas à tecnologia, à informação e à comunicação.

A classe política da cidade de Picos se apropriou das tecnologias disponíveis para a difusão de informações em função das lutas políticas municipais e estaduais. O coronel Joaquim das Chagas Leitão, proprietário do jornal *O Aviso*, reproduzia uma prática que estava em voga em todo o território nacional desde o século XIX, que foi a criação de pequenas empresas jornalísticas no interior das províncias em nome de grupos partidários, deslocamento motivado, em parte, pela modernização dos veículos de imprensa nos grandes centros (SODRÉ, 1999).

As notícias partidárias foram e ainda são utilizadas para criar, intermediar e fortalecer consensos ou criar simulacro da opinião pública por meio de seu poder, incluindo tentativas de influenciar o comportamento individual, porque, afinal, o escopo da política partidária é convencer ou guiar as massas. Por isso, no ano de 1911, por se tratar de período eleitoral, o jornal *O Aviso* intensificou a produção de matérias de cunho partidário.

A comunicação sempre foi imprescindível para o homem, que criou meios e ferramentas de comunicação ao longo da história, ainda que não atingisse um grande público. A sociedade picoense foi impactada com a nova tecnologia da informação porque a partir dela aconteceram

processos midiáticos relevantes que provocaram mudanças sociais, culturais e políticas.

Ao observar os dois primeiros anos de circulação do jornal *O Aviso* - principalmente no ano de campanhas eleitorais na cidade de Picos (1911) - fica evidente que o impresso em questão teve um importante papel no debate político com contribuições notáveis que refletiram nas decisões eleitorais daquele período.

Não é objetivo desta análise fazer juízo sobre esse processo de apropriação das tecnologias pela sociedade, - ou pela política partidária como componente da esfera social - não está em questão se esse processo foi positivo ou negativo para a sociedade, mas é importante referir o dualismo do pensamento dos teóricos que dissertam sobre tecnologia proposto por Lévy (1999) como fáusticos e prometeicos. Sempre haverá defensores do uso das tecnologias e outros que irão ponderar sobre o seu uso.

Considerações finais

O jornal *O Aviso* marcou a democratização da informação na cidade de Picos e permitiu uma maior comunicação entre as pessoas, apesar de a população letrada representar uma pequena parcela do povo picoense. O primeiro impresso também foi determinante para fomentar o debate político e partidário no âmbito municipal e estadual. O uso da tecnologia foi crucial para posicionar as peças no tabuleiro do jogo político picoense. Além disso, a imprensa serviu como importante arma nas batalhas políticas, principalmente no período de campanha, ou seja, momento de fervor do processo eleitoral.

A sociedade picoense foi contemplada com importantes mudanças através da apropriação social das tecnologias da comunicação, sejam elas sociais, culturais, tecnológicas, econômicas e políticas. Decerto, a imprensa possibilitou a democratização do acesso à informação na cidade de Picos, contudo, essa ferramenta chegou carregada de

ideologias políticas e partidárias que tinham por objetivo a manutenção do *status quo*.

Referências

ALBANO, M. C. S.; SILVA, A. (orgs.) 2011. **Picos nas anotações de Ozildo Albano**. Picos, PI: 2011. 183p.

ALMANAK Laemmert: Administrativo, Mercantil e Industrial (RJ). **Almanak Laemmert para 1907**. 64º ano. Rio de Janeiro: 1907. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=313394&Pesq=picos&pagfis=32618>. Acesso em: 25 de junho de 2021.

BARBOSA, M. **História cultural da imprensa: 1900-2000**. 2 ed. Rio de Janeiro: Mauad X, 2010.

BERSTEIN, S. Os partidos. In: RÉMOND, R. **Por uma história política**. 2 ed. Rio de Janeiro, UFRJ:FGV, 2003.

BRIGGS, A.; BURKE, P. **Uma História Social da Mídia. De Gutenberg à Internet**. Rio de Janeiro: Zahar, 2006.

CASTELLS, M. **O poder da identidade**. Tradução Klauss Brandini Gerhardt. 3.ed. São Paulo: Paz e Terra, 2002.

LÉVY, P. **Cibercultura**. São Paulo: Editora 34, 1999.

MARTÍN-BARBERO, J. **Dos meios às mediações: comunicação, cultura e hegemonia**. Rio de Janeiro: UFRJ, 1997.

MCLUHAN, M. **Os Meios de Comunicação como Extensões do Homem**. São Paulo: Cultrix, 2002.

PINTO, A. V. **O conceito de tecnologia**. Rio de Janeiro: Contraponto, 2008.

RÜDIGER, F. **Tendências do jornalismo**. Porto Alegre: EDUFRGS, 1993.

SODRÉ, N. W. **História da imprensa no Brasil**. 4. ed. Rio de Janeiro: Mauad, 1999.

THOMPSON, J. B. **A mídia e a modernidade**. 5.ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1998.

COMUNICAÇÃO NO INTERIOR: vestígios da produção jornalística em Picos durante o Estado Novo (1937-1945)

Luana de Sousa Rodrigues Moura
Thamyres Sousa Oliveira

A problemática dos lugares: lugares de memória em Picos e a dificuldade de falar sobre o período do estado novo

Pierre Nora (1993) fala sobre a existência de lugares de memória. Os lugares de memória são usados, justamente, para fazer referência e relembrar memórias que já não existem mais e nascem devido ao sentimento de deixar uma contribuição residual do que já se passou. “O sentimento de continuidade torna-se residual aos locais. Há locais de memória porque não há mais meios de memória” (NORA 1993, p. 7). Por não existir mais a memória e com a falta desses meios que Nora (1993) traz, torna-se necessário um local para guardar, locais onde se possa buscar a memória, lugares que sejam utilizados como referência, para eternizar o que já passou.

Com o passar do tempo e as mudanças que ocorrem, a busca pela memória ou a conservação da mesma, acaba sendo deixada de lado. Há uma busca constante pelo novo, que acaba fazendo com que o que se passou seja considerado algo sem importância. Como Nora (1993) diz, a memória é substituída pela atualidade.

Assim, lugares que seriam responsáveis por guardar a memória e seriam essenciais para pesquisas através de investigação e estudos são desvalorizados pela busca do novo, fazendo com que o velho seja esquecido e a memória, conseqüentemente, fique à margem do esquecimento. A falta ou pouca existência de lugares de memória compromete o entendimento de determinadas conjunturas, dentre elas vamos ressaltar o período autoritário de 1937, no Brasil.

Tendo em vista as mudanças políticas, econômicas e sociais que se deram durante o Estado Novo, o presente artigo tem como objetivo geral compreender a produção jornalística veiculada em Picos durante esse período e tem como objetivos específicos: a. investigar como a população picoense obtinha acesso a informações jornalísticas durante o período do Estado Novo; b. analisar que sujeitos estavam à frente das informações jornalísticas em circulação no período; c. verificar possíveis fatores que facilitaram ou dificultaram o acesso e a veiculação de informações jornalísticas em Picos no referido período; d. entender como a ausência de lugares de memória em Picos dificulta a compreensão sobre o Estado Novo e o jornalismo que atuou nesse período; e. compreender o contexto em que se deu o Estado Novo.

Como metodologia utilizamos a pesquisa bibliográfica e a pesquisa documental. A pesquisa bibliográfica segundo Gil (2008, p. 51) “se utiliza fundamentalmente das contribuições dos diversos autores sobre determinado assunto”. Dessa forma, utilizamos autores para embasar nossa pesquisa e fortalecer o entendimento de algumas questões. Já a pesquisa documental, segundo Gil (2008), segue os mesmos passos da pesquisa bibliográfica, porém se utiliza de documentos inéditos ou não para embasar. Segundo Gil (2008, p. 51) o “primeiro passo consiste na exploração das fontes documentais, que são em grande número”.

Ao começar a busca por arquivos para referenciar a pesquisa sobre “Comunicações no interior: vestígios da produção jornalística em Picos durante o Estado Novo”, foi encontrada uma grande dificuldade em localizar lugares de memória na cidade de Picos (PI). Tendo em vista a grande importância desses lugares de memória, a falta deles prejudica a busca e o estudo de assuntos que hoje são história e fazem parte de uma memória individual e coletiva.

“Não se celebra mais a nação, mas se estudam suas celebrações” (NORA 1993, p. 13). Levando em consideração esse pensamento de Nora (1993), percebe-se o quanto é importante estudar sobre os fatos passados. Porém, a falta de lugares que possam guardar essas memórias, de certa

forma, impede que haja estudos sobre determinados temas, pois dificulta o acesso às informações, fazendo até com que temas relevantes sejam deixados de lado por falta de documentação para ser pesquisada e analisada.

Outro fator que agrava a falta de memórias sobre um determinado período é a censura. O Estado Novo (1937-1945), na Era Vargas, foi um período de censura em que toda posição contrária ao governo não poderia ser veiculado.

O jornalismo pode ser considerado um lugar de memória, tendo em vista sua importância e o fato de servir como fonte histórica para ser usada futuramente, por retratar de forma factual e marcar o seu tempo. Seus relatos são eternizados e funcionam como fontes documentais das épocas em que foram publicados.

Na cidade de Picos, não foram encontrados, até agora, lugares de memória e nenhum registro jornalístico do período do Estado Novo (1937-1945). Os poucos jornais que estão disponíveis na cidade para pesquisas datam de décadas anteriores e posteriores ao período do Estado Novo, deixando uma lacuna temporal justamente entre os anos de 1930 a 1949, voltando a aparecer exemplares a partir dos anos de 1950 em diante. Essa constatação foi feita após uma pesquisa no Museu Ozildo Albano, na cidade de Picos, museu particular da família Albano, um dos poucos lugares na cidade que preservam a memória da mesma, mas devido à falta de material dos anos em questão, percebe-se que até mesmo o que é guardado passa por uma certa seleção.

Estudar um tema de um recorte temporal onde houve censura é um desafio, o próprio período já não resguarda tantas memórias e em uma cidade onde não são preservados lugares de memória, o processo se torna mais difícil. Mas, é uma questão de entendimento, desbravar novos lugares, construir a memória desse período pelo não dito, não visto, pelo silenciamento, pela falta de recursos. Nesses períodos, a ausência fala tanto quanto a presença de arquivos, pois a falta remete a um silenciamento. Em todos os períodos da história há pessoas que são

contra e pessoas que são a favor, mas ambas têm o direito de expressar sua opinião. Em períodos ditatoriais o que acontece é o silenciamento de uma das partes, pois só interessa mostrar o que foi positivo daquele período. Para quem está no poder só é interessante lembrar o que convém.

No primeiro tópico desta pesquisa nós falamos sobre o período do Estado Novo (1937-1945) no Brasil. Tendo em vista que o contexto histórico é muito importante e contribui para o desenvolvimento da pesquisa. Buscamos, posteriormente, entender como se deu este contexto no Piauí e, de modo mais específico, em Picos, mostrando os principais acontecimentos da época e como era o cenário político. No terceiro tópico trouxemos uma contextualização de como era feita a comunicação na cidade de Picos antes do período do Estado Novo. Por fim, há um tópico relacionado a como se deu a comunicação durante o período do Estado Novo na cidade de Picos.

A ditadura Vargas (1937-1945)

A Era Vargas foi dividida historicamente em três momentos, Governo Provisório (1930-1934), Governo Constitucional (1934-1937) e Estado Novo (1937-1945), um período marcado pela forte presença do autoritarismo e de censura de diversas formas.

No Governo Provisório (1930-1934), que foi marcado pela revolução de 1930, o país sentia efeitos da crise de 1929 dos Estados Unidos, que foi ocasionada pela quebra da bolsa de valores de Nova Iorque. Esse fato atingiu diretamente o Brasil na parte de exportação agrícola, gerando desemprego nas grandes cidades e uma queda na economia do país.

De 1934 a 1937, no Governo Constitucional, Vargas buscou meios de se estabelecer no poder, “aos poucos, o Governo Vargas buscou aliados e se utilizou até mesmo de determinações asseguradas pela constituição de 1934 para garantir alianças que colaborariam com o Governo no golpe de 1937” (OLIVEIRA, T. 2016, p. 21).

Em 10 de novembro de 1937 foi o estopim que, segundo Oliveira, T. (2016), aconteceu devido a uma série de fatores desde a revolução de 1930 até o Governo Constitucional. Vargas e seu grupo político começaram a implantar medidas autoritárias e nacionalistas, essas medidas conduziram o governo, aos poucos, para o Estado Novo (1937 – 1945), momento em que ele infringiu a Constituição de 1934 e declarou o golpe. E assim se iniciava o Estado Novo, também conhecido como ditadura Vargas, pela repressão, a presença muito forte do nacionalismo e do autoritarismo.

O Estado Novo interferiu na forma de viver das pessoas. O Estado era considerado detentor de todo o poder e cabia à população realizar tudo que era imposto. “Estes modelos nacionalistas foram comuns à ditadura Vargas, uma vez que nesse Governo partia-se do princípio de que era preciso construir uma realidade que deveria ser aceita por todos e o Estado ocuparia um papel importante na integração das partes da nação” (ORTIZ apud OLIVEIRA, T. 2016, p. 24).

Vargas focou muito na educação e a usou, segundo Oliveira, T. (2016), como um dos eixos para dar notoriedade à ideologia estado-novista pelo seu grande potencial de transformação e socialização. A cultura também sofreu intervenção do Estado nessa época. Devido à forte postura centralizadora nesse período, entendia-se que a cultura e manifestações culturais “só podiam se dar por meio da tutela política”, como aponta Oliveira, T. (2016, p. 25). O Governo ficou responsável por, praticamente, tudo nesse período, inclusive, segundo Oliveira, T. (2016), orientar o povo, que foi considerado como massa amorfa e indiferenciada.

O Governo também criou o Departamento de Imprensa e Propaganda (DIP), que ficou responsável “pela vigilância das produções do cinema, teatro, rádio, turismo, divulgação e imprensa, realizando um controle ideológico e estimulando publicações favoráveis ao Estado Novo” (OLIVEIRA, T. 2016, p. 25).

Mas não foi a primeira vez que Vargas utilizou a imprensa para divulgação de seus interesses. No ano de 1931 foi criado o Departamento

Oficial de Propaganda (DOP), mas o seu mau êxito fez com que ele fosse substituído, em 1934, pelo Departamento de Propaganda e Difusão Cultural (DPDC) que também se “encarregaria de acompanhar o cinema, a radiotelegrafia e outros meios de comunicação de massa” (SILVA; CARNEIRO apud OLIVEIRA, T. 2016, p. 25). O DPDC funcionou até 1938, quando se tornou Departamento Nacional de Propaganda (DNP), que foi substituído pelo DIP em 1939. Ele teve suas funções ampliadas, onde só eram veiculados assuntos que beneficiavam o governo em questão.

O governo de Vargas viu na imprensa, sobretudo no jornalismo, uma forma de disseminar as informações que eram convenientes para eles. Por isso, usaram muito desse meio para fazer com que a população desse uma certa credibilidade ao novo que estava sendo construído. Como mostra Oliveira, T. (2016), as mudanças políticas, econômicas e culturais precisavam ser acreditadas pela população e, por isso, o Governo fez um uso tão massivo dos meios de comunicação.

Ditadura Vargas no Piauí

No período das oligarquias no Brasil todos os estados ficaram dependentes do poder que se alternava entre Minas Gerais e São Paulo, até o começo da Era Vargas. Mas no Piauí a realidade era diferente, mesmo com o fim das oligarquias, a nível nacional, o estado não ficaria livre das velhas formas de politicagem.

Macêdo (2017) traz um olhar mais crítico quanto à realidade do estado quando fala da forma que era feita a política. Ela era exercida por um número pequeno de pessoas selecionadas, que, geralmente, vinham da mesma família ou grupo político, pessoas do mesmo partido ou classe, atendendo, primeiramente aos interesse dos mesmos, “não pode se tratar de outra coisa a não ser um coronelismo, uma oligarquia” (MACÊDO, 2017, p. 29). Para Victor Leal (apud MACEDO, 2017, p. 29) “o coronelismo é uma forma peculiar de manifestação do poder privado”.

O Piauí, por longos anos, foi influenciado pela organização social e política do coronelismo, que era a representação máxima de poder naquela região. As cidades foram comandadas por famílias de coronéis por anos e anos. Os sobrenomes das famílias que permaneciam no poder era muito forte.

Os coronéis eram considerados os chefes locais, o poder deles era facilmente confundido com o poder político, os dois poderes caminhavam lado a lado e facilmente se misturavam. “[...] O ‘coronelismo’ é [...] uma troca de proveitos entre o poder público [...] e a decadente influência social dos chefes locais [...] a base de sustentação das manifestações de poder privado ainda tão visíveis no interior do Brasil” (LEAL apud MACÊDO, 2017, p. 29).

Os efeitos da queda da Bolsa de Valores de Nova Iorque também chegaram ao Piauí, “provocando a redução do comércio e o fechamento de casas comerciais. Isso se deve ao fato de o Piauí naquele contexto, ter como uma das bases de sua economia, o extrativismo vegetal” (MACÊDO, 2017, p. 29). E isso trouxe consequências para o Estado que, segundo Macêdo (2017), teve uma diminuição na arrecadação de impostos e o declínio das receitas orçamentárias.

Segundo Macêdo (2017, p. 29) “a elite piauiense era composta por comerciários, proprietários de latifúndios, intelectuais e políticos [...]”, e essa elite tinha a intenção de formar facções, ou seja, forças políticas que tinham como objetivo fazer parte efetiva do poder, eles “aspiravam ao poder” (RÉMOND apud MACEDO, 2017. p. 29).

Por causa da disputa de interesses e as circunstâncias econômicas em que o Estado se encontrava após a crise, era inevitável a formação de alianças. Macêdo (2017, p. 29) confirma isso quando diz que “não há como se estruturar um governo dentro da perspectiva de política de jogo [...] sem que haja a formação de alianças - que se trata de uma estratégia - para a preservação e perpetuação dos interesses do grupo que se encontra como dominante.” E assim, surgem os indivíduos que têm as

melhores condições de jogar o jogo político, ou seja, indivíduos que possuem ligações externas, capital de influência e bons relacionamentos.

Nesse sentido, pode-se perceber que o coronelismo esteve presente no Piauí durante a era Vargas. Na verdade, ele já estava presente muito antes desse período ditatorial, quando o Piauí já vivia sob influência desses senhores e o povo que vivia no estado não tinha, de fato, sua liberdade.

A forte presença do coronelismo no Piauí nos anos 30, levando em consideração que o recorte temporal entre 1930 e o início do Estado Novo, 1937, é relativamente pequeno, e, considerando também, que os avanços daquele tempo no Estado do Piauí eram lentos, nos fez refletir sobre a possibilidade de que na cidade de Picos a presença do coronelismo fosse muito forte, fazendo com que não houvesse liberdade de expressão, no período do Estado Novo, até mesmo em uma pequena cidade do interior do Piauí.

Isso nos leva a questionar também sobre como seria a comunicação na época, pelo fato do poder estar concentrado nas mãos de poucos e eles serem detentores das memórias desse período. O Piauí foi um dos primeiros estados brasileiros a aderir ao Estado Novo. De acordo com Tavares (2003) o governador do Piauí, Leônidas Melo, assumiu o cargo em 1935 e em 1937 aderiu ao Estado Novo, ficando no poder até 1945, o último ano do período ditatorial. "Com a ascensão do Estado Novo, no Piauí, assumiu como interventor Leônidas Melo e, em Picos, Adalberto de Moura Santos, conhecido como Bertim Santos, tornou-se intendente municipal, ficando no poder de 1938 a 1945" (SOUSA, 2009, p. 113-4).

Para entender como era a comunicação nesse período, também é importante saber o que estava acontecendo politicamente na época. É importante ressaltar que nos anos que antecederam o Estado Novo, Picos teve uma troca constante de interventores que ficavam responsáveis pela cidade. Somente no ano de 1938, com a posse de Adalberto de Moura Santos, esse cargo foi ocupado por muitos anos, até a queda do regime ditatorial de 1937 (Quadro 1).

Quadro 1 — Interventores e prefeitos da cidade de Picos de 1928 até 1937

Ano	Interventor (e a partir de 1933 prefeito)
1928 -1930	Antenor Martins Neiva
1930 -1931	Eliseu Pereira Nunes
1931	Justino Rodrigues da Luz (2 meses)
1931	Filandro Portela Richard
1931-1932	Braz Costa
1932	Plínio Mozart de Moraes
1932-1933	Justino Rodrigues da Luz
1933 -1935	Eliseu Pereira Nunes
1935	Brocardo da Costa Leitão (por cinco meses, enquanto Eliseu Nunes foi se tratar no Rio de Janeiro)
1935 – 1937	Justino Rodrigues da Luz (foi eleito através de votação para prefeito. Inicialmente Eliseu Nunes tinha ganhado, mas uma urna onde ele tinha a maioria dos votos foi anulada, depois desse acontecimento a votação continuou e Justino Luz foi eleito prefeito)

Fonte: Albano e Silva (2011)

Segundo o livro *Picos nas anotações de Ozildo Albano*, no ano de “1937 com a implantação do Estado Novo, Justino Rodrigues da Luz é destituído da função de Prefeito, assumindo seu lugar Francisco de Sousa Santos, por ato do sr. Interventor do Estado, Leônidas de Castro Melo” (ALBANO; SILVA, 2011, p. 49). No ano seguinte, 1938, Francisco de Sousa Santos deixou o cargo de prefeito, sendo substituído pelo filho, Adalberto

de Moura Santos, que permaneceu nesse cargo até o ano de 1945, quando o movimento militar depôs Getúlio Vargas.

A professora Nevinha Santos, esposa do então prefeito da cidade de Picos, escreveu relatos desse período, que, posteriormente, viraram livro. No entanto, os relatos falavam mais de sua vida como professora e, no que se referia à cidade, só levou em consideração os aspectos positivos do que seu marido fez, o progresso da cidade de Picos, que até campo de aviação ganhou.

A cidade ganhou várias obras públicas, como usina elétrica, mercado central e da carne, matadouro público, posto de saúde na sede do município, construção da Praça Félix Pacheco, rede de esgotos, campo de aviação, Prefeitura Municipal, Escola Municipal Landres Sales, avenidas, ruas e praças, banda de música, fundação do jornal *A Ordem*, além de tornar-se obrigatória a execução do hino nacional nas escolas municipais (SOUSA, 2009, p. 115).

Durante o período ditatorial, fala-se muito dos progressos que a cidade de Picos teve, afinal ocorreram muitas obras e uma certa modernização da cidade. Porém o pouco material que foi encontrado sobre esse período na cidade deixa lacunas de como aconteceu o regime de fato, como era a vida das pessoas que não faziam parte da elite naquela época.

Uma das criações desse período foi o jornal *A Ordem*, que foi citado algumas vezes por Santos (2011), quando falava do que seu pai (Bertinho Santos) fez quando foi prefeito da cidade e também foi citado por Sousa (2009). Mas não foi encontrado nenhum exemplar desse jornal desse período nos poucos lugares de memória da cidade de Picos.

Outro ponto que pode ser levado em consideração são os relatos da professora Nevinha quando o período do Estado Novo acabou. Em seus escritos ela descreveu como alguns picoenses agiram quando receberam a notícia da queda de Getúlio Vargas.

Quando o presidente Getúlio Vargas caiu, caiu também o prefeito de Picos, meu esposo. A notícia da “queda” chegou de surpresa, inesperadamente, e a cidade ficou em polvorosa. Uma minoria de seus habitantes saiu para as ruas gritando horrores. Foi um triste espetáculo. Descontrolado o povo, junto aos chefes e chefetes,

todos começaram a destruição de tudo que encontravam pela frente (SANTOS, 2011, p. 28).

Em sua escrita a professora Nevinha parece impactada com os acontecimentos pós-queda do Estado Novo, mas o fato de um grupo de pessoas ficarem eufóricas e saírem pelas ruas da cidade destruindo algumas obras que foram construídas nesse período, dentre elas está a prefeitura municipal, abre margem para se pensar em quão descontente estaria o povo da cidade em relação ao regime que foi imposto durante anos.

Entender a comunicação que se teve antes e durante o Estado Novo também são aspectos importantes para que se entenda as condições que o jornalismo dispunha para atuar durante o período.

Entendendo a comunicação de Picos antes do Estado Novo

Já que não foram encontrados registros mais específicos, que pudessem dar sustentação suficiente para a pesquisa só durante o período do Estado Novo, tivemos que olhar para o passado para entender o contexto em que a cidade estava inserida até os anos específicos que estamos estudando.

Para entendermos como era a comunicação na cidade de Picos no período do Estado Novo é importante compreender e visualizar como foi a criação da cidade e todo o seu contexto histórico e social até o recorte temporal desejado (1937 – 1945).

A cidade de Picos nasceu a partir de uma fazenda de gado. O rio Guaribas, que hoje corta a cidade localizada onde antes havia as fazendas, contribuiu para a sua formação. Segundo Vieira (2005), no século XVII já havia registros de fazendas estabelecidas às margens do Guaribas, mas foi no século XVIII que membros das famílias Borges Marinho e Souza Brito se instalaram e, posteriormente, criaram fazendas, sítios retiros e capelas que, posteriormente, tornaram-se a família Borges Leal, que é a mais conhecida quando se trata da criação da cidade de Picos.

Picos não foi diferente do surgimento de outras povoações piauienses; ou seja, uma comunidade organizada a partir do criatório de gado, inicialmente como uma fazenda plantada às margens do rio Guaribas pelo colonizador português, que chegava ao sertão do Nordeste brasileiro, em terras distantes do litoral, onde o poder não estava concentrado nas mãos dos senhores de engenho, mas nas dos senhores criadores de gados, em uma sociedade onde “aqueles que não eram vaqueiros desejavam ser (VIEIRA, 2005, p. 21).

Como aponta Vieira (2005), o povoado era liderado pelos senhores criadores de gado, os coronéis, a economia baseada somente na pecuária e na agricultura de subsistência. A educação com foco na escolarização não estava presente, inicialmente, nesse povoado. Os vaqueiros eram responsáveis por cuidar das fazendas, junto aos coronéis, que ficavam responsáveis pela parte econômica. As mulheres seguiam o modelo baseado no patriarcado que veio da Europa junto com as famílias portuguesas, que passaram a residir no local, elas ficavam responsáveis por cuidar da casa e dos filhos.

Também segundo Vieira (2005) Picos foi elevada à situação de freguesia em 1851 e em 1855 foi elevada à de Vila. Picos se tornou município logo após a cidade de Oeiras deixar de ser capital estadual - não foi encontrada uma data específica para esse acontecimento. “As informações relativas a Picos, na segunda metade do século XIX evidenciam a existência de um núcleo populacional considerável, com um comércio de movimentação relativa que se intensificava em dias de feira” (Vieira, 2005, p. 34).

Em relação à educação, em seus vários estágios de evolução (freguesia, vila, município) houve iniciativas educativas, mas de forma tímida. Segundo Vieira (2005), alguns períodos tiveram a presença de professores leigos e, antes da criação da primeira unidade escolar estadual da cidade, houve a presença de algumas escolas particulares, que não duraram muito tempo. Segundo Vieira (2005), talvez pela falta de

alunos e, em seguida, pela criação da unidade escolar Grupo Escolar Coelho Rodrigues.

Ainda em relação à educação no município, Albano e Silva (2011) mostram que o grupo Escolar Coelho Rodrigues foi criado em 1929, mas só passou a ter sede própria três anos depois, em 1933. Com a criação do grupo escolar na cidade, três professoras foram contratadas para dar aula, uma delas foi a professora Maria das Neves Castros Santos, conhecida como professora Nevinha.

Santos (2011) traz escritos onde a professora Nevinha caracterizava a cidade de Picos como uma cidade pequena, limpa e bonitinha. Em uma de suas falas ela relata que só havia três ruas calçadas quando chegou à cidade. Santos (2011) também trouxe escritos onde a professora Nevinha dizia que quando chegou a Picos quase todas as crianças de 06 a 14 anos eram analfabetas. Dessa forma, entende-se que a criação do grupo escolar foi um grande marco para a cidade. Mais tarde a professora se tornou a primeira-dama da cidade, quando o seu marido se tornou prefeito no período do Estado Novo.

No livro que fala sobre memórias de Ozildo Albano, os autores Albano e Silva (2011) mostram uma linha do tempo contando alguns marcos importantes da cidade. No ano de 1900 foi inaugurado, um telégrafo com a linha telegráfica de Teresina (capital) a Picos, que possibilitava a comunicação da cidade de Picos com a capital, mas não há escritos mais profundos sobre esse assunto.

No ano de 1910, no dia 15 de novembro, surgiu o primeiro jornal de Picos, *O Aviso*, que foi fundado pelo coronel Joaquim das Chagas Leitão. Ter um jornal nessa época - antes da criação da primeira unidade escolar estadual da cidade - pode falar muito de como foi construída a comunicação da cidade, já que o jornal foi criado por um coronel - que era quem tinha a concentração de poder daquela época - e tinha-se uma população que não era escolarizada, ou seja, poucas pessoas sabiam ler e escrever. Era um jornal escrito para um público seletivo, que sabia ler e não fazia parte de classes menos favorecidas economicamente.

A chegada de luz elétrica pode ser considerado um marco importante para a cidade de Picos e também para o eixo comunicacional, uma vez que a eletricidade ajudou na modernização e até na criação de equipamentos. A luz elétrica chegou na cidade em 15 de agosto de 1928.

O desenvolvimento da cidade acontecia a passos lentos. Além dos fatores ambientais que traziam preocupações para a população, como a grande enchente do Rio Guaribas em 1924 e a grande seca na região em 1932, a primeira rua larga de Picos surgiu em 1930 e só em 1948 a rodovia BR-230 chegou à cidade. Pelo que foi encontrado sobre a cidade nos anos que antecederam o período do Estado Novo e durante o Estado Novo (1937-1945), Picos era uma cidade pequena e pouco desenvolvida.

A cidade começou a se desenvolver de forma mais rápida nos anos de 1950, após o período autoritário de 1937. No livro *Picos: os verdes anos cinquenta*, Duarte (1995) retrata como era a vida das pessoas da cidade nessa época. Entender o que aconteceu nesse período e como se deu o desenvolvimento da cidade nesses anos faz com que reflitamos sobre como era antes. Se o desenvolvimento começou a chegar na cidade com mais força nos anos 1950, isso significa que antes a cidade tinha bem menos do que é retratado nesse período.

A vida em Picos na paisagem da década de 40 para os anos 50 tinha a pacatez e o aspecto provinciano de um aglomerado urbano quase-rural. De acordo com o IBGE, a população do município era, em 1950, de 54.713 habitantes, sendo que 50.145 (91,65%) viviam na zona rural e apenas 4.568 (8,35%) tinham domicílio na área urbana (DUARTE, 1995, p. 43).

Se a população de Picos já nos anos 50 ainda era muito pequena na zona urbana, pode-se supor que – no recorte temporal que traçamos, entre 1937 a 1945 – ela era igual ou até mesmo menor. Picos tinha uma característica bem interiorana, o seu *boom* de desenvolvimento foi nos anos cinquenta, apesar da existência de relatos de que no período do Estado Novo houve desenvolvimento, com a construção de praças dentre outras obras.

A forma de se comunicar de um povo e de uma cidade está ligada à infraestrutura da cidade e aos fatores sociais e políticos. Por isso, baseada em como era a comunicação antes, pode-se ter uma ideia de como aconteceu a comunicação no recorte temporal em questão, que é o período do Estado Novo na cidade de Picos (1937-1945).

Como era feita a comunicação no município de Picos-PI durante o período do Estado Novo (1937-1945)

Apesar do grande interesse em pesquisar sobre a comunicação nesse período, a falta de lugares de memória na cidade e do próprio material para a análise dificultaram o processo, nos frustrando algumas vezes. Como até o momento não encontramos material jornalístico para a análise do recorte temporal desejado, tivemos que ir em busca de como a cidade de Picos nasceu para entendermos um pouco do seu contexto como cidade para avaliar se conseguiríamos construir, através de poucos rastros, como foi feita a comunicação na época do Estado Novo.

De fato, encontramos informações que foram animadoras, como a de que em Picos, nos anos de 1900, existiu um telégrafo que possibilitou a comunicação da cidade com a capital. Picos também contou com dois jornais impressos em 1910 e 1913, ao que tudo indica de pouca circulação, pela época em questão e pela baixa escolaridade das pessoas que moravam na cidade nesse período.

Estudando como a cidade de Picos foi criada e o seu desenvolvimento até o período do Estado Novo podemos perceber que Picos era uma cidade bem interiorana. Segundo Santos (2011) a cidade tinha poucas ruas pavimentadas, o que significa que o chão era de “terra batida”. A cidade também vinha de um contexto de coronelismo.

A educação só começou a ser disponibilizada para a maioria da população com a chegada do primeiro grupo escolar, em 1928. A cidade era tão carente do básico que as obras realizadas pelo prefeito Bertinho Santos, durante o seu mandato, foram comemoradas como grandes feitos

e um grande desenvolvimento para a cidade. As obras em questão foram: o mercado central e da carne, matadouro público, posto de saúde na sede do município, construção da Praça Félix Pacheco, rede de esgotos, campo de aviação, Prefeitura Municipal, Escola Municipal Landres Salis, avenidas, ruas e praças.

O que nos deixou mais pensativas foi o jornal *A Ordem*, que foi criado justamente no período do Estado Novo. O jornal foi citado em duas obras que falam da professora Nevinha, que foi a primeira-dama da cidade nesse período. Mas, apesar de ter existido, não foram encontrados exemplares nos lugares de memória da cidade de Picos. É importante ressaltar que o único lugar de memória da cidade que disponibiliza materiais para a análise é o Museu Ozildo Albano, que é particular e contém um acervo muito limitado por causa do seu espaço físico.

Em trecho de sua tese, a pesquisadora Marylu Oliveira (2016) fala sobre um telegrama recebido da cidade de Picos: “o telegrama que recebera de Picos sobre a violência cometida contra os opositores naquela cidade, distante 300 km da capital. No telegrama o Sr. Julio Carvalho se queixava de que [...]” (OLIVEIRA, M. 2016, p. 119).

A autora, de certo modo, apresentou a informação de que havia uma troca de telegramas das pessoas da cidade de Picos com a capital, Teresina. Desse modo, consideramos que o telegrama também era uma forma de comunicação das pessoas daquela época. Acreditamos que estes telegramas podem ter sido utilizados até mesmo para subsidiar o trabalho jornalístico, uma vez que, sobretudo, durante as guerras mundiais, esta forma de comunicação, além das cartas, foi um meio de obter informações.

Esta pesquisa faz parte de uma pesquisa maior que investiga a comunicação e o jornalismo em Picos durante o Estado Novo. Apesar da dificuldade de encontrar lugares de memória e rastros sobre o período, acreditamos que cabe a nós como pesquisadoras continuarmos a investigar o tema, uma vez que se trata de um período em que a imprensa viveu forte cerceamento de liberdade.

Considerações finais

Falar sobre comunicação no interior, mais precisamente em Picos, no período do Estado Novo, foi desafiador. Infelizmente, a cidade não conta com muitos lugares de memória, o que dificultou muito a nossa pesquisa. A existência de poucos lugares de memória faz com que o tema seja praticamente silenciado e o silêncio é ruim para a sociedade e para os pesquisadores. A ausência traz prejuízos, pois fica uma lacuna do que aconteceu de fato nesse período.

Também conseguimos perceber que em termos de comunicação a cidade era pouco desenvolvida, pois tinha um baixo índice educacional e pouco acesso à tecnologia. Ao fazer uma linha do tempo da cidade de Picos foi possível perceber que a cidade era de fato bem interiorana e pouco desenvolvida. O crescimento chegou a Picos com mais força na década de 1950, tudo a passos lentos.

Por fim percebemos que a falta de lugares de memória, conseqüentemente, leva à falta de materiais para a pesquisa. O fato de não termos encontrado nenhum exemplar do jornal *A ordem*, por exemplo, foi um ponto desafiador, pois soubemos da existência do jornal, mas não conseguimos ter acesso.

Porém, aqui não é posto como o fim dessa pesquisa, os achados até aqui nos abriram caminho para ir em busca de materiais mais concretos sobre a comunicação nesse período na cidade de Picos. Dessa forma, não encerramos a nossa pesquisa como um todo, abrimos margem para ir em busca de novos rastros, de suprir as lacunas e compreender melhor a comunicação e o jornalismo no período em questão.

Referências

ALBANO, Maria da Conceição Silva; SILVA, Albano. **Picos nas anotações de Ozildo Albano**. Picos – PI, 2011.

DUARTE, Renato. **Picos: os verdes anos cinquenta**. 2ª ed. Recife: Graf. Ed. Nordeste, 1995.

GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2008

MACÊDO, Jackson Dantas. **Um tiro no pé ou consciência**: O Estado Novo no Piauí e as eleições de 1945. Monografia, 142 páginas. Picos, Universidade Federal do Piauí, 2017.

NORA, Pierre. **Entre História e Memória**: a problemática dos lugares. Proj. História. São Paulo, 1993.

OLIVEIRA, Marylu Alves de. **Da terra ao céu**: culturas políticas e disputas entre o trabalhismo oficial e o trabalhismo cristão no Piauí (1945-1964). Tese: 534 páginas. Fortaleza: Universidade Federal do Ceará, 2016.

OLIVEIRA, Thamyres Sousa de. **O Jornalismo Piauiense e a Censura em Tempos de Estado Novo**. Dissertação, 189 páginas. Teresina, Universidade Federal do Piauí - UFPI, 2016.

SANTOS, Luiz Ayrton. **Professora Nevinha**: pioneira na educação. Teresina: Gráfica Diário do Povo, 2011.

SOUSA, Jane Bezerra. **Ser e fazer-se professora no Piauí no século XX**: a história de vida de Nevinha Santos. Tese, 236 páginas. Uberlândia, Universidade Federal de Uberlândia, 2009.

VIEIRA, Maria Alveni Barros. **Educação e sociedade picoense**: 1850 a 1930. EDUFPI: Piauí. 2005.

TESTEMUNHO OCULAR DE CRISTINO VARÃO

análise fotodocumental

Mikaelly Nagyla da Silva Santos
Mayara Sousa Ferreira

Fotografias como testemunhas oculares de um tempo

Os documentos visuais são fontes de pesquisa para as ciências sociais aplicadas e para as ciências humanas, assim como outros tipos de documentos, como escritos, impressos, digitais e orais. Fontes visuais, embora pouco utilizadas, são muito simbólicas e significativas no âmbito da história. Desde pinturas a fotos digitais, imagens podem ser registros que apontam para a história e a memória.

Fotografia significa escrever (grafia) com a luz (foto). Uma máquina fotográfica permite a escrita com luz, afirma Sousa (2002). Do cotidiano ao registro documental, a fotografia exerce papel importante na construção social e histórica da sociedade brasileira. Imagens são especialmente valiosas na reconstrução da cultura cotidiana de pessoas comuns, como aponta Burke (2004). Em períodos extremos, como na ditadura, exibiram ângulos ocultos devido à censura.

Assim sendo, esses vestígios imagéticos podem ser entendidos e utilizados como fonte secundária de uma pesquisa historiográfica, mas também como fonte primária de informação. Neste trabalho, adotamos a segunda perspectiva.

A ótica sobre fotografias como testemunhas oculares de um tempo e de um lugar parte dos estudos sobre testemunhas oculares, de Burke (2004). Com ele, entendemos a fotografia como fonte de memória para a história.

No Piauí, estudos desse tipo são um tanto escassos, existem poucos registros do fotojornalismo em décadas passadas conservados e acessíveis ao nosso tempo. É comum a preservação de acervos pessoais ou de fotógrafos que exerciam a profissão na época, mas raramente de iniciativa organizacional.

Entre tais, apontamos o acervo de Cristino Varão, objeto de estudo deste trabalho. Parte do material encontra-se disponível no Museu Ozildo Albano¹, e também em espaços de fácil acesso, como a internet. Para essa pesquisa foram utilizados os registros fotográficos presentes no acervo *online*, preservados por sua filha, Cristina Varão, em página do Facebook².

Vale dizer que a abordagem presente integra um projeto maior desenvolvido no PIBIC (Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica) junto à UESPI (Universidade Estadual do Piauí), qual seja: *NARRATIVAS DE CRISTINO VARÃO: memórias iconográficas da cidade de Picos e do fotojornalismo do Piauí*.

Assim, neste trabalho, o objetivo é analisar fotografias documentais de Cristino Varão como testemunhas oculares de seu tempo. Para tanto, vamos identificar temas recorrentes nas fotos, classificar abordagens nas fotografias de Cristino Varão e analisar a composição fotojornalística da sua iconografia.

Iniciaremos por uma abordagem mais teórica, entendendo como a fotografia pode ser fonte documental de um tempo, observando os restos de memórias que ela carrega e as abordagens históricas que podem ser preservadas. Seguiremos analisando as fotografias, temas e composição, conforme segue.

Testemunho Ocular como método

O trajeto metodológico do presente trabalho, é fundamentado na pesquisa documental, que trata como fontes os documentos de todos os tipos, não só documentos impressos, mas também, jornais, fotos, filmes, gravações e documentos legais (SEVERINO, 2007). No caso do presente trabalho, tais documentos são as fotografias de Cristino Varão preservadas em acervo *online* no Facebook, “Foto Varão - Memórias”.

¹ O Museu Ozildo Albano encontra-se fechado desde 2020, quando do início das medidas restritivas devido à pandemia da covid-19, até o período de desenvolvimento desta pesquisa. Por esse motivo, optamos por trabalhar com o acervo de Cristino Varão disponível na internet por iniciativa de sua filha, Cristina Varão.

² www.facebook.com/fotovaraomemorias

No acervo citado, foram catalogadas 215 fotografias, publicadas por volta dos anos de 2015 e 2018. O ano em que os registros fotográficos foram feitos é pouco citado. Organizado em álbuns nomeados conforme a temática, o acervo conserva imagens de uma Picos antiga, mas que revela traços presentes na cultura atual, tanto da preservação arquitetônica, como das vias econômicas da cidade. Para a pesquisa consideramos fotografias que retratam não só momentos históricos, mas também aqueles que estão presentes nesses vestígios da memória coletiva.

Assim, será possível compreender como o testemunho ocular de Cristino Varão colaborou com a preservação de certa memória coletiva, a partir da foto documental, bem como sua contribuição para o fotojornalismo piauiense em períodos passados.

Para analisar essas fotografias, o trabalho parte da proposta de método de Burke (2004) sobre testemunha ocular. Em tese, é a prática de retratar, através de imagens, não só eventos políticos, tendências econômicas ou estruturas sociais, mas também a história do cotidiano de pessoas comuns ou de cidades, o uso da imagem como evidência histórica a partir de um olhar ou testemunha ocular (BURKE, 2004).

A partir da história cultural, usar esse tipo de fonte se torna cada vez mais comum no campo da evidência histórica e da pesquisa, ao lado de textos literários e testemunhos orais (BURKE, 2004).

[...] é certamente impossível estudar o passado sem a assistência de toda uma cadeia de intermediários, incluindo não apenas os primeiros historiadores, mas também os arquivistas que organizaram os documentos, os escribas que os escreveram e as testemunhas cujas palavras foram registradas (BURKE, 2004, p. 16).

Como técnica de tratamento desses documentos, usamos a análise de conteúdo categorial de Bardin (2016). Tal técnica funciona como uma operação de desmembramento do texto em unidades, em categorias, segundo reagrupamentos analógicos.

Assim, neste trabalho buscamos aplicar o método na Bardin (2016) em fotografias documentais, cuja ideia é fazer a categorização de imagens por grupos temáticos (Quadro 1), destacando temas recorrentes nas fotografias, nossos testemunhos oculares.

Quadro 1 — Categorização Acervo Foto Varão Memórias

CATEGORIAS	ABORDAGEM	Nº FOTOGRAFIAS
1 - LUGARES		
- PICOS NOS ANOS 1960 E 1970	COTIDIANO, PONTOS COMERCIAIS, PAISAGISMO, EVENTOS	54 itens
- PICOS ANTIGA		36 itens
- ÁREAS URBANAS		20 itens
2 - EVENTOS		
- PRIMEIRA EUCARISTIA	CRIANÇAS, CATOLICISMO, FORMATURA, JUVENTUDE, MULTIDÃO, SOCIALIZAÇÃO, CULTURA.	12 itens
- COLAÇÃO DE GRAU		7 itens
- SETE DE SETEMBRO		29 itens
- FEIRAS CULTURAIS		26 itens
3 - PESSOAS		
- FOTOS DE ESTÚDIO	PESSOAS ENTRE CRIANÇAS E ADULTOS	29 itens

Fonte: Elaboração das autoras

Nossa investigação parte de três passos simples no processo de categorização:

1) Tabular todas as fotografias disponíveis no acervo digital em categorias temáticas:

Aqui, tabulamos todas as imagens disponíveis no acervo. Conservando sua ideia original, as categorias são notificadas conforme estão distribuídas no acervo, em álbuns nomeados pelo arquivista das fotos documentais, organizadas por sequência de publicação que parte da última para a primeira.

2) Dividir em categorias e subcategorias temáticas:

Após a tabulação com as temáticas especificadas, tratamos das subcategorias temáticas, trazendo o enfoque das imagens, e suas principais abordagens. As categorias temáticas foram classificadas em categorias amplas que abrangem subcategorias com a distribuição presente no acervo e ordenadas segundo descrição no quadro abaixo.

3) Analisar a abordagem e a composição das fotografias:

Por fim, identificamos as principais abordagens das imagens e sua composição. Temas recorrentes, trabalho fotojornalístico e principais métodos utilizados para registrar as fotografias da época formulam nosso objetivo nessa pesquisa.

O testemunho ocular de Cristino Varão

A fotografia surge por volta do século XIX, após o experimento da câmara escura, que funciona assim: os raios luminosos entram por um orifício estreito de uma câmara escura, em seguida projetam, na parte oposta, a imagem dos objetos exteriores, um pouco à semelhança do que acontece no nosso olho (SOUSA, 2002).

O ato de fotografar é entendido como algo simples, qualquer indivíduo com um aparelho fotográfico é capaz de fazer fotos de inúmeros espaços e tempos. O que muitos leigos não sabem, é que existe toda uma logística para que uma foto represente o momento registrado.

Para isso, há dois princípios básicos que fundamentam a fotografia, sendo eles o princípio da câmara escura e o da fotossensibilidade. Sousa (2002) explica que o primeiro princípio é semelhante ao que acontece no olho humano, onde raios de luminosidade entram por um orifício estreito de uma câmara não iluminada e projetam na parte oposta a imagem dos

objetos exteriores. Para a fotossensibilidade, Sousa (2002) faz analogia ao corpo exposto por dias ao sol em uma praia, situação na qual o corpo ficará com marcas de biquíni.

Assim, podemos compreender a base do ato fotográfico, que é o de captar a luz e como ela pode favorecer a foto e ainda a capacidade de armazenamento presente em máquinas fotográficas que devidamente equipada preservam imagens e tempos.

[...] a fotografia tradicional (analógica) é possível devido aos fenômenos decorrentes do comportamento da luz numa câmara escura e da fotossensibilidade de alguns materiais, ou seja, da propriedade que alguns materiais apresentam de se alterar por exposição à luz, tal como acontece com a pele, que escurece quando é exposta à luz (SOUSA, 2002, p. 37).

O acervo *online* “Foto Verão - Memórias”, base da nossa pesquisa, conserva o trabalho desenvolvido pelo fotógrafo Cristino Verão nas décadas de 1950 e 1960. No acervo foram quantificadas cerca de 215 fotografias, sendo identificadas 3 categorias temáticas que abrangem subcategorias distribuídas conforme temática. As fotografias analisadas apresentam um trabalho profissional, isso em uma época em que a profissão era pouco difundida e os registros eram feitos com equipamentos rudimentares, muito distantes dos atuais, que dispõem de mais recursos tecnológicos para o fazer fotográfico.

Qualquer usuário que acesse o acervo *online*, mesmo sem nenhum entendimento sobre a fotografia, conseguirá observar as abordagens predominantes e o seu papel como fotojornalista, logo são muitos registros em eventos, datas comemorativas, etc.

Nascido em 1917, em Picos/PI, Cristino Saraiva Verão, foi pioneiro no ramo da fotografia na cidade (BARROSO, 2015). Sua obra carrega traços de uma Picos antiga, mas que reflete no presente o cotidiano, a arquitetura e a cultura picoense. Cristina Verão, filha e arquivista de sua obra, relembra em crônica escrita postumamente, momentos que viveu com seu pai e o mundo da fotografia.

[...] acima de todas , a sua marca maior é mesmo a fotografia. Quando lembro o meu pai, ele está sempre com a sua câmera Rolleiflex pendurada no pescoço, quer seja quando trabalhando ou não, era como se a máquina estivesse a postos para um clique que pudesse surgir em especial de algum momento, isso até em nossa casa em família. Fomos muito fotografados, todos nós filhos, temos muitas imagens de nosso cotidiano, nossos momentos em nossa querida e pequenina Picos de outrora (VARÃO, 2009).

Em uma única foto é possível ter inúmeras interpretações. O leitor é quem absorve o que agrada aos olhos, o que torna a fotografia complexa e instigante. No fotojornalismo, a fotografia compõe um conjunto de especificações que devem conversar entre si e atingir o leitor com a mensagem correta.

Sousa (2002) destaca que qualquer fotografia, podendo ser ícone e até tornar-se símbolo, é, antes de mais nada, um indício ou índice da realidade, já que dá pistas sobre o momento em que foi obtida e dos contextos que representa. É de realçar que o emprego da palavra representa é intencional, pois uma fotografia nunca é o espelho da realidade. Pode representar a realidade, mas não a espelhar.

Nesse sentido, entendemos que a fotografia pode apresentar ou esconder elementos, logo é legítimo caracterizá-la como inclassificável, uma vez que não há qualquer razão para marcar tal ou tal de suas ocorrências (BARTHES, 1984).

Muitos estudos tratam da fotografia como fonte documental da história, tendo a imagem fotográfica como espelho da realidade. Para esse conceito Burke (2004) problematiza a fotografia e o estudo sobre ela, e questiona até que ponto pode-se confiar nessas imagens. Com efeito, é possível que nosso senso de conhecimento histórico tenha sido transformado pela fotografia (BURKE, 2004).

Embora se tenha questionamentos sobre a veracidade de imagens, no que entendemos do testemunho ocular de Cristino Varão, sua ideia foi tentar retratar a realidade vivida por ele naquela época, principalmente

quando sua iconografia traz à tona a vida cotidiana da cidade de Picos. Fato que caracteriza seu trabalho fotodocumental.

[...] de qualquer forma, a seleção de temas e até de poses das primeiras fotografias frequentemente seguiam o modelo das pinturas, gravuras em madeiras e entalhes, ao passo que fotografias mais recentes aludem às mais antigas. A textura da fotografia também transmite uma mensagem (BURKE, 2004, p. 27).

Imagens são resquícios do passado vividos e retratados por alguém. Com as fotografias, esse passado se torna mais expressivo e presente. O acervo “Foto Varão - Memórias”, a partir de suas imagens, traz muitas lembranças de épocas passadas, de uma Picos antiga, e que através dessas fotografias permanecem vivas na memória coletiva. Como aponta Halbwachs (1990), quando retornamos a uma cidade onde estivemos anteriormente, aquilo que percebemos nos ajuda a reconstituir um quadro em que muitas partes estavam esquecidas.

Temas recorrentes nas fotos

O acervo *online* é organizado em álbuns, com nomes que direcionam ao conteúdo que será encontrado. Consideramos um acervo grande para o meio *online* e cremos que essa forma de organização facilita a experiência do usuário. As fotografias nos fazem pensar que seu autor era alguém que gostava de registrar o cotidiano, pois em todos os álbuns há fotos da vida urbana, assim como antigos prédios. As preservações arquitetônicas são temas recorrentes de sua iconografia.

Para a pesquisa, priorizamos as categorias identificadas para que possamos tratar da análise de forma aprofundada, buscando apresentar temas recorrentes de sua iconografia, assim como segue.

Na primeira categoria identificada, nomeada “Lugares”, foram catalogadas 110 fotografias, sendo em sua maioria imagens urbanas da cidade Picos, de patrimônios históricos, com forte presença também da vegetação predominante da época.

Em sua maioria, são fotografias das ruas e das paisagens urbanas, tendo pouca presença humana, embora nessa categoria também exista a presença de registros principalmente da juventude em paisagens e pontos turísticos da cidade ou até mesmo nas ruas, sendo esse um tema predominante na sua iconografia. Burke (2004) entende que historiadores urbanos frequentemente utilizam pinturas, impressos e fotografias para imaginar e possibilitar que seus leitores imaginem a antiga aparência das cidades.

Por ser um acervo grande, trabalhamos com categorias e subcategorias, de modo a fazer uma análise ampla e minuciosa. Na categoria “Lugares” identificamos três subcategorias, sendo elas “Picos anos 60/70”, “Picos antigo” e, por fim, “Áreas urbanas”.

Fotografia 1 — Centro histórico de Picos

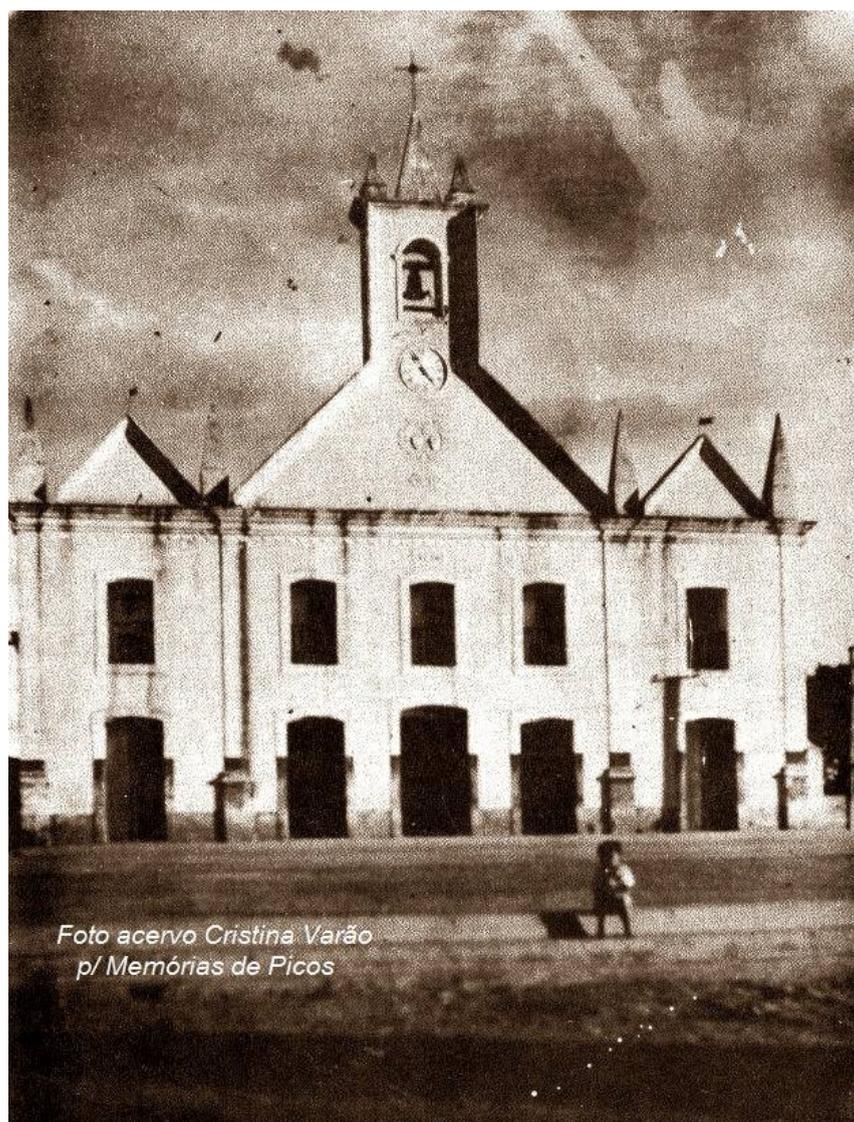


Fonte: Foto Varão Memórias (2015)

O álbum “Picos anos 60/70” conta com 54 fotografias distribuídas aleatoriamente, sem organização por temática, mas notamos a presença frequente de imagens de paisagens e de patrimônios significativos para a cidade. Como podemos observar na Fotografia 1.

No álbum “Picos Antigo”, também enquadrado na categoria “Lugares”, identificamos muitas fotografias de pontos de referência para a cidade, como igrejas e praças. O álbum subdivide-se em fotos de pessoas e lugares, pois há registros de pessoas em espaços históricos e em eventos. Assim como identificado na Fotografia 2, que segue abaixo.

Fotografia 2 — Igreja matriz de Picos



Fonte: Foto Varão - Memórias (2016f)

Como citado, o álbum também conta com o registro de pessoas, seja em eventos ou pelas ruas da cidade, como segue na Fotografia 3.

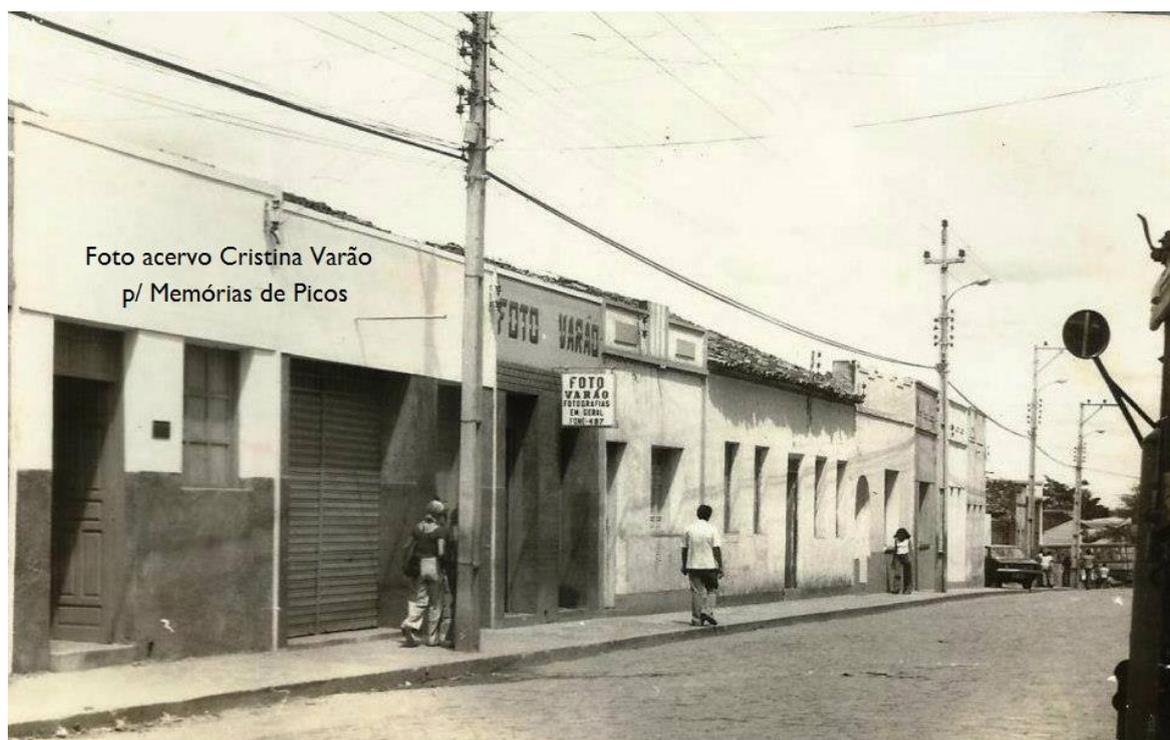
Fotografia 3 — desfile de 7 de Setembro



Fonte: Foto Varão - Memórias (2016a)

Finalizando a primeira categoria, temos o álbum “Áreas Urbanas”, que contabiliza 20 fotografias, sendo elas principalmente de ruas da cidade com a presença de pessoas ou não. Entre os registros, os mais frequentes são imagens da Rua Cel. Luis Santos, como segue na Fotografia 4.

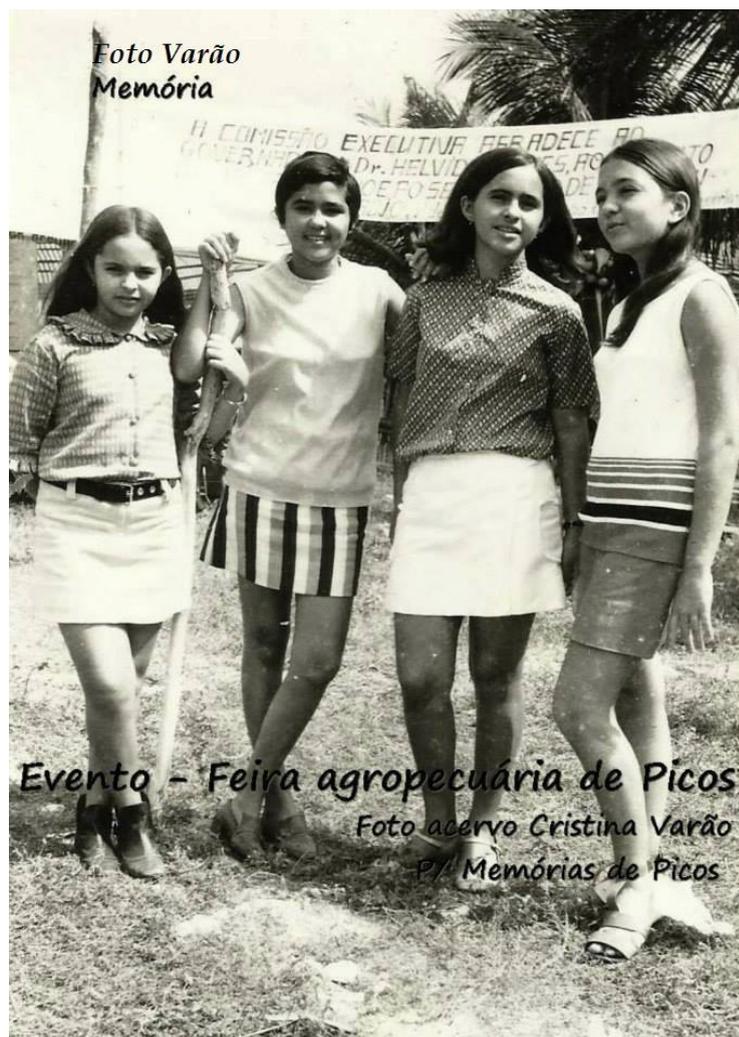
Fotografia 4 — Rua Coronel Luís Santos



Fonte: Foto Varão - Memórias (2016c)

Na categoria “Eventos”, contabilizamos 74 fotografias sendo elas de eventos de pequeno e grande porte como é o caso de feiras culturais e eventos grandes como o desfile cívico de 7 de setembro. As imagens contam, principalmente, com pessoas, seja pelas ruas ou reunidas em socialização, mas fiel ao registro documental. Como identificamos na Fotografia 5.

Fotografia 5 — Feira Agropecuária de Picos



Fonte: Foto Varão - Memórias (2018)

Por fim, temos a categoria “Pessoas”, que trata de fotografias em que Varão registra, principalmente, pessoas. É aqui que ele se distancia um pouco da temática predominante da sua iconografia, que são ambientes urbanos e paisagens. Contabilizando 29 fotografias, sendo todas elas realizadas em estúdio fotográfico. São frequentes imagens de crianças e jovens em datas simbólicas ou apenas como recordação de família, identificadas na Fotografia 6.

Fotografia 6 — Lembranças de Família



Fonte: Foto Varão - Memórias (2016e)

A partir dessa categorização, identificamos como é recorrente nas fotografias de Varão o registro de pessoas, de pontos históricos, sua presença em eventos e no cotidiano dos picoenses, em comparação a álbuns com maiores números distribuídos no acervo.

Abordagens nas fotografias de Cristino Varão

A obra de Cristino Varão é rica em vários pontos, pois traz aspectos de um período em que a fotografia era pouco desenvolvida e, mesmo com as dificuldades impostas pela falta de tecnologias e de técnicas, não cessou a sua paixão pela arte de fotografar.

Toda e qualquer expressão artística é feita sob um ponto de vista e um ideal que a norteia, e na fotografia são partes essenciais. Logo, uma imagem pode estar sujeita a uma série de interpretações que não são aquelas desejadas pelo autor da foto se não forem usadas as estratégias corretas.

Agora, vamos voltar às categorias. Na categoria 1, "Lugares", notamos como Varão buscou registrar as áreas urbanas de Picos, que são o centro histórico, a feira municipal, igreja matriz, entre outros. Na sua maioria, são fotografias em pontos altos da cidade com vista panorâmica, com enfoque em cenas do cotidiano, e da movimentação urbana (Fotografia 7).

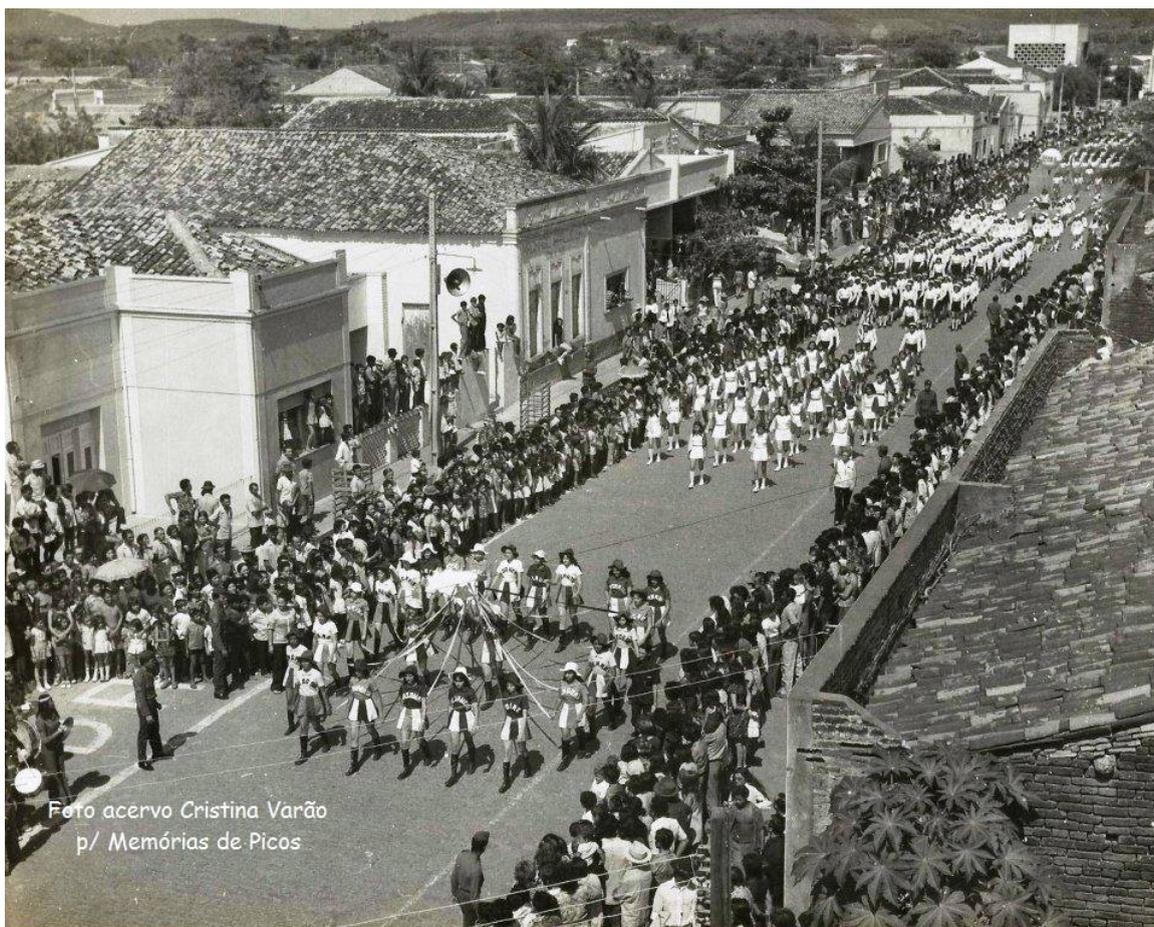
Fotografia 7 — Feira municipal de Picos



Fonte: Foto Varão - Memórias (2016b)

Na categoria 2, que são os "Eventos", Cristino prioriza a fotografia de espaços junto a pessoas. Aqui são apresentadas fotos em feiras, em eventos religiosos, em desfiles pelas ruas. Ainda assim, Varão buscou se aproximar do real, por ângulos que mostram a movimentação e espontaneidade do momento (Fotografia 8).

Fotografia 8 — Desfile Sete de Setembro



Fonte: Foto Varão - Memórias (2017a)

E, por fim, a categoria 3, classificada como “Pessoas”, ao todo são 20 fotografias que registram pessoas em estúdio, entre crianças e adultos. Neste álbum, há fotografias que têm enfoque e abordagem diferentes, pois se trata de ensaio fotográfico em que o foco se volta para a pessoa a ser fotografada. Assim, notamos principalmente fotos de perfil e de corpo, dando ênfase aos detalhes como, vestuário ou temática das pessoas fotografadas. Características identificadas na Fotografia 9, a seguir.

Fotografia 9 — Família Rocha



Fonte: Foto Varão - Memórias (2017b)

As fotografias de Cristino Varão revelam um fotógrafo apaixonado por sua arte. São muitos registros da vida das pessoas, do cotidiano, da conversa com amigos e da juventude. Apontam para a sua presença na vida dos picoenses em dias comuns, e não apenas em eventos ou datas comemorativas. Isso contribui para que as gerações futuras possam entender como era a vida de pessoas comuns.

Composição fotojornalística da sua iconografia

Aqui, chegamos ao ponto alto da nossa discussão e a base desta pesquisa: entender a composição fotojornalística presente nas fotografias de Cristino Varão. Para isso buscamos compreender o que seria o fotojornalismo mais a fundo.

Assim, surge a necessidade de fazer uma diferenciação do fotojornalismo e do fotodocumentalismo, que embora sejam termos semelhantes têm suas especificidades. Segundo Sousa (2002), o fotodocumentalismo pode reduzir-se ao fotojornalismo, uma vez que as duas atividades usam, frequentemente, o mesmo suporte de difusão (a imprensa) e têm a mesma intenção básica - documentar a realidade, informar, usando fotografias.

O trabalho fotográfico realizado por Cristino Varão exhibe características que conversam com tais termos, pois um fotodocumentalista trabalha em termos de projeto fotográfico. Mas essa vantagem raramente é oferecida ao foto-repórter, que, quando chega diariamente ao seu local de trabalho, raramente sabe o que vai fotografar e em que condições vai fazê-lo (SOUSA, 2002). Essa ideia fortalece o que sua iconografia consegue passar.

[...]embora, num sentido lato, o fotodocumentalismo seja uma das vertentes do fotojornalismo, em sentido estrito pode estabelecer-se uma diferença: o fotodocumentalista trabalha com base em projetos fotográficos e frequentemente com temas intemporais, enquanto o fotojornalista trabalha sem preparação, obedecendo à pauta (SOUSA, 2002, p. 11).

Aqui retomamos as categorias. A categoria “Lugares”, como citado, tem como marca as fotografias de paisagens e monumentos históricos de Picos, assim como a vida urbana da cidade. Seguiremos por analisar a composição fotojornalística de sua iconografia, a iniciar pela primeira categoria, que conta com o maior número de imagens distribuídas no acervo.

A linguagem fotojornalística possui especificações, que buscam pela fotografia transmitir informação, conduzindo o leitor para que a mensagem possa ser clara e transparente. Nessa análise, iremos utilizar uma dessas partes da linguagem fotográfica no fotojornalismo, sendo elas o enquadramento, planos e composição.

Como aponta Sousa (2002), o enquadramento é todo o espaço visível da realidade que foi representado na fotografia, o enquadramento se concretiza no plano. Quando se fala em composição, Sousa (2002) acrescenta que ela está ligada com a disposição dos elementos da fotografia.

Na categoria 1, identificamos que suas fotografias possuem reenquadramentos sendo esse um exercício frequente no fotojornalismo, pois assim é possível concentrar a atenção do observador no motivo e retirar da imagem elementos que desviem o olhar do que é importante (SOUSA, 2002). Podemos observar essas referências na Fotografia 10, como segue.

Fotografia 10 — Vendedor de alho



Fonte: Acervo Foto Varão - Memórias (2016h)

Nesse conjunto, notamos a presença do plano geral, que são planos abertos, fundamentalmente informativos, e servem, principalmente, para situar o observador, mostrando uma localização concreta (SOUSA, 2002). Em termos de composição, nessa categoria, em sua maioria, é utilizada a forma mais comum, que é colocar o motivo no centro, resultando no motivo simétrico (SOUSA, 2002).

Na categoria 2, que são os “Eventos” há muitos registros em massa, de grandes multidões ou de pessoas reunidas em um mesmo espaço, seja em ambiente fechado ou na rua. Apresentado o conceito de plano geral através dos estudos de Sousa (2002), essa forma de fotografar é muito utilizada em eventos de massa, em que as pessoas podem diluir-se no conjunto, mas podem também parecer personagens coletivas, com personalidade, forma e peso.

Fotografia 11 — Homenagem de Sete de Setembro

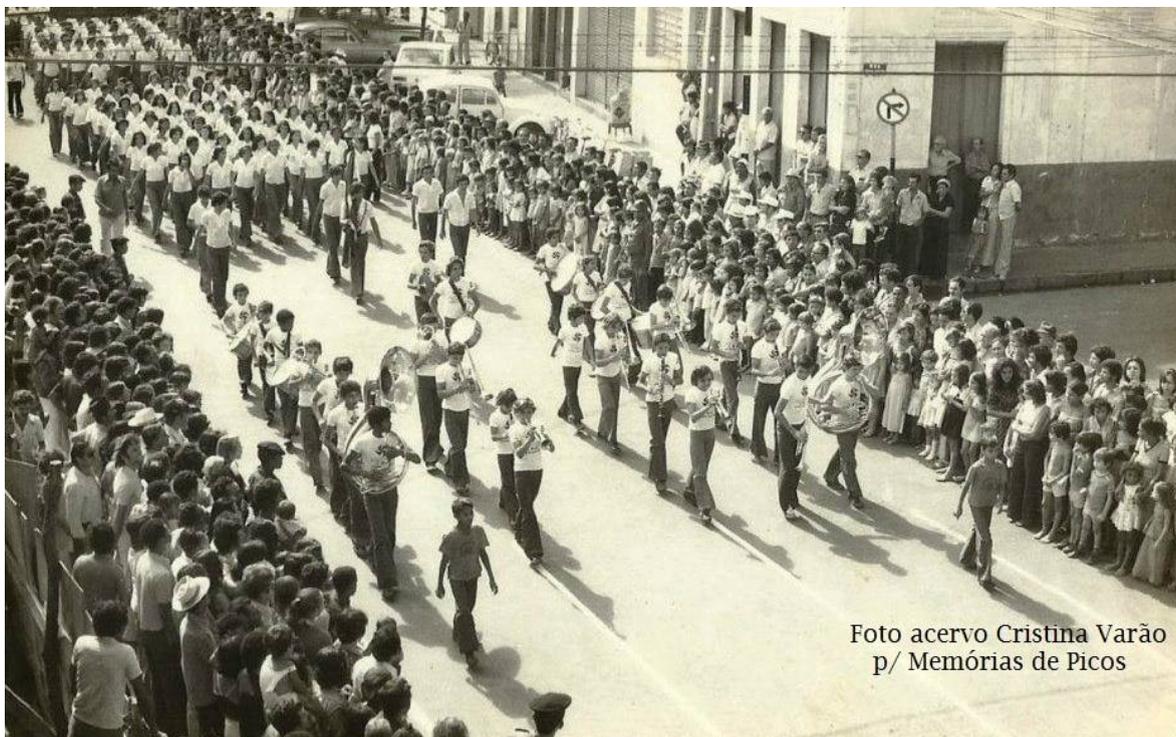


Foto acervo Cristina Varão
p/ Memórias de Picos

Fonte: Foto Varão - Memórias (2016d)

Tratando de ângulos, identificamos algo frequente nessa categoria, o plano picado, que seria quando se faz a imagem de cima para baixo, tendendo a desvalorizar o motivo fotografado (SOUSA, 2002). A Fotografia 11 exemplifica por essa ótica.

E, por fim, a categoria 3, que é a de “Pessoas”, notamos o uso do grande plano, que é quando se dá ênfase às particularidades, como o rosto das pessoas. Esse plano tende a ser mais expressivo do que informativo (SOUSA, 2002).

E ainda, a partir do conceito de composição, sua iconografia conta, principalmente, com a mais comum das composições da fotografia, que consiste em colocar o motivo fotografado ao centro (SOUSA, 2002). Nessa categoria, essa composição é mais frequente, logo são fotografias que visam as particularidades dos personagens. Como tratada na Fotografia 12, abaixo.

Fotografia 12 — Personalidade picoense



Fonte: Foto Varão - Memórias (2016g)

Em partes, nos seus registros a vida cotidiana é sempre o carro-chefe, o que nos leva a considerar a existência da presença do fotojornalismo na sua iconografia. Ele era considerado um fotógrafo que gostava de andar pelas ruas e fotografar fatos que pudessem surgir sem uma preparação prévia. Mas, também destaca o seu trabalho fotodocumental quando estava presente em eventos sociais, em datas comemorativas e em momentos históricos para a cidade.

O trabalho ocular e documental de Cristino Varão: breves considerações

Como aponta Burke (2004), imagens podem testemunhar o que não pode ser colocado em palavras. As fotografias podem traçar ângulos e perspectivas diferentes, apresentando um campo amplo para estudar o passado a partir de vestígios de memória preservados na iconografia.

O trabalho fotodocumental realizado por Cristino Varão, e conservado por sua filha, Cristina Varão, em espaço *online* nomeado de “Foto Varão - Memórias”, contribui para a construção social e cultural da vida dos picoenses.

Então, pensando na importância desse material para futuras pesquisas, buscamos fazer uma análise aprofundada da sua iconografia, e como ela pode contribuir para a história e memória da cidade de Picos, assim como para o fotojornalismo piauiense.

A partir da construção desse material, entendemos que as fotografias realizadas por Cristino Varão, e hoje conservadas por Cristina Varão, são fontes de história e de memória da cidade de Picos, e a presença desse material na internet, facilita o acesso ao público geral, de modo que possam se identificar com as imagens e ainda rememorar lugares e tempos por meio da fotografia.

No fotojornalismo, sua obra é primordial pois além do que discutimos em análise, esse material se caracteriza como um patrimônio do fotojornalismo piauiense. Varão foi um grande arquivista da

historicidade, um fotógrafo que capturou seu tempo e deixou vestígios de memória para outras gerações.

A fotografia no campo da história, mesmo sendo muito utilizada para retratar espaços e tempos, ainda sofre por alguns prejulgamentos, de não ser fiel às cenas tratadas. Reconhecemos que se tratam de enquadramentos subjetivos. Há sempre o olhar de quem fez o registro, que, contudo, não o invalida como fonte documental que fala de uma sociedade, de pessoas, de um tempo.

Embora as evidências históricas tradicionais e positivistas estejam empenhadas no estudo de gerações passadas por meio da documentação oficial e escrita, a fotografia pode tornar esse viés mais interessante acompanhando o texto.

Por fim, pretendemos com esse trabalho fortalecer a pesquisa de fotos documentais como fonte de memória e história, assim como compreender o trabalho fotojornalístico desenvolvido em períodos anteriores no Piauí, pois existem poucos registros ou quase nenhum que trate do fotojornalismo em específico.

Referências

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. Tradução de Luís Antero Reto, Augusto Pinheiro. São Paulo: Edições 70, 2016.

BARTHES, R. **A câmera clara**: nota sobre a fotografia. Tradução de Júlio Castañon Guimarães. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.

BURKE, P. **Testemunha ocular**: história e imagem. Tradução de Vera Mara Xavier dos Santos. São Paulo: EDUSC, 2004.

BARROSO, L. A fotografia como fonte histórica: a cidade de Picos/PI nas lentes do fotógrafo Cristino Varão. **Olhares Múltiplos**, João Pessoa, p. (110-127), 2015. Disponível em: <http://www.editora.ufpb.br/> Acesso em: 31 Outubro 2021.

FOTO VARÃO MEMÓRIAS. **Centro Histórico de Picos/A Praça Félix Pacheco e entorno , como por exemplo, paredão, bares, cinema, lojas comerciais, banco, era point da vida social Picoense**. Picos, 29 jan.2015. Facebook: Foto Varão - Memórias. Disponível em: <http://www.facebook.com/fotovaraomemorias>. Acesso em: 12 Novembro 2021.

FOTO VARÃO MEMÓRIAS. **Desfile 7 de setembro/ Praça do mercado - um desfile a passar onde vemos a banda e picoenses a acompanhar.** Picos, 25 mai. 2016a. Facebook: Foto Varão - Memórias. Disponível em: <http://www.facebook.com/fotovaraomemorias>. Acesso em: 12 Novembro 2021.

FOTO VARÃO MEMÓRIAS. **Feira Municipal de Picos/Praça Justino Luz (antiga praça do Mercado) - feirante se organizando para a feira- montagem das barracas.** Picos, 13 jun. 2016b. Facebook: Foto Varão Memórias. Disponível em: <http://www.facebook.com/fotovaraomemorias>. Acesso em: 12 Novembro 2021.

FOTO VARÃO MEMÓRIAS. **Rua Coronel Luís Santos/Rua Cel Luis Santos - centro histórico de Picos até anos 70...Sempre uma forte emoção rever este espaço onde nasci e vivi por 17 anos.** Picos, 4 jul. 2016c. Facebook: Foto Varão - Memórias. Disponível em: <http://www.facebook.com/fotovaraomemorias>. Acesso em: 12 Novembro 2021.

FOTO VARÃO MEMÓRIAS. **Homenagem Sete de Setembro/Desfile de Sete de Setembro pelas ruas da Picos de outrora.** Picos, 5 set. 2016d. Facebook: Foto Varão Memórias. Disponível em: <http://www.facebook.com/fotovaraomemorias>. Acesso em: 12 Novembro 2021.

FOTO VARÃO MEMÓRIAS. **Lembranças de família/Da esquerda para a direita, adultos, Maria Gonçalves, Ozildo Albano(in memorian), , Albanita Varão Lima, ?, Nuní Varão (in memorian) - da esquerda para a direita crianças, Tadeu Varão, Antonio José Varão(in memorian) Maria Lucia Luz, euzinha, Fátima Luz, Socorro Neiva e Isabel Neiva.** Picos, 5 out. 2016e. Facebook: Foto Varão Memórias. Disponível em: <http://www.facebook.com/fotovaraomemorias>. Acesso em: 12 Novembro 2021.

FOTO VARÃO MEMÓRIAS. **Igreja Matriz de Picos/Igreja Matriz - foi demolida no final da década de 40.** Picos, 9 out. 2016f. Facebook: Foto Varão Memórias. Disponível em: <http://www.facebook.com/fotovaraomemorias>. Acesso em: 12 Novembro 2021.

FOTO VARÃO MEMÓRIAS. **Personalidade picoense/Picoense, Nuní Moura Varão(Antonia Moura Varão) in memorian, esposa do fotógrafo Cristino Saraiva Varão (in memorian).**

Foto do acervo particular da família Varão. Picos, 24 out. 2016g. Facebook: Foto Varão Memórias. Disponível em: <http://www.facebook.com/fotovaraomemorias>. Acesso em: 12 Novembro 2021.

FOTO VARÃO MEMÓRIAS. **Vendedor de alho/Feira livre de Picos - o vendedor de alho.** Picos, 25 out. 2016h. Facebook: Foto Varão - Memórias. Disponível em: <http://www.facebook.com/fotovaraomemorias>. Acesso em: 12 Novembro 2021.

FOTO VARÃO MEMÓRIAS. **Desfile Sete de Setembro/Desfile de Sete de Setembro passando pela rua Cel Francisco Santos.** Picos, 9 fev. 2017a. Facebook: Foto Varão - Memórias. Disponível em: <http://www.facebook.com/fotovaraomemorias>. Acesso em: 12 Novembro 2021.

FOTO VARÃO MEMÓRIAS. **Família Rocha/Irmãos, família "Fialho Rocha"**. Picos, 1 ago. 2017b. Facebook: Foto Varão Memórias. Disponível em: <http://www.facebook.com/fotovaraomemorias>. Acesso em: 12 Novembro 2021.

FOTO VARÃO MEMÓRIAS. **Feira Agropecuária de Picos/Em Feira Agropecuária de Picos ano 1968 - da esquerda para a direita Maria Lucia Luz Almeida, euzinha Cristina Varã o , Fátima Luz e Valda(in memorian)**. Picos, 15 jan. 2018. Facebook: Foto Varão Memórias. Disponível em: <http://www.facebook.com/fotovaraomemorias>. Acesso em: 12 Novembro 2021.

HALBWACHS, M. **A memória coletiva**. Tradução de Laurent Léon Schaffter. 2º. ed. São Paulo: Revista dos Tribunais Ltda. 1990.

SEVERINO, A.J. **Metodologia do trabalho científico**. São Paulo: Cortez Editora, 2007. Disponível em: <https://br.librosintinta.in/biblioteca/> Acesso em: 5 de out. 2021.

SOUSA, P. J. **Fotojornalismo**: uma introdução à história, às técnicas e à linguagem da fotografia na imprensa. Porto: 2002.

VARÃO, C. **Lembranças do meu pai**. Recanto das Letras, 2009. Disponível em: <https://www.recantodasletras.com.br/homenagens/>. Acesso em: 9 Novembro 2021.

JORNALISMO NA DITADURA MILITAR EM PICOS PI: memórias, silenciamentos e esquecimentos

Sheron Weide Alves Ferreira
Rutty Karinne Muniz de Souza
Géssica Lima Feitosa dos Santos
Mayara Sousa Ferreira

Jornalismo e ditadura: um lugar de memória?

O jornalismo tem lugar de destaque nas sociedades democráticas por sua função social de mediar as informações, fazendo com que as pessoas tenham acesso ao que acontece em diferentes lugares, e, ao mesmo tempo, com que elas participem da produção noticiosa. Apesar do foco no tempo presente, que é passageiro, o seu papel perpassa o passado e alcança o futuro.

Conforme Nora (1993, p. 22), os lugares de memória, para serem considerados assim, devem reunir a carga de simbologia, de materialidade e de funcionalidade: “os três aspectos coexistem sempre”. Por seu caráter material, simbólico e funcional, autoras, como Rêgo (2012; 2014) e Ferreira (2016) consideram o jornalismo como um lugar de memória.

A partir da leitura de produções jornalísticas de determinado período, podemos conhecer aspectos sociais daquele momento, assim como perceber os modos de fazer do próprio jornalismo naquele contexto, uma vez que este é um lugar de memória coletiva, mas também traz memória de si (FERREIRA, 2016).

Em contextos de repressão, o fazer jornalístico pode se modificar. No Brasil, algumas fases foram marcadas por esse tipo de governo, entre elas, a da ditadura militar, entre os anos de 1964 e 1985. E, se em sociedades nas quais a democracia é a forma de governo, o jornalismo tem esse papel de mediador, cabe pensar sobre seu papel em governos ditatoriais.

Podemos conhecer aspectos de uma sociedade, em tempo e lugar, a partir dos vestígios de memória de produções jornalísticas. Por esse motivo, propomos um aprofundamento sobre a ditadura militar do Brasil, no contexto do Piauí, especificamente da cidade de Picos, situada na região Centro-Sul, a 309 quilômetros da capital Teresina. Assim, levantamos o seguinte questionamento: que vestígios de memórias podem ser encontrados no jornalismo picoense, no período da ditadura militar no Piauí?

A proposta deste trabalho é, então, investigar indícios de memória, silenciamento e esquecimento do jornalismo picoense à época da ditadura militar no Brasil. Para tanto, pretendemos mapear veículos de comunicação impressos que circularam em Picos durante a ditadura militar na intenção de compreender como os jornais contribuíram para a memória ou esquecimento dos acontecimentos do período.

Vale acrescentar que esta pesquisa integrou o projeto de iniciação científica vinculado à Pró-Reitoria de Pesquisa da nossa Universidade Estadual do Piauí, cujo título é: *Memórias do jornalismo impresso picoense no período da ditadura militar do Brasil*. Na presente abordagem, apresentaremos resultados parciais de nossa investigação, com foco no mapeamento de veículos jornalísticos e na reflexão sobre memórias, silêncios e esquecimentos.

Dessa forma, fazemos uso de trabalhos já publicados sobre a ditadura militar para construir as bases sólidas da pesquisa, tentando compreender características do período no Brasil, assim como aspectos referentes à atuação da imprensa brasileira e piauiense. A busca por livros, artigos e outros materiais já publicados foi essencial nessa primeira etapa da pesquisa, portanto, trata-se, primeiramente, de uma pesquisa de cunho bibliográfico (SEVERINO, 2007).

Em seguida, partimos para a pesquisa documental (SEVERINO, 2007). Nessa etapa, buscamos locais de memória, como o museu da cidade, e pessoas que atuaram no período com a finalidade de encontrar jornais impressos produzidos e veiculados em Picos no período e que

ainda estivessem conservados. Nesse processo, fizemos reflexões sobre memória, silêncios e esquecimentos, como segue.

A ditadura militar no Piauí e o jornalismo

Pesquisamos, neste trabalho, sobre como o jornalismo impresso pode ajudar na construção de memórias a respeito do período da ditadura militar, na cidade de Picos. E para entender alguns pontos que aqui serão abordados, sob a ótica do jornalismo enquanto lugar de memória, como escreve Ferreira (2016), será necessário, antes, percorrer um breve caminho com base em buscas e reflexões sobre a ditadura militar, contextualizando esse momento, em primeiro lugar, no Brasil, depois no estado do Piauí, e, por fim, no município de Picos.

A quinta república, como assim também é conhecido o período da ditadura militar brasileira, foi iniciada no Brasil em 1º de abril de 1964, e se estendeu até 15 de março de 1985, sob o comando de sucessivos governos autoritários. Período esse que se tornou histórico, também marcado pelo contexto mundial da Guerra Fria. A ditadura foi iniciada a partir de um golpe militar contra o presidente João Goulart. O regime foi liderado por civis e militares que passaram a impor autoritarismo à sociedade brasileira, com base em atos institucionais.

Segundo Netto (2014), foi com o apoio dos principais setores da sociedade brasileira, como a indústria financeira, os proprietários de terras, a igreja, a alta burguesia e também a cúpula dos militares que se deu o levante do regime, e perdurou por 21 anos de despolitização, medo e mordaza.

Assim, a ditadura militar brasileira não foi apenas marcada por grande autoritarismo, mas também por torturas e uma série de mortes, cassação de direitos políticos da oposição, que era contra o regime militar, repressão aos movimentos e causas sociais, manifestações políticas e, principalmente, censura aos meios de comunicação.

Com a imprensa, a censura foi estratégica, com a adoção de regras

para o controle de diversos assuntos, dos mais simples aos mais complexos, assim como fontes a serem evitadas, atingindo, até mesmo, a forma de diagramação dos jornais. Borges e Barreto (2016) explicam que as matérias eram veladas ou ajustadas e eram feitas ordens de recolhimento para edições com abordagens não autorizadas.

Segundo Orlandi (2007), a censura passava pelos meios de comunicação, de forma que, aqueles que eram responsáveis por disseminar informações, como notícias, artigos de opiniões, os conteúdos das revistas e outros, faziam-no de forma a evitar questionamentos dos veículos comunicacionais. O que ele chama de silenciamento como forma de não calar, mas de dizer uma coisa, para não deixar de dizer outras.

Nesse modelo, Caparelli (1987) explica que a comunicação desde então foi totalmente transformada como mecanismo de interesses particulares e se tornou um instrumento predominante para atingir objetivos predeterminados dos governantes, submetidos às pressões de todos os tipos, dirigidos pelo poder.

Percebemos, de fato, os efeitos do golpe da ditadura militar no Piauí, principalmente, em Teresina, a partir de alguns fatores descritos por Oliveira (2005). Entre eles, destacam-se problemas políticos, sociais e até mesmo na forma como o piauiense via seu próprio Estado, que por conta da necessidade de crescimento e desenvolvimento, acabou facilitando aos grupos autoritários as promessas de transformações, mudanças e progresso no Estado. E com os jornais não foi diferente.

Em Teresina, dois jornais piauienses importantes da época, de acordo com Oliveira (2005), o *Dia* e *Folha da Manhã*, foram reprimidos e tiveram que se submeter às autoridades, um momento de tensão para a imprensa, que passou a ter suas informações censuradas de forma constante. Desse modo, a manipulação de informações e o controle do trabalho jornalístico dificultava a impressão de jornais legais e honestos sobre acontecimentos marcantes de uma parte da história do Piauí.

Sabemos que o jornalismo tem um lugar significativo e de

responsabilidade social por ser um dos meios de comunicação de credibilidade, noticiabilidade e intervenção social e que é visto pela população de forma séria e contributiva em selecionar e legitimar fatos importantes.

Conforme reflete Barbosa (2004) a respeito da ideia do jornalismo ser o senhor da memória, ter poder e autonomia de escolher o que é importante ou não, selecionando alguns fatos sociais a serem lembrados, enquanto outros serão esquecidos, não deixando de reconhecer o seu papel em relação à memória, ela ressalta os modos de fazer jornalismo, como a subjetividade, o poder e o papel de construção social que ele possui.

Ressaltamos aqui uma das nossas maiores dificuldades nesse projeto, que foi justamente encontrar materiais que retratassem essa época e nos trouxessem o conhecimento de como o jornalismo noticiava os fatos ocorridos à população desse momento. São poucas as pesquisas realizadas e disponibilizadas sobre esse tema no Piauí, assim como são escassos os arquivos públicos disponíveis a respeito dessa época, principalmente na cidade de Picos.

Ao refletirmos acerca do jornalismo e de seu papel na sociedade, especialmente em períodos de cerceamento de liberdade, como foi a ditadura militar brasileira, entendemos que as características de censura também estavam presentes no jornalismo local, com a repressão de jornais, como foi o caso do jornal *O Dia* e o *Folha da Manhã* (OLIVEIRA, 2005). Tais implicações chegam até os dias de hoje, presentes na memória do jornalismo piauiense.

Por isso, a grande relevância e contribuição do nosso trabalho, que vem da necessidade de mais pesquisas e estudos sobre essa época em nosso estado, e especificamente na cidade de Picos, visto que são escassos os materiais encontrados para a compreensão, entendimento e conhecimento social ou científico de um período que, para muitos, ainda é confuso.

O que pode contribuir para a construção de pesquisas como esta e

o entendimento dos fatos ocorridos durante a ditadura são as memórias individuais e coletivas de pessoas que vivenciaram esse momento. Porém, como descreve Pollak (1989), isto pode ser esquecido ou silenciado, uma vez que essas histórias orais sejam consideradas não oficiais e acabem sendo esquecidas, ao que ele se refere como histórias subterrâneas, conseqüentemente, memórias esquecidas.

Nesse sentido, destacamos a relevância do jornalismo para a construção de memórias, tanto individuais quanto coletivas. De acordo com Halbwachs (1990), memórias individuais e coletivas são duas percepções distantes, mas que se completam, já que, conforme o autor, a memória individual é apenas um ponto de vista sobre a memória coletiva. Dessa forma, percebemos como o jornalismo poderia nos ajudar a conhecer esses vestígios de memórias aqui em Picos e, por isso, partimos em busca de vestígios para construirmos uma compreensão a respeito.

Nossa busca por vestígios de memória do jornalismo na ditadura militar em Picos

Entre os momentos históricos vivenciados no Brasil, tratamos, neste trabalho, do período da ditadura militar. É importante mencionarmos que esse foi um momento que marcou o país, baseado em atos antidemocráticos e de censura a informações e diversas formas de comunicação e expressão.

Com base no exposto acima, buscamos trabalhos jornalísticos produzidos e publicados, que pudessem trazer rastros do momento vivido pela sociedade e pelo jornalismo de Picos. Ao tempo em que realizamos as buscas, refletimos sobre os lugares onde se concentram memórias de determinado momento e local. Para Nora (1993), os locais de memória existem devido à inexistência dos meios de memória.

As lembranças, conforme o mesmo autor, se tornam histórias depositadas em locais devido à deficiência em veicular essas memórias

de forma constante. Objetivando contextualizar o papel dos lugares de memória, trazemos a ideia de Nora (1993, p. 13), mencionando a importância de não relacionar memória a um movimento não espontâneo, ele aponta que “[...] é preciso criar arquivos”.

Dessa forma, o jornalismo pode ser identificado como um movimento não espontâneo que pode guardar esses vestígios memorialísticos, uma vez que se concentra em reverberar acontecimentos do presente, podendo arquivar informações sobre eles no exercício da profissão, as quais poderão ser consultadas em tempos posteriores. Além disso, pode ajudar a construir memórias coletivas, que possivelmente serão revisitadas no futuro.

Partindo dessa menção, procuramos fazer um levantamento dos jornais impressos produzidos e veiculados em Picos, durante o período estudado com vistas a conhecer características da sociedade picoense e do jornalismo nesse período. Partimos, primeiramente, para os lugares de memória assim constituídos. O primeiro, foi o **Museu Ozildo Albano**, um dos poucos locais institucionalizados de memória dessa cidade. Picos não conta com arquivo público, tampouco com hemeroteca.

O museu é citado como um entre outros lugares de memória por Nora (1993, p. 13): “[...] são os marcos testemunhas de uma outra era, das ilusões de eternidade”. O elo entre passado e presente é representado na fala do autor com o intuito de dar acesso à população a esses locais.

Em busca dos materiais ambicionados, fizemos a consulta através de ligações telefônicas e troca de mensagens por aplicativos eletrônicos, já que, à época desta pesquisa, o referido museu se encontrava fechado ao público, devido à pandemia de covid-19, e não contava com *site* institucional atualizado, tampouco com acervo digital disponível na internet.

Creemos que a existência de hemerotecas digitais, que são coleções que organizam periódicos jornalísticos, facilitaria o acesso da população a tais locais de memórias. Notadamente, o formato digital torna mais viável o acesso à população.

O *site* do Museu Ozildo Albano, bem como as hemerotecas digitais, possibilitariam aos sertanejos piauienses o poder de acesso a documentos históricos, que resguardam vestígios de memórias e são locais de memória a partir do que entendemos dos conceitos de Nora (1993). Contudo, após procurar no *site* e contatar os servidores do museu, entendemos a negativa quanto à existência de material jornalístico do período conservado.

Diante disso, lamentamos a falta de um arquivo público na cidade de Picos. Ressaltamos a possibilidade de o **Arquivo Público do Piauí**, situado em Teresina, contar com material do período que pudesse ser investigado, mas, em virtude da pandemia, não foi possível o deslocamento de Picos até a capital para procurar por tais documentos de pesquisa.

Então, com o objetivo de não atrasar nossas produções, buscamos por plataformas digitais que pudessem nos auxiliar na pesquisa. Encontramos, por iniciativa da Universidade Federal do Piauí, uma **hemeroteca do Projeto Memória do Jornalismo Piauiense** com alguns arquivos jornalísticos do acervo do Arquivo Público do Piauí digitalizados e acessíveis através do *site* <http://memoriadojornalismopi.com.br/>.

A hemeroteca do Projeto Memória, da UFPI, é uma iniciativa do Núcleo de Pesquisa em Jornalismo e Comunicação (NUJOC), e parte da digitalização de periódicos com intenção de conservar a memória existente nesses materiais em forma digital. O sistema de buscas do *site* é de fácil compreensão, e contém um amplo acervo de periódicos. Dessa forma, tornou-se ainda mais atrativo para o presente trabalho. Entretanto, não encontramos publicações de Picos referentes ao período mapeado no *site* em questão.

Outra plataforma digital visitada foi a **Hemeroteca Digital Brasileira**, da Biblioteca Nacional. No endereço eletrônico <http://bndigital.bn.br/hemeroteca-digital/>, consultamos com base no local, indicando Piauí na busca, assim como o período. Encontramos apenas jornais do século XIX, mas não de Picos.

Esgotadas as possibilidades de buscas em lugares de memória físicos e *online*, percorremos outros caminhos, através do contato junto a **produtores culturais, estudiosos e comunicadores de Picos**, para levantar informações sobre disponibilidade de produções de jornais da época ditatorial, que porventura fizessem parte de acervos particulares.

Nosso questionamento inicial foi como encontrar essas pessoas. Vimos que apresentar nosso projeto em um evento de jornalismo nos possibilitou abrir portas para descobrir essas pessoas. Então, o contato com elas partiu, inicialmente, de sugestões que recebemos ao apresentar considerações iniciais de nosso projeto na III Semana de Comunicação da UESPI Picos, no final de 2020.

Uma lista de sugestões nos foi repassada pelo jornalista, historiador, professor e pesquisador Jailson Dias de Oliveira, do Instituto de Educação Superior Raimundo Sá (IESRSA), que coordenava um dos Grupos de Trabalho no evento. Foram contatadas as seguintes pessoas, dispostas no Quadro 1:

Quadro 1 — Pessoas consultadas no mapeamento de jornais da época da ditadura

PESSOAS	MOTIVOS DO CONTATO
Erivan Lima	Sendo jornalista na cidade de Picos, Erivan presta contribuições à sociedade e elucidou uma potencialidade para que as produções buscadas pelas autoras do presente trabalho fossem encontradas. Ajudou a fundar a primeira TV e uma rádio na cidade.
Fábio Gonçalves	Jornalista com atuação no final do século XX, no município de Picos. Um dos ativistas que atuaram para conseguir o primeiro curso de jornalismo na cidade, através da UESPI.
Gelimar Moura	Jornalista com atuação há algumas décadas, no município de Picos.
Jailson Dias	O professor, historiador, jornalista e pesquisador foi um nome que despertou a partir de um diálogo entre autoras, por causa de sua motivação em pesquisar sobre ditadura e também por ser residente de Picos e

	envolvido nos movimentos históricos através do seu portal de notícias e suas publicações científicas da cidade.
Jota Pereira	Um dos ativistas que atuaram para conseguir o curso de jornalismo na cidade, além de uma televisão e rádio em Picos. Jornalista com atuação há algumas décadas no município.
Kennedy Braga	Jornalista com atuação no jornalismo do século XX, no município de Picos.
Odorico Carvalho	O advogado, jornalista, cantor e compositor é muito conhecido na cidade de Picos pelo envolvimento nas atividades sociais e históricas, além do envolvimento com a comunicação e o jornalismo local, ajudando, inclusive, a fundar a primeira televisão na cidade.
Oneide Rocha	Professora universitária aposentada, ela tem envolvimento com a história do município e é considerada uma boa fonte de histórias que dizem respeito a vários aspectos de Picos, tanto pela sua profissão de professora universitária, quanto pela sua participação política.
Orlando Carvalho	O pesquisador, jornalista, professor e agente de apoio da pesquisa em comunicação na UESPI. Foi um nome evidenciado para buscarmos informações.
Ozildo Batista	O escritor e poeta foi indicação do também escritor Vilebaldo Rocha, que informou a posse do mesmo de edições digitalizadas do jornal Voz de Picos.
Ruthy Costa	A jornalista, professora e pesquisadora foi citada e procurada por seu envolvimento com o curso de jornalismo da UESPI e Faculdade R.Sá, conhecida e conhecedora de fontes que possibilitaram chegar às produções procuradas.
Toni Borges	Jornalista com atuação no século XX, no município de Picos.

Fonte: elaboração das autoras

Algumas das pessoas mencionadas no Quadro 1 tiveram contato com jornais da época, ou conservaram edições dos mesmos, sendo que outras forneceram informações sobre onde os jornais poderiam ser encontrados. Nosso contato e abordagem com ambos se deu através de

ligações por telefone e mensagens de texto, uma vez que o momento que estávamos vivendo nos impediu de ter encontros presenciais.

Esses contatos foram exitosos, pois encontramos um jornal do período ditatorial, produzido e veiculado na cidade de Picos. Dentre tantas pessoas que foram consultadas, Ozildo Batista foi quem disponibilizou digitalizações de um jornal com edições da época, o qual era almejado pelas autoras do presente artigo. O nome da produção que foi obtida é *Voz de Picos*, e tivemos acesso a 14 edições do mesmo.

Esse jornal tem características de noticiário factual sobre acontecimentos da cidade de Picos, com espaços para opinião. Além do mais, o que chama a atenção são alguns temas de matérias polêmicas para a época do periódico. E outra boa forma de caracterizar o jornal *Voz de Picos* (ver Imagem 1) está presente nos editoriais publicados pelo jornal. Era produção destemida, dado o período de censura.

Imagem 1 — Capa do Jornal A Voz de Picos



Durante essa caminhada foram encontrados obstáculos até que fosse achado o jornal *Voz de Picos*. Pelo que encontramos e pelo que não encontramos, consideramos importante refletirmos sobre como vêm sendo resguardadas as memórias no sertão piauiense. Chegam a existir riscos de um futuro com algumas lacunas na memória, sem a movimentação e preservação dessas produções.

Podemos refletir sobre os empecilhos apresentados durante a trajetória de mapeamento proposta neste trabalho como uma das razões para existir o esquecimento de fatos históricos, através da falta de preservação desses documentos e registros que carregam muito valor mnemônico.

A fim de desenvolvermos uma reflexão sobre a importância dessas produções, podemos destacar o que Pollak (1989) menciona sobre:

O trabalho de enquadramento da memória se alimenta do material fornecido pela história. Esse material pode sem dúvida ser interpretado e combinado a um sem-número de referências associadas; guiado pela preocupação não apenas de manter as fronteiras sociais, mas também de modificá-las, esse trabalho reinterpreta incessantemente o passado em função dos combates do presente e do futuro (POLLAK, 1989, p. 9-10).

Assim, podemos entender como o processo histórico segue alinhado aos materiais que fornecem os conjuntos históricos para resultar em memórias. Para Halbwachs (1990), as memórias individuais são fornecidas pelas memórias coletivas, em função disso percebemos que os materiais resguardados durante o processo histórico envolvem o indivíduo e a sociedade sendo, dessa maneira, uma ponte importante em registros aos mesmos, conforme o autor.

Contudo, caso existam lapsos devido à falta de conservação desses materiais, seja pela não preservação ou até pela inviabilidade de acesso, pode gerar uma possível perda de memórias ali existentes. Nesse sentido, o período ditatorial no jornalismo em Picos pode ter consequências a serem prontamente discutidas, o que fazemos no próximo tópico.

Jornalismo e ditadura: memórias e silêncios

Estudar ditadura militar em Picos nos remete a estudar a história, tentar voltar a um passado não tão distante da trajetória do Brasil, recorrendo a jornais como fontes documentais que pudessem arquivar alguma memória daquele período nessa cidade. Nora (1993, p. 7), ao estudar memória e história, afirma que “fala-se tanto de memória porque ela não existe mais”. Ele ressalta que o que por vezes achamos que é memória na verdade é história e defende que a memória acontece no tempo presente. Portanto, quando o acontecimento passa não há mais memória, e sim história.

Levando em conta o pensamento de Nora (1993), quando houve acontecimentos factuais em Picos durante o regime militar era memória, quando eles passaram e foram documentados através do jornalismo, por exemplo, já seria história. Este pensamento é apoiado na ideia de que nós não conseguimos lembrar com exatidão como aconteceram os eventos, nem há meios que supram totalmente essa necessidade. Mesmo arquivando algo, não se trata da memória integral, exatamente como aconteceu, mas de resquícios.

Dentro desse debate, Nora (1993) chama a atenção para os lugares de memória, que são uma espécie de depósito, de arquivamento, do que fora memória e que nós, enquanto sociedade, precisamos destes lugares para conseguir evocar vestígios do que já foi memória um dia.

A partir dessa reflexão questionamos sobre aquilo que não encontramos na história do jornalismo picoense. Se, mesmo documentando ou arquivando, não conseguimos evocar tudo da memória, como podemos, então, recorrer às memórias da ditadura militar em Picos sem que haja lugares de memória, como museus, arquivos públicos ou privados e/ou jornais?

Mesmo com lugares de memória só conseguimos ter acesso a restos de memória, então, podemos pensar que em Picos não

encontramos tantas memórias no jornalismo, assim, muitas memórias do período podem estar mais subterrâneas e não oficializadas no jornalismo, como por exemplo as memórias orais. O momento histórico aconteceu, mas não há quase nada no jornalismo sobre a época, não houve preocupação dos órgãos públicos, dos meios de comunicação e da população picoense como um todo de arquivar.

Le Goff (1990) aponta que a memória tem um papel importante na evolução das sociedades e que ao longo da história as formas de arquivar e documentar informações também evoluíram, como resposta ao próprio contexto em que as pessoas estavam inseridas. Nesse sentido, acreditamos que os arquivos jornalísticos durante o regime militar seriam resquícios de memória importantes para o entendimento da sociedade e contexto histórico de Picos, possibilitando formas de pensar criticamente e discutir os eventos da ditadura na cidade. Ressaltamos que nosso projeto se enquadra nesta reflexão.

Estamos mencionando o termo sociedade nesta discussão, porque Halbwachs (1990) acredita que a memória é constituída no âmbito social a partir das trocas entre os indivíduos. O autor diz que as memórias individuais são permeadas pelas memórias coletivas. Mesmo o que achamos que é só nosso e foi construído individualmente tem influência de outras pessoas, afinal, vivemos em sociedade e trocamos experiências coletivas rotineiramente.

Se, por exemplo, um cidadão de Picos guardou algum jornal da época da ditadura, esse vestígio de memória não seria apenas dele, mas sim, coletivo. Da mesma forma, se uma pessoa tem lembranças desse período da história por vivências particulares, essas recordações estariam permeadas pelo caráter social.

Os jornais ajudariam a evocar alguns vestígios de memórias da época, porque o jornalismo se configura como um lugar de memória, como discutem as autoras Rêgo (2012; 2014) e Ferreira (2016), por diferentes abordagens. E como enfatizamos, um lugar de certas memórias, que nos ajudaria a conhecer indícios dessa sociedade e desse

momento.

Ferreira (2016, p. 22) explica que o jornalismo faz uso da memória em suas produções e considera que o jornalismo é um "lugar de certas memórias", isso porque na construção das produções há seleções e critérios técnicos que resultam em enquadramentos do que virará memória coletiva. O que se veicula através do jornalismo pode ser um postulante a fazer parte das memórias coletivas, o que não sai provavelmente será silenciado e esquecido. A forma com que é construída a notícia também influencia na forma que a memória será construída ou reconstruída pela sociedade.

Somando às proposições das pesquisadoras citadas, trazemos a explicação de Palácios (2010) de que o jornalismo atua no tempo presente, na medida em que cobre os acontecimentos factuais, mas que estas produções serão documentos que arquivam o que já aconteceu, ou seja, as produções ultrapassam a barreira da atualidade, podendo criar repositórios de memórias.

Todavia, para que haja esse transpassar temporal, é preciso que os próprios jornais não virem papel de embrulhar peixe no dia seguinte. É necessário promover a conservação desses lugares de memória. Do contrário, os espaços de silenciamento e as possibilidades de esquecimento tendem a se ampliar. Conforme a nossa pesquisa, nos lugares onde procuramos, encontramos silêncios sobre o jornalismo e a ditadura, em especial, no que se refere ao nosso enquadramento de pesquisa. Tal constatação gera preocupação.

Em termos de silêncio e esquecimento, Pollak (1989) reflete que a memória é alvo de disputas de interesse e que por isso ocorre o ato de silenciar indivíduos e sociedades negando que suas lembranças sejam compartilhadas socialmente, de modo que não façam parte das memórias coletivas. O não dito, como fala Pollak (1989), são memórias que não vão para a oficialidade, são consideradas por ele como memórias subterrâneas. Elas aconteceram, mas são silenciadas e conseqüentemente esquecidas, porque não aparecem nos lugares

oficiais de memória, seriam memórias que estão à margem da sociedade.

Assim, um arquivo jornalístico dessa época ajudaria a entender e conhecer como era a sociedade nesse período, possivelmente a memória foi conservada de forma subterrânea, como diz Pollak (1989). Talvez esteja acessível em memórias orais, mas como não são objeto desse trabalho, só notamos silenciamentos no jornalismo, pelo menos nos lugares e pessoas onde e com quem procuramos.

A nossa busca por jornais mostrou que não há um acervo desse período guardado. Os acontecimentos, mesmo que registrados dentro de um contexto temporal e espacial, não alcançaram nosso tempo por registros palpáveis em Picos. Devido à ausência de conservação jornalística, não dá para saber, por esse lugar social, o contexto da cidade na época ou como o regime afetou a sociedade e o jornalismo. Embora não tenhamos encontrado vestígios de memória, cremos que possa haver as memórias subterrâneas, que podem ser acessadas por outros meios. Se mesmo alguns meios de memória não conseguem evocar integralmente como os fatos aconteceram, imagine com poucos que é o caso do nosso mapeamento, apenas um jornal.

Os jornais poderiam contribuir para a memorização da ditadura militar na medida em que conservariam algumas memórias que serviriam não só para o presente, mas também para o futuro. Seria o jornalismo na sua função primária de informar o que estava acontecendo naqueles anos e seria um documento que poderia ser acessado como fonte de pesquisas futuras, como é a nossa. Barbosa (2006) reforça esta reflexão:

Se por um lado, a mídia impressa, como fonte, fornece uma certa visão de passado que, imortalizada em suas páginas, pretende ser retrato de uma época, por outro lado, também os meios de comunicação utilizam o passado como simbolismo para a sua construção discursiva (BARBOSA, 2006, p. 14).

É importante estudar o passado porque, como explica Barbosa (2006), geralmente ele é idealizado e não temos acesso a tudo dele, como

ocorreu. Temos apenas pedaços, que tentamos reconstruir para nos aproximarmos ao máximo do que já foi. Portanto, nossa pesquisa é importante uma vez que busca vestígios de memória da ditadura militar em Picos, através do jornalismo, afinal, a sociedade possui a “cultura da memória” (BARBOSA, 2006, p. 14), que é justamente a necessidade de buscar meios de evocação e celebração do passado para que este seja construído e reconstruído para, assim, poder fazer parte das memórias coletivas e, conseqüentemente, da história, já que nós, enquanto indivíduos, não conseguimos lembrar os fatos com exatidão.

Se havia mais jornais circulando na época, não conseguimos ter acesso aos exemplares, porque não há preservação sistemática ou lugares de memória que resguardem este tipo de material. Assim, é oportuno destacar Ricouer sobre esquecimento. Ele diz: “[...] o problema do esquecimento é que muitos esquecimentos se devem ao impedimento de ter acesso a tesouros enterrados na memória” (RICOUER, 2007, p. 452).

Em nossa pesquisa, vimos esse impedimento de ter acesso à medida que documentos que seriam essenciais para desenvolver as pesquisas simplesmente não existem, e se existiram não foram guardados. Nesse contexto, cabe mencionar novamente Ricouer (2007), quando ele diz que o que é impedido de rememorar é esquecido.

Este não arquivamento termina por conduzir uma parte importante da história de Picos ao esquecimento coletivo. Sabemos que houve a ditadura militar e que ela afetou várias instâncias, inclusive o jornalismo, então porque não há registros? Esse silenciamento é perigoso, porque “[...] o esquecimento de impressões e de acontecimentos vivenciados (isto é, das coisas que sabemos e que sabíamos e o esquecimento de projetos, que equivale à omissão, à negligência seletiva [...])” (RICOEUR, 2007, p. 454).

Seriam, então, as memórias da cidade sobre o regime negligenciadas? De certa forma, esquecer ajuda a conduzir ao negacionismo e impede que pessoas como nós, que não vivenciamos o

golpe militar, não possam alcançar vestígios de como foi a história. Se mesmo com meios de memória não conseguimos evocar integralmente como os fatos aconteceram, imagine com a ausência de vestígios jornalísticos, como foi averiguado no mapeamento feito na nossa pesquisa.

Referências

BARBOSA, Marialva. Mídias e usos do passado: o esquecimento e o futuro.

Revista Galáxia, São Paulo, n. 12, p. 13-26, dez. 2006. Disponível em:

<https://revistas.pucsp.br/index.php/galaxia/article/view/1458>. Acesso em: 4 abr. 2021.

BARBOSA, Marialva. Jornalistas, "senhores da memória"?. In: IV Encontro dos Núcleos de Pesquisa da Intercom, XXVII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, 2004, Porto Alegre. **Anais...** Disponível em:

<<http://www.ccmj.org.br/sites/default/files/BARBOSA%20Marialva.pdf>>. Acesso em: 27 mar. 2021.

BORGES, A. S; BARRETO, R. C. Ditadura, controle e repressão: revisitando teses sobre os governos militares no Brasil. **Revista de Ciências do Estado**, Minas Gerais, v.1, n.2, 2016.

CAPARELLI, Sérgio. **Comunicação de Massa sem Massa**. 3º Ed., São Paulo: Summus Editorial, 1987.

FERREIRA, Mayara Sousa. **Memórias da cultura: estratégias e táticas de Revestrés na (re) construção das identidades piauienses**. 2016. Dissertação (Mestrado em Comunicação)– Centro de Ciências da Educação Professor Mariano da Silva Neto, Universidade Federal do Piauí, Teresina, 2016. Disponível em: <https://webcache.googleusercontent.com/search?q=cache:BxDPRa8lOMJ:https://sigaa.ufpi.br/sigaa/verProducao%3FidProducao%3D1107864%26key%3D4f52dc12f479282d0a8d360c5a30603c+&cd=1&hl=pt-BR&ct=clnk&gl=br>. Acesso em: 7 abr. 2021.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. Tradução Laurent Léon Schaffter. São Paulo: Vértice, 1990.

LE GOFF, Jacques. **História e Memória**. Tradução Bernardo Leitão et al. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 1990.

NETTO, João Paulo. **Pequena história da ditadura brasileira (1964 - 1985)**. 1 ed. São Paulo: Cortez, 2014.

NORA, Pierre. Entre memória e história: a problemática dos lugares. Tradução Yara AunKhoury. **Proj. História**, São Paulo, dez. 1993. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/revph/article/view/12101>. Acesso em: 29 mai.

2020.

OLIVEIRA, Marylu Alves de. **Teresina dos anos dourados aos anos de chumbo: o processo de modernização e intervenção do Estado Autoritário. Considerações sobre o golpe militar civil na cidade de Teresina.** Londrina: Ufpi, 2005.

ORLANDI, E. P. **As formas do silêncio: no movimento dos sentidos.** 6. ed. Campinas, SP: Unicamp, 2007.

POLLAK, Michael. Memória, esquecimento, silêncio. **Estudos Históricos.** Rio de Janeiro, v. 2, n. 3, 1989.

PALACIOS, Marcos. Convergência e memória: jornalismo, contexto e história. **Matrizes**, São Paulo, ano 4, n.1, p.37-50, jul./dez. 2010. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/matrizes/article/view/38274>. Acesso em: 24 mar. 2021.

POLLAK, Michael. Memória, Esquecimento, Silêncio. Tradução Dora Rocha Flaksman. **Estudos Históricos.** Rio de Janeiro, v.2, n.3, p. 3-15, 1989. Disponível em: <http://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/reh/article/view/2278/1417>. Acesso em: 24 mar. 2021.

RÊGO, Ana Regina. Jornalismo e memória: entre o tempo e a ética. In: 10 ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISADORES EM JORNALISMO, 2012, Curitiba. **Anais...** Curitiba: Pontifícia Universidade Católica do Paraná, 2012.

RÊGO, Ana Regina. A Ditadura Militar no jornalismo: uma abordagem a partir do conceito de lugar de memória. **Revista Brasileira de História da Mídia (RBHM)**, v. 3, n. 2, jul./dez. 2014. Disponível em: <http://www.unicentro.br/rbhm/ed06/dossie/02.pdf>. Acesso em: 2 jun. 2015.

RICOUER, Paul. **A memória, a história, o esquecimento.** Tradução Alain François et al. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2007.

SEVERINO, Antonio Joaquim. **Metodologia do trabalho científico.** 23 ed. São Paulo: 2007.

A PRIMEIRA EXPERIÊNCIA DE WEB TV DA REGIÃO PICOS: O CASO DA TV RIACHÃO NET

Orlando Maurício de Carvalho Berti

A força da Internet na mediação informacional contemporânea

É fato, ao menos em termos jornalísticos, que a popularização da Internet modificou as maneiras de fazer, consumir e entender as mediações informacionais em praticamente todo o planeta. A Rede Mundial de Computadores, a cada dia que passa, instiga novas sociabilidades, incentiva novos atores e traz mais descobertas, atualizações e utilizações entre seus usuários.

Se até o final do século XX o jornalismo era feito de maneira vertical, com meios de comunicação emitindo e ditando o que seria a verdade, o que seria transmitido e como seria veiculado, neste século XXI os processos têm mudado. Havia poucos meios para muitíssimas pessoas. A Internet traz a transformação de rumos e de maneiras de fazer essas mediações. Uma das tônicas das mudanças é justamente o fato de haver muitos meios para muitas pessoas.

As mediações via Internet provocam muitas vezes a inversão da lógica dos processos comunicacionais tradicionais ou ainda instigados pelas lógicas do século XX. Essa logicidade de caracterização básica de processo comunicacional, como apresentado por David K. Berlo (2003), é transformada.

Antes havia um emissor que se comunicava via um canal, para um público receptor, que recebia. As participações eram dadas pelos envios de mensagens, vez por outra. Neste século XXI, a lógica é invertida porque o receptor, muitas vezes, passa a ser o grande ator comunicacional do processo, e não mais o emissor e todo o seu poderio de mediação.

A Internet, e todas as suas consequências, pluraliza o papel do receptor e a participação no processo comunicacional ganha uma pluralidade verticalizada entre os atores dessas mediações.

Vivemos o paradigma midiológico, como bem frisam Ilana Polistchuck e Aluísio Trinta (2003), em que o processo em si é mais importante que suas próprias características críticas, massivas ou culturais. Nota-se que essa midiologia advém das novas mediações retratadas pela importância igual entre os sujeitos dos processos comunicacionais, e são os processos em si o cerne da comunicação.

Quem nasceu no século XX foi acostumado a consumir notícias via produtos impressos, notadamente jornais e revistas; via produtos radiofônicos, principalmente por sonoridades pelo dial em emissoras de amplitude modulada (AM) ou de frequência modulada (FM); ou via televisão, captada em aparelhos, nos últimos anos daquele século, a cores e com uma programação fixa, que obrigava a esperar determinadas notícias ou momentos de entretenimento. Nesse período, quem determinava os dias e horários de exibição, veiculação ou circulação de conteúdos eram as empresas emissoras de produtos comunicacionais.

A Internet ajudou a inverter esses processos e a trazer uma comunicação cada vez mais sob demanda, representando não só a multimídia, mas envolvendo todos os atores de outrora (impressos, radiofônicos e televisivos) e os convergindo para novos sentidos e trazendo múltiplas possibilidades.

Todas essas mudanças começaram a ser sentidas na região de Picos no início dos anos 1990. Assim como nesta terceira década do século XXI, a Capital do Mel sempre teve sua liderança regional em ser um centro de prestação de serviços e a cidade com o maior número de meios de comunicação, responsável pela irradiação da maioria dos fatos regionais e estaduais.

Nos anos 1990 chegaram a Picos as primeiras experiências de consumo de produtos comunicacionais pela Rede Mundial de Computadores. As conexões eram basicamente discadas, feitas por pulsos

telefônicos de aparelhos fixos, cobradas como uma ligação local. Os preços eram muito altos. Mas as possibilidades de interlocução e interligação com o mundo foram mais que possíveis, mesmo sendo um privilégio para poucos entusiastas ou endinheirados.

Assim como em outros lugares do planeta, as conexões foram aumentando as velocidades e também foram sendo instalados provedores locais, para oferecer conexões via rádio ou por banda larga.

No início deste século a Internet começou a ser popularizada. E não foi diferente na região de Picos, onde passou das poucas conexões discadas para conexões mais rápidas, via ondas de rádio, ou então as primeiras possibilidades por meio de banda larga. Muitas das novidades foram trazidas por meio do sistema Velox.

Os preços eram caros e as velocidades não tão boas, mas fotos e textos eram facilmente vistos e compartilhados pelos consumidores da informação.

Trabalhar os conteúdos por meio de vídeo ainda era algo feito de maneira pré-histórica, porque as conexões não permitiam o acesso a imagens em movimento muito longas. Mas as novidades ocorriam e cada empresa ia tendo um tipo de conexão. Naquele período já era realidade o webjornalismo na região de Picos e as empresas jornalísticas de mediação informacional pela Internet já começavam a investir nas estruturas e diferenciais que chamassem atenção.

É sabido, não só na área comunicacional, mas em qualquer área que envolva a concorrência, que o pioneirismo e os atos emblemáticos são fortes fatores de *marketing* e de busca de liderança e sedimentação de trabalhos no oferecimento de serviços.

Foi nessa primeira década, deste século XXI, que foi fundado, por um analista de sistemas e por um jornalista (e também professor universitário), ambos entusiastas da comunicação e diferencialidades, um *site* chamado RiachãoNet.

Do RichãoNet às experimentações webjornalísticas na região

Antes de falarmos propriamente sobre os primeiros passos dos experimentos em *Web TV* na região de Picos, é necessário que abordemos um pouco sobre o RiachãoNet e sua consistente e longa história entremeada pelo jornalismo *online* e o webjornalismo em todo o interior piauiense.

O RichãoNet ou Riachão, como também é conhecido, é um dos primeiros experimentos webjornalísticos de todo o interior do Piauí. O *site* foi fundado em 2003. Primeiro como *blog*, depois sendo caracterizado como *site* e, desde 2018 caminha para ser um portal.

Acompanhando sua trajetória, percebemos que ele apresenta a multiplicidade de características destacadas por Pollyana Ferrari (2003), que distingue as ferramentas e importâncias comunicacionais de um *blog*, mais simples e praticamente sem ferramentas, passando para os *sites*, que tratam de assuntos específicos, chegando até os portais, que são *sites* com um conjunto de sub-sites e seções com uma série de assuntos e multimidialidades.

Em nosso livro *Webjornalismo no Piauí* (2020) também destacamos a importância do RiachãoNet no pioneirismo de mediação informacional na região de Picos e como seu trabalho foi emblemático para dar uma cara profissional ao labor webjornalístico.

O RiachãoNet foi a realização do sonho de ações de dois jovens que queriam dar uma contribuição comunicacional à região e fazer experimentações, principalmente porque, via seus estudos, apostavam que a Internet e o Jornalismo seriam caminhos duradouros de grandes transformações sociais, em especial para a região picoense, historicamente comunicada por poucos meios.

Esses jovens eram o jornalista Evandro Alberto de Sousa, à época graduado e pós-graduado na UEPB – Universidade Estadual da Paraíba –, e o entusiasta em tecnologias digitais e webdesigner Rogério Bezerra. Ambos se conheceram ainda na adolescência quando moravam na

cidade de Monsenhor Hipólito (a 66 quilômetros de Picos e a 393 quilômetros da capital).

A amizade ultrapassou a juventude, avançou nos anos e perdura até a fase adulta dos dois. Evandro Alberto tinha regressado ao Piauí depois de se formar e se pós-graduar. E Rogério Bezerra vivia na capital do estado, já interconectado com as questões das tecnologias atuais.

Uma das consequências dos sonhos e vivências da dupla foi a montagem do *site* RiachãoNet. O meio de comunicação, que na época tinha mais formato de *blog*, homenageou o rio Riachão, que cruza o município de Monsenhor Hipólito e é afluente do rio Guaribas. O termo Net foi adicionado ao nome para destacar o caráter virtual daquele meio. O Net vem da abreviatura da palavra Internet.

O nome do *site*, mesmo inicialmente não sendo de fácil assimilação, conquistou o público de toda a região com notícias instantâneas e textos mais completos, notadamente pelas ideias jornalísticas trazidas da Paraíba pelo jornalista Evandro Alberto, que nessa época já tinha sido um dos fundadores do primeiro curso superior de Jornalismo de todo o Sertão do Nordeste do Brasil, o da Universidade Estadual do Piauí (campus de Picos) e pelos estudos, experimentações e interesses revolucionários de Rogério Bezerra. Evandro Alberto ficou responsável pelo conteúdo e Rogério Bezerra pelo suporte, com foco em experimentar novas ferramentas que pudessem dar mais dinamicidade ao meio de comunicação.

Ambos, constantemente, tentavam trazer novas linguagens, novas ferramentas e explorar a liderança da categoria webjornalística na região. Os experimentos deram certo e alavancaram os acessos do *site*.

Durante mais de uma década foram sócios e entusiastas do projeto. Com o aumento de compromissos profissionais e acadêmicos de Evandro Alberto, a sua parte societária foi repassada para o jornalista Romário Mendes, que começou no RiachãoNet como estagiário.

Atualmente, neste início de terceira década do século XXI, o RiachãoNet é administrado por Romário Mendes e também pelo

jornalista Raí Júnior. O *site* continua sendo propriedade de Rogério Bezerra, que mantém o mesmo entusiasmo e suporte.

Durante esse tempo, de quase duas décadas de história, o *site* também mudou de sede. Saiu de Monsenhor Hipólito e migrou para Picos, importante polo comunicacional e econômico de todo o sertão piauiense.

O RiachãoNet se tornou uma verdadeira escola webjornalística em toda a região. Além de inspirar a maioria dos *sites* existentes no sertão piauiense, também oportunizou que boa parte dos atuais profissionais do jornalismo virtual na região passasse pela redação do Riachão. Dos quase 20 *sites* atualmente funcionando em Picos, ao menos 80% tiveram proprietários ou atuais repórteres e editores que passaram pelos quadros do RiachãoNet.

Entre os trabalhos revolucionários e entre as experimentações está a *Web TV* RiachãoNet, a primeira de todo o Sertão do Piauí a explorar a mediação informacional jornalística por meio de imagens dinâmicas.

A *Web TV* Riachão, a pioneira e mais bem sucedida ideia de *TV na Web* da cidade, advém do trabalho direto do Portal RiachãoNet.

A primeira Web TV da região de Picos: um experimento e um marco

O experimento da primeira *Web TV* na região de Picos foi uma verdadeira revolução. Assim como a chegada da *TV* ao Brasil em 1950, como destaca Silvana Gontijo (2004), a tecnologia chegou primeiro do que os aparelhos para conseguirem captar massivamente a novidade.

As primeiras transmissões televisivas tiveram poucas pessoas acessando, pois, na década de 1950 um aparelho de *TV* era tão caro quanto um automóvel zero quilômetro. Computadores e conexões de Internet nunca chegaram a ser tão caros, mas, durante muito tempo nos anos 1990, 2000 e 2010, muito antes das conexões via celular, eram aparelhos mais caros que na atual conjuntura.

No caso da primeira *Web TV* de Picos os acessos não foram tão grandes nos experimentos iniciais, justamente pela qualidade de conexão oferecida à época. Se em 2021 é relativamente comum consumirmos conteúdo via plataformas de *streaming* em alta resolução, essa não era a realidade da primeira década deste século. Um simples vídeo, para ir ao ar, necessitava de uma parafernália.

A *Web TV* RiachãoNet foi ao ar pela primeira vez em 17 de fevereiro de 2007. Era sábado de Carnaval e o *site*, assim como outros meios de comunicação *online* e radiofônicos, transmitia, direto da Praça Justino Luz, no Centro de Picos, o carnaval da cidade. O incremento de imagens, ao vivo, se deu por meio da transmissão através de uma câmera, que filmava a movimentação de foliões na praça. As matérias eram feitas pelo então estudante de Jornalismo e diretor do RiachãoNet, Renan Nunes. A parte técnica ficou a cargo de Rogério Bezerra.

As transmissões em vídeo e ao vivo só ocorreram porque a conexão foi cabeada para o *modem* (sistema de distribuição de Internet) da loja de revelação de produtos fotográficos Laborfilmes, que também funcionava na Praça Justino Luz.

Os quatro dias de Carnaval daquele fevereiro de 2007 (17, 18, 19 e 20) foram transmitidos e a experiência rendeu muitos elogios, principalmente de quem acessava o RiachãoNet pelas capitais e lugares com conexões melhores.

Em Picos o fato foi mais um marco histórico-tecnológico do que, propriamente, jornalístico. A repercussão foi feita em matérias do Riachão, mas as transmissões não foram acompanhadas por muitas pessoas na cidade.

A *Web TV* parou de funcionar a partir do momento em que as conexões de internet para transmissões de dados não ofereciam possibilidades de vídeos constantes. Os vídeos travavam e muita gente parava de acompanhar.

Acabava ali um dos grandes experimentos webjornalísticos, ainda nos primeiros anos desta década. Mas, ela deixou inspirações e, anos depois, mostra-se uma ideia emblemática.

Na atual conjuntura, uma *Web TV* é muito mais fácil de ser montada e há um público infinitamente maior.

Transpor conteúdos audiovisuais em um ambiente mais acostumado, à época, em textos, fotografias e *links*, características webjornalísticas do início do Século XXI em nossa região, atualmente é relativamente comum. Vivemos um período de *Instagramlização* e *Tiktokelização*, em que as imagens são mais consumidas do que textos e fotos. Mas naquela época foi uma revolução, uma grande revolução.

Quais as consequências desses processos comunicacionais? O que podemos tirar de proveito da história desse fenômeno? Como podemos vê-la sob a ótica contemporânea? Esses são pontos de debate que adotamos neste capítulo e, principalmente, nos levam a refletir sobre a *Web TV RiachãoNet*.

Piufranco Malízia (2012) destaca que uma *Web TV* tem uma possibilidade muito grande no sentido do compartilhamento de conteúdos, sendo contemporaneamente um instrumento comunicacional que pode ser acessado por diversos dispositivos. No caso da *Web TV* picoense o problema não foi a emissão, muito menos a recepção no afã das novidades tecnológicas e jornalísticas, mas o fato de a qualidade das conexões de internet da época não permitirem um avanço do projeto.

Com o avanço do *YouTube* foi possível a transmissão de maneiras mais fáceis, mais baratas, exigindo-se menos recursos, que foram capitaneados pelas plataformas contemporâneas de imagens.

Nesta terceira década do século XXI é inegável o poder das imagens e de como as *Web TVs* têm feito um trabalho diferencial na conjuntura jornalística.

Uma década depois: um caminho mais que possível

Passada mais de uma década do fim da primeira experiência de *Web TV* em Picos e região notamos uma série de novidades e avanços sobre esse tipo de mediação informacional.

A Comunicação e seus próprios atores de mediação foram responsáveis por um processo organizativo e natural, de acompanharem a experimentarem novas linguagens. Muitas dessas interações se deram pelo próprio desenvolvimento das tecnologias e também de um acesso maior aos subsídios tecnológicos por parte dos mediadores, bem como de uma maior possibilidade de consumo e multiplicidade de acesso pelos públicos e ainda pela profissionalização dessas áreas. No caso da região de Picos, diretamente interconectados com os dois cursos superiores de Bacharelado em Jornalismo, da UESPI – Universidade Estadual do Piauí, oferecido há quase duas décadas, e da Faculdade R.Sá, oferecido há uma década e meia.

A equipe fundadora da *Riachão Web TV* também evoluiu profissionalmente. Rogério Bezerra terminou seu curso de graduação em Análise de Sistemas e é Pós-graduado em Redes de Computadores. Atualmente é um dos analistas de sistema mais conhecidos na capital do Piauí, tendo vários trabalhos em diversas instituições.

Renan Nunes é um dos jornalistas televisivos mais conhecidos do estado e já ganhou vários prêmios. Constantemente suas matérias jornalísticas são acompanhadas em programas jornalísticos nacionais da Rede Globo de Televisão. Ele divide o tempo em reportagens de campo (a maioria envolvendo temáticas sociais) e na apresentação de programas telejornalísticos da TV Clube, afiliada à Rede Globo no Piauí (sediada em Teresina).

Evandro Alberto de Sousa terminou seu mestrado e seu doutorado, e atualmente é reitor da Universidade Estadual do Piauí. Permanece coordenando pesquisas acadêmicas sobre a Comunicação no estado,

inclusive refletindo questões tecnológicas. Renan Nunes e Evandro Alberto não fazem mais parte dos quadros do RiachãoNet.

O portal RiachãoNet continua sendo um dos *sites* webjornalísticos mais acessados e de maior credibilidade do interior do Piauí. Atualmente é comandado pelos jornalistas Romário Mendes e Raí Júnior. Rogério Bezerra (2021) destaca que está nos planos, ainda para o ano de 2021, o retorno a atividades multimidiáticas envolvendo vídeos e novas experimentações sobre *Web TV*.

Todos esses avanços, inclusive com casos concretos e muitas possibilidades de outros, se dá pela popularização da Internet, principalmente em termos de consumo doméstico e de muito mais velocidade de banda larga, além do consumo de produtos virtuais audiovisuais, via dispositivos móveis, notadamente os aparelhos de telefonia celular.

No primeiro semestre de 2021 foi inaugurado em Picos uma nova experiência de *Web TV*, a TV Centro Sul de Picos. Essa experiência foi fundada por jornalistas que já tinham experiências em outras mídias. A TV CENTRO SUL (2021) tem programas jornalísticos e de entretenimento. Está na plataforma do *YouTube*, veiculando matérias de maneira síncrona e assíncrona. Teve seus primeiros meses de muita repercussão e, assim como a *Web TV* RiachãoNet, tende a ser um sucesso. Dessa vez com interlocuções com as redes sociais e maior público, graças às conexões contemporâneas.

Referências

BERLO, David K. **O processo da comunicação**. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

BERTI, Orlando Maurício de Carvalho. **Webjornalismo no Piauí**. Teresina: EdUESPI, 2020.

BEZERRA, Rogério Almeida. **Sobre o Riachão Net e a Web TV Riachão Net**. Entrevista concedida a Orlando Maurício de Carvalho Berti, via ligação telefônica em 17 de agosto de 2021.

FERRARI, Pollyana. **Jornalismo Digital**. São Paulo: Contexto, 2003.

GONTIJO, Silvana. O Livro de Ouro da Comunicação. Rio de Janeiro: Ediouro, 2004.

MALÍZIA, Pierfranco. **A “telinha particular”**. Objetivo e funções da Web TV na Comunicação Organizacional: uma resenha dos estudos recentes. São Paulo: Revista Brasileira de Ciências da Comunicação, n. 35, v. 2, 2012, pp. 291-311.

POLISTCHUCK, Ilana; TRINTA, Aluizio Ramos. **Teorias da Comunicação** – o pensamento e a prática da Comunicação Social. Rio de Janeiro: Campus, 2003.

TV CENTRO SUL. **Web TV Centro Sul**. Disponível em:
<<https://www.youtube.com/channel/UCX2kZX6kLeCNjBQuVrTkJkQ>>. Acesso em:
20.ago.2021.

**Parte 2 – Educação no jornalismo ou jornalismo
na educação: apontamentos sobre a vida
estudantil e os cursos de jornalismo em Picos**

O JORNAL FLÂMULA COMO LUGAR DE MEMÓRIA SOBRE A VIDA ESTUDANTIL PICOENSE

Jailson Dias de Oliveira

Introdução

O jornal impresso vem se constituindo como uma fonte importante de pesquisas acadêmicas nos últimos anos. Lima (2014, p. 16) salienta que os jornais têm sido buscados pelos estudiosos graças à riqueza de conteúdo presente em suas páginas. Os temas mais diferentes podem ser verificados nessas publicações, indo desde a política até eventos sociais. Essa abrangência permite compreender o meio onde o periódico está situado, bem como a sua época, e também os interesses e intencionalidades de quem fazia as publicações.

Os jornais impressos ganharam espaço nas pesquisas que permitem reconstruir o passado porque os mesmos passam a ser considerados “lugar de memória”, conforme o conceito de Nora (1993, p. 07). Para o autor, uma vez que não há meios de memória, constituem-se os lugares onde a memória pode ser preservada para posterior análise. Os jornais impressos desempenham esse papel, uma vez que a partir dos seus arquivos é possível ao pesquisador estudar sobre fatos verificados anteriormente, ou mesmo sobre o fazer jornalístico.

Nora (1993, p. 08) salienta ainda que ocorreu o fim das sociedades-memória, onde se transmitiam as lembranças de acontecimentos coletivos, valores, ideais. O avançar da pós-modernidade tornou mais complexas as relações entre famílias, grupos e etnias, com isso há maior importância quanto àquilo que foi escrito em fontes menos utilizadas até pouco tempo, como os jornais.

Sabe-se que a imprensa teve um início tardio no Brasil, com o primeiro jornal – o *Correio Braziliense* – circulando apenas a partir de 1º de junho de 1808, contrabandeado a partir de Londres, Inglaterra. A partir de então os impressos estiveram no centro das principais polêmicas envolvendo a nação que nasceu oficialmente em 1822.

Em Picos, o primeiro jornal foi verificado apenas em 1910 – tratando-se do *O Aviso*, produzido pelo coronel Joaquim das Chagas Leitão. O caminhar da imprensa picoense também foi lento, pois até o surgimento do *Flâmula*, em 1952, verificaram-se apenas cinco publicações (DEUS, 2001).

O *Flâmula* ganhou grande relevância em Picos na época em que circulou, pois ainda que ele fosse publicado a partir do Ginásio Estadual Picoense, contando com a participação de alunos, professores e colaboradores externos, o mesmo tratava de vários acontecimentos sociais verificados em Picos.

Portanto, este trabalho tem como objetivo geral descobrir qual a memória sobre a vida estudantil de Picos no início dos anos 1950 a partir do *Flâmula*. Analisa-se ainda como o impresso retratou os eventos envolvendo o alunado do Ginásio Estadual Picoense e como era a vida estudantil em Picos retratada pelo jornal. A pesquisa se justifica por permitir conhecer um traço importante da sociedade picoense no início dos anos 1950 – a vida estudantil – e também o papel do jornal no registro desses fatos.

Recorreu-se como metodologia à Análise de Conteúdo, de Bardin (1997). Compreende-se que ela é adequada à pesquisa em questão porque sugere a análise inicial do conteúdo e a seleção temática do que será estudado. Bardin (1997, p. 133) também recomenda ao pesquisador a criticidade quanto à mensagem, o que exige do estudioso colocar-se num lugar de distanciamento em relação ao objeto analisado.

Para a análise propriamente dita, foram selecionados três textos de três publicações distintas do *Flâmula*, são eles: *Rainha dos Estudantes*, publicado na primeira edição do jornal, em 15 de março de 1952; *Luzida*

caravana de ginásianas oeirenses visita os colegas desta cidade, publicado na sétima edição, de 07 de junho de 1952 e, por fim, *Vida Estudantil*, publicado na 14ª e última edição, de 18 de janeiro de 1953.

No capítulo inicial, optou-se por abordar os conceitos sobre memória e a sua utilização nos estudos do jornalismo, tendo como referencial Nora (1993), Barbosa (1995) e Rêgo (2014). No capítulo seguinte fez-se uma breve abordagem sobre a história do jornalismo no Brasil, no Piauí e em Picos. O último capítulo foi destinado à análise das publicações previamente selecionadas do *Flâmula*, comprovando como o jornal impresso é útil na compreensão de uma época e lugar, bem como a sua prática jornalística.

A memória como referência para a historicização no jornalismo

Ao registrar os acontecimentos verificados em uma localidade, o jornal impresso se constitui como um lugar onde a memória será arquivada para posterior consulta e análise, contribuindo, assim, para fornecer fontes para a historicização de fatos diversos. Nora (1993, p. 13) explica que os lugares de memória surgem porque a memória não é espontânea, tornando necessário criar arquivos e registros para manter vivos acontecimentos produzidos pela sociedade.

Nora (1993) salienta ainda que tais acontecimentos do cotidiano, como casamentos, nascimentos e celebrações diversas poderiam ser varridas pela história. O registro de tais fatos tem uma finalidade primordial para que o passado da sociedade possa ser reestudado pelas gerações posteriores. Fatos que passariam despercebidos pelos historiadores dos grandes acontecimentos adquirem o seu lugar, o que permite a perpetuação da memória das pequenas comunidades, fazendo frente à colonização constante da qual têm sido vítima países periféricos.

É por isso a defesa, pelas minorias, de uma memória refugiada sobre focos privilegiados e enciumadamente guardados nada mais faz do que levar a incandescência a verdade de todos os

lugares da memória. Sem vigilância comemorativa, a história depressa os varreria. São bastiões sobre os quais se escora. Mas se o que eles defendem não estivesse ameaçado, não se teria, tampouco, a necessidade de construí-los. Se vivêssemos verdadeiramente as lembranças que eles envolvem, eles seriam inúteis. E se, em compensação a história não se apoderasse deles para deformá-los, transformá-los, sová-los e petrificá-los, eles não se tornariam lugares de memória (NORA, 1993, p. 13).

Portanto, Nora (1993) mostra a importância dos registros dos acontecimentos do cotidiano nos espaços que ele denomina lugares de memória, sendo o jornal impresso um representante destes que pode ser comparado com os arquivos usados pelos pesquisadores no passado. O autor também deixa claro que, embora história e memória remetam ao passado, elas não são a mesma coisa, uma vez que o historiador vai se deter sobre os registros e lê-los, analisá-los, interpretá-los e, apenas posteriormente, apresentá-los à sociedade.

Não se pode entender a memória como uma verdade acabada uma vez que ela foi produzida sobre a égide de uma pessoa que retratou o seu olhar sobre o mundo, ao mesmo tempo que não se deve entender a história tradicional como a única existente.

Para Nora (1993), uma sociedade que tivesse como base apenas os lugares tradicionais de perpetuação do passado, como os museus, não teria onde aportar a memória daqueles que vivenciaram acontecimentos que não se fazem presentes nos livros. Nisso, pode-se compreender os jornais impressos como fundamentais para a pesquisa sobre a vida de pequenas localidades, fatos e pessoas cuja contribuição permanece oculta. A vida estudantil da Picos da década de 1950, a partir do jornal *Flâmula*, enquadra-se nesse contexto.

Com isso, é preciso ter em mente também o papel de quem escreveu e publicou nos jornais, pois é a visão dessas pessoas, devidamente registrada nos periódicos que será analisada pelo pesquisador. Barbosa (1995, p. 87) define os jornalistas como “senhores da memória”, destacando que o profissional da imprensa, assim como o

historiador, desenvolve as suas análises de acordo com a singularidade esperada de todo ser humano.

Barbosa (1995) salienta a necessidade de ver as publicações presentes nos jornais impressos com criticidade, uma vez que a mídia seleciona o que pode ser noticiado ou não, legando determinados fatos ao esquecimento.

A escrita deve ser vista, pois, como um elemento de construção seletiva da memória, que contém em si mesma a questão do poder. Eternizar um dado momento através da escrita é, ao mesmo tempo, como diz Georges Duby “domesticar e selecionar a memória”. Ao selecionar o que deve ser lembrado e ao esquecer o que deve ficar em zonas de silêncio, esses veículos de comunicação impressos tornar-se-iam, portanto, também senhores da memória (BARBOSA, 1995, p. 89).

Logo, conforme Barbosa (1995), os impressos atuam como lugares de uma memória seletiva, uma vez que nem tudo o que acontece na sociedade termina registrado nas páginas do jornal. Rêgo (2014, p. 23) também trata do jornal como um lugar de memória, onde ela está aberta a ser estudada. Para a autora, a história não se encerrou no passado, pois há uma relação de diálogo com o presente. Os jornalistas, portanto, continuam a contribuir com a sociedade através dos registros feitos sobre o dia a dia. Estes servirão como fontes de memória e estudo que poderão ser acessados pelos pesquisadores.

Rêgo (2014, p. 25) também destaca o jornalismo como uma instituição que guarda pontos de vista variados sobre diversos acontecimentos, e mais, “termina reunindo em seu discurso narrativas do cotidiano que embora singulares no momento de sua noticiabilidade, não possuem dimensão de fato histórico, logo o jornalismo atua sobre a memória coletiva e como esta se relaciona simbioticamente”.

A imprensa em Picos até o *Flâmula*

Com a vinda da Família Real portuguesa para o Brasil em 1808 foi instituída a Imprensa Régia, que lançaria em setembro daquele ano o

primeiro jornal produzido em terras brasileiras, *A Gazeta do Rio de Janeiro*. Deve-se lembrar, contudo, que antes da instalação da Imprensa Régia, Hipólito José da Costa conseguiu contrabandear para o Brasil, de Londres, capital da Inglaterra, o jornal *Correio Braziliense*, cuja primeira edição data de junho de 1808. Este é considerado por muitos historiadores da comunicação o primeiro jornal brasileiro.

Portanto, a imprensa surgiu tardiamente em terras brasileiras, sendo permitida apenas quando a coroa aqui se estabeleceu. Sodré (1986) salienta que o *Correio Braziliense* fazia oposição ao governo português e circulou até 1822, quando o Brasil se tornou oficialmente independente de Portugal.

No Piauí, não foi diferente. O primeiro jornal foi instituído apenas em 1832. Tratava-se do *O Piauiense*, que, segundo Pinheiro Filho (1997) tinha por missão dar sustentação ao presidente da Província do Piauí, Manuel de Sousa Martins, que seria posteriormente denominado Visconde da Parnaíba.

Os jornais piauienses do século XIX tinham curta duração e eram produzidos pelos filhos instruídos das famílias mais influentes da província – geralmente formados em direito. Said (2001) afirma que o primeiro jornal do Piauí a veicular propagandas das poucas empresas existentes no Estado foi o periódico *O Artista*, de 1902. Essa publicação tentava, assim, funcionar como uma empresa, não dependendo apenas do dinheiro de grupos políticos.

A imprensa em Picos

Elevada à categoria de cidade com o nome de Picos em 12 de dezembro de 1890, a jovem urbe conheceu o seu primeiro jornal impresso apenas em 15 de novembro de 1910. Conforme Canuto (2022), este jornal era de propriedade do coronel Joaquim das Chagas Leitão, que o constituiu para defender suas causas políticas. O coronel era ativo

participante na vida pública piauiense e picoense, tendo exercido cargos de representação na política eletiva.

O jornal *O Aviso* era publicado quinzenalmente e sua circulação se estendeu até 1930 – havendo algumas pausas na publicação ao longo desse período. Outros jornais surgiram posteriormente após o lançamento do *O Aviso*.

Segundo Deus (2001), em 1913 foi lançado o *Correio de Picos*, que circulou por apenas um ano; em 1925, surgiu *O Rebate*, que também durou apenas um ano; em 1950 foi lançado *A Ordem*, que servia como divulgação do Partido Social Democrático (PSD), e em 1952, alunos e professores do Ginásio Estadual Picoense publicaram o *Flâmula*, periódico autodenominado estudantil que perdurou por 14 edições e encerrou as suas atividades em 18 de janeiro de 1953.

O *Flâmula*

O jornal estudantil *Flâmula* pode ser considerado fruto da instituição do Ginásio Estadual Picoense no município, fato verificado em 09 de março de 1950. Conforme Sousa (2019) a instituição do ginásio, que correspondia ao ensino secundário conforme o sistema educacional vigente no Brasil dos anos 1950, ocorreu após uma árdua luta política. A classe média da cidade – formada por servidores públicos, militares e comerciantes – estava sequiosa de que os seus filhos pudessem prosseguir nos estudos sem ter de mudar para outras cidades: Teresina, Floriano e Crato – CE. Após muita pressão e mobilização política, o governador do Piauí, Rocha Furtado (1946-1951), determinou a instalação da escola secundarista em Picos.

Ao ser instituído, o ginásio passou a funcionar no mesmo prédio do Grupo Escolar Coelho Rodrigues, onde hoje é o Museu Ozildo Albano, localizado na Praça Josino Ferreira. Com o intuito de desenvolver intelectualmente o alunado, conforme destaca Almeida (2012), o diretor

do ginásio, juiz Vidal de Freitas, estimulou os estudantes a fundarem um grêmio escolar e lançarem um jornal impresso.

O grêmio recebeu o nome de Da Costa e Silva, em homenagem ao poeta de Amarante, e a partir de então os estudantes passaram a se movimentar para fundar o jornal *Flâmula*. Para tal, houve uma intensa mobilização para arrecadar recursos e conseguir comprar a gráfica que imprimiria a publicação.

Lançado em 15 de março de 1952, o *Flâmula*, apesar de se declarar estudantil, reservava em suas páginas espaço para tratar de acontecimentos locais, transpondo os muros do Ginásio Estadual Picoense. A publicação tinha a educação como principal temática, mas outros assuntos como colunas sociais, notícias, festas religiosas, também podem ser conferidas em suas páginas. Além disso, é possível ver publicidades das empresas existentes em Picos nos anos 1950, além da Prefeitura e Câmara Municipal utilizarem o jornal para divulgar notas e balancetes.

O jornal possuía circulação quinzenal, sendo lançado inicialmente aos sábados e posteriormente aos domingos. Embora possuísse assinaturas, o jornal era comercializado ao preço de Cr\$ 1,00 (um cruzeiro). No expediente da primeira edição constam os nomes da equipe editorial do periódico: Superintendente: Prof. Acilino Leite; Diretor: Alfredo Leopoldo Albano; Gerente: José Albano de Macêdo; Redator Chefe: Albertino Leal de Barros; Redatores: José Rafael Filho, Mário Marreiros e Luiz Alencar Bezerra.

Páginas do Flâmula: um registro da memória estudantil

A metodologia da Análise de Conteúdo, conforme Bardin (1997, p. 29), é extremamente útil neste estudo uma vez que propõe a análise aprofundada dos materiais disponíveis, cujo olhar imediato não proporciona o mesmo efeito que uma leitura apurada. Logo, ao realizar a leitura flutuante (BARDIN, 1997) e selecionar o material para análise,

busca-se compreender o que nele está escrito e as mensagens encontradas nas entrelinhas. Portanto, para ter dimensão sobre a vida estudantil a partir das páginas do *Flâmula*, optou-se por três textos presentes em três exemplares diferentes do jornal, a serem analisados em ordem cronológica.

Tratam-se dos textos: *Rainha dos Estudantes*, publicado na primeira página da primeira edição do jornal, lançada em 15 de março de 1952; *Luzida caravana de ginásianas oeirenses visita os colegas desta cidade*, publicado na primeira página da sétima edição do jornal, lançada em 07 de junho de 1952, e, por fim, *Vida estudantil*, publicado na edição de número 14 – última do *Flâmula* – lançada em 18 de janeiro de 1953.

Os dois primeiros textos foram escolhidos por representarem fatos vividos pelos alunos do Ginásio Estadual Picoense. Eles foram redigidos no *Flâmula* como uma notícia. Pode-se usar aqui o conceito de notícia conforme Lage (1997, p. 16), que a define “como o relato de uma série de fatos, a partir do mais interessante; e de cada fato, a partir do aspecto mais importante ou interessante”. O último é um texto opinativo, em que é percebida a opinião do autor sobre fatos verificados no interior do Grêmio Literário Da Costa e Silva.

Tendo por base a pesquisa em jornais, Rêgo (2014, p. 25) salienta o papel do jornalismo como um meio que guarda mais do que os acontecimentos extraordinários, pois também registra eventos do cotidiano, além permitir a divulgação de visões diferentes sobre a mesma ocorrência. A autora frisa que os fatos do dia a dia não possuem a dimensão de um registro histórico, o que fará o jornalismo atuar “sobre a memória coletiva” (RÊGO, 2014, p. 25).

Ao noticiar os acontecimentos, o jornalismo permite que a vida do homem comum também seja estudada, rompendo com uma visão elitista de que apenas pessoas de destaque na sociedade merecem atenção. Isso torna menos difícil a tarefa de conhecer os costumes e hábitos de um grupamento humano.

Rainha dos Estudantes

O primeiro texto analisado, *Rainha dos Estudantes*, foi impresso na terceira coluna da primeira página do *Flâmula*. A notícia trata sobre a organização de um concurso de beleza, no qual disputaram duas estudantes do Ginásio Estadual Picoense. A finalidade do evento era arrecadar recursos para aquisição da gráfica onde seria impresso o jornal do Grêmio Literário Da Costa e Silva. A matéria não é assinada e trata sobre a mobilização dos alunos.

Os dois primeiros parágrafos do texto *Rainha dos Estudantes* abordam a campanha promovida pelos alunos do Ginásio Estadual Picoense e a escolha das duas estudantes que disputaram o concurso de beleza: Idelzuite Leal, representando a 1º série, e Maria do Carmo Cardoso, representando a 2º série. Deve-se registrar que os estudantes não conduziram o concurso sozinhos. No terceiro parágrafo o jornal informa que o professor de francês Acilino Leite foi nomeado superintendente do concurso. A sequência do texto trata sobre o êxito do evento.

E não se sabe que mais merece ser louvado, se o entusiasmo e a cordialidade com que se lançaram à empresa os jovens estudantes, ou a boa vontade e a imparcialidade com que os orientou o seu dedicado mentor. E assim foi que o êxito do gentilíssimo prélio superou as estimativas mais otimistas, apesar de já tão conhecida a liberalidade com que o povo de Picos coopera monetariamente para todas as causas de elevada finalidade. Basta acentuar que excedeu a cinquenta mil cruzeiros a importância arrecadada com a disposição de votos, o que possibilitou tornar esplêndida realidade o sonho cultural da mocidade estudiosa do Ginásio (RAINHA..., 1952, p. 1).

Pode-se perceber como o jornal enaltece o trabalho dos estudantes que, ante a mobilização, conseguiram arrecadar os recursos necessários para a aquisição da gráfica. O texto constrói a ideia de uma vida estudantil ativa contribuindo, através desses registros, para perpetuar a memória de jovens extremamente dedicados. Ao registrar o concurso de beleza em suas páginas, que passam a ser consultadas, o *Flâmula* se tornou um lugar simbólico de memória, conforme Nora (1993, p. 13). O periódico

estudantil merece essa definição porque as suas páginas podem ser estudadas, tornando o mesmo “objeto de um ritual” (NORA, 1993, p. 13), uma vez que será folheado e analisado.

Nos parágrafos quatro e cinco da notícia, o jornal aponta a estudante Idelzuite Leal como a vencedora do concurso, contudo, fica evidente que o resultado era de menor importância para a publicação, uma vez que a participação da população, a relevância do evento e o empenho dos organizadores foram mais lembrados.

Por isso, o texto é encerrado com a certeza de que o concurso marcou a sociedade picoense: “Os picoenses guardarão por muito tempo a grata recordação do que foi esse movimento de beleza e de generosidade e a elegância da festa em que ele culminou” (RAINHA..., 1952, p. 1).

A notícia sobre a solenidade e o sucesso que a empreitada representou, conforme relatado pelo *Flâmula*, vai ao encontro do que Barbosa (1995, p. 87) diz sobre o “jornalismo como o lugar privilegiado para o desenvolvimento de uma história imediata”. O jornal transmite a perspectiva de que os estudantes dispunham de grande capacidade de mobilização, relegando aos pesquisadores a ideia de que os mesmos possuíam influência junto à sociedade picoense.

Ginasianas oeirenses visitam Picos

O segundo texto analisado é a manchete da sétima edição, de 07 de junho de 1952: *Luzida caravana de ginasianas oeirenses visita os colegas desta cidade*. Por ter maior destaque e encabeçar a primeira página, essa notícia vem ainda com o subtítulo: *A mocidade estudiosa de Picos recebeu, alvoroçada, a simpática embaixada – do ginásio de Oeiras*. O texto ocupa o meio da página em uma única coluna. Acima dele há outro subtítulo: *Caravana de ginasianas*.

O primeiro e o segundo parágrafos, de um total de cinco, informam que o encontro dos estudantes de Picos e Oeiras foi patrocinado pelo

funcionário do Departamento Nacional de Obras Contra a Seca (DNOCS), Jaime Saraiva. Diz ainda que a caravana oeirense era presidida pela professora Teresinha Avelino, e dela participaram as estudantes: “Valdália Freitas, Mercês Rocha, Daria e Dores Reis, Maria das Dores e Luzia Ferreira, Teresa e Jaisa Saraiva” (LUZIDA..., 1952, p. 1).

O terceiro e quarto parágrafos são dedicados a elogiar o papel desempenhado pelo professor Dr. Fonseca no encontro entre os ginasianos das duas cidades. Ele ofereceu uma festa em sua residência. Nessa notícia, é possível perceber que os professores eram participantes ativos da vida estudantil de Picos.

A mocidade do Ginásio Estadual Picoense recebeu com transbordante alegria a visita de suas formosas colegas oeirenses, a quem ofereceu uma festa dançante das mais animadas e elegantes, no palacete do nosso estimado professor Dr. José dos Santos Fonseca, lente de Geografia e instrutor de Educação Física de nossa querida escola secundária.

Conhecida a lhaneza de trato e o cavalheirismo do Dr. Fonseca e de sua digníssima consorte, d. Maria Carmem Fonseca, é de imaginar a cativante gentileza com que o ilustre casal colaborou com os estudantes picoenses, na recepção que fizeram a suas coleguinhas da velha cidade manter de tudo que é nobre e elevado na vida cultural do Piauí (LUZIDA..., 1952, p. 1).

Destaca-se que o intercâmbio não foi promovido pelos estudantes, mas pelos docentes das escolas das duas cidades piauienses. A vida estudantil, contudo, merece ênfase porque o evento foi pensado para os jovens, por entender que contribuiria com o crescimento acadêmico dos alunos de ambas as instituições educacionais. Mais uma vez o jornal expôs a memória de uma vida estudantil movimentada, cujas experiências não ficaram restritas aos muros do ginásio.

O jornal também destaca o papel ativo do professor Dr. Fonseca, a quem não poupa elogios, contribuindo para a perpetuação de uma memória extremamente positiva a respeito desse docente do ginásio. O acesso aos arquivos de um jornal como o *Flâmula*, permite o entendimento de que as possibilidades da perpetuação da memória se

tornaram mais democráticas. Nora (1993) salienta que há mais produtores de memória na atualidade do que era verificado no passado.

Assim, a materialização da memória, em poucos anos, dilatou-se prodigiosamente, desacelerou-se, descentralizou-se, democratizou-se. Nos tempos clássicos, os três grandes produtores de arquivos reduziam-se às grandes famílias, à Igreja e ao Estado. Quem não se crê autorizado hoje a consignar as suas lembranças, a escrever as suas Memórias, não somente os pequenos atores da história, como também os testemunhos desses atores, sua esposa e seu médico? Menos o testemunho é extraordinário, mais ele parece digno de ilustrar uma mentalidade média (NORA, 1993, p. 15-16).

Dessa forma, o jornal impresso também assegurou o seu lugar como criador de memórias, uma vez que os registros sobre acontecimentos e opiniões estão entre as suas funções. Eles se tornam úteis para o estudo de fatos que há pouco tempo não receberiam a atenção devida, como a vida estudantil na cidade de Picos. Ao final da notícia sobre a visita das ginásianas oeirenses, o periódico deu destaque à boa impressão que teria ficado sobre o encontro entre os discentes e distribuiu mais elogios ao patrocinador do intercâmbio, Jaime Saraiva.

Vida Estudantil: divergências quanto ao grêmio

O último texto escolhido para análise trata-se do *Vida Estudantil*, lançado na edição de número 14 do *Flâmula*, em 18 de janeiro de 1953. Ele está dentro da coluna *Fatos da Cidade* e é assinado pelo estudante Alfredo L. de Albano. Diferente dos textos analisados anteriormente, este é um artigo de opinião, onde se percebe um relato e um desabafo sobre desentendimentos internos no Grêmio Da Costa e Silva, revelando que a relação entre os estudantes não ia bem.

Destaca-se que Alfredo Albano ocupava os cargos de secretário do Grêmio Da Costa e Silva e diretor do *Flâmula*. O grêmio era presidido por Ozildo Albano, liderança estudantil em Picos nos anos 1950.

O artigo de Alfredo Albano é pertinente para análise porque trata sobre uma reunião do grêmio, dizendo respeito exclusivamente aos

estudantes, havendo a necessidade de tornar públicos acontecimentos verificados na última reunião realizada entre os discentes do Ginásio Estadual Picoense.

Alfredo Albano escreveu um longo relato em duas colunas, do lado esquerdo da quarta página do jornal. A primeira coluna vai de alto a baixo da folha do periódico, enquanto a segunda se encerra no meio da página. É o maior texto analisado neste trabalho. No primeiro capítulo da sua coluna, Alfredo Albano faz um longo discurso sobre o que é ser mestre e professor, e a necessidade de buscar pessoas sábias para orientação. Já no segundo parágrafo, ele decide ir ao assunto, que se refere aos estudantes picoenses, justificando o fato da coluna se chamar *Fatos da Cidade*.

É o seguinte: recebi, domingo o convite para presidir uma reunião da mesa Diretora do “Grêmio Literário Da Costa e Silva”, agremiação literária a mais de um ano fundada em Picos. Aceitei-o. E lá tratamos dos diversos assuntos que vieram a baila sobre os diferentes temas. Tratamos de tudo. Deixamos tudo definitivamente acertado, apesar da encrenca ali reinante, verdadeiro vulcão humano que não cessa um só instante de soltar suas lavas sobre os jovens estudantes. E o interessante é que tal fato é provocado por estudantes que se acham com um pouquinho de poder na mão e sem contar com as classes armadas estudantis, querem talvez dar um golpe de estado e se assenhorar da presidência do Grêmio, como se esta entidade fosse um país revolucionário que só a ditadura militar pudesse corrigir os defeitos. Mas não são só vulcões. São também formigueiro cuja boca assiste um constante vai e vem de mentiras e calúnias (ALBANO, 1953, p. 4).

Percebe-se pelo relato de Alfredo Albano, transcrito no *Flâmula*, que o grêmio estudantil não ia bem. Os estudantes pareciam desunidos e beligerantes quanto à associação. Aqui, deve-se fazer a devida consideração que se trata da visão do autor, que participou do evento e escreveu as suas impressões. O estudante parecia inflamado quando redigiu essas palavras, uma vez que usou expressões como golpe de estado.

Ao analisar o artigo com a visão de Alfredo Albano, recorre-se a Barbosa (1995, p. 87) para quem “o jornalismo está promovendo uma

seletiva reconstrução histórica desse presente”. Ou seja, ao eternizar as suas queixas no *Flâmula*, o estudante garantiu que a sua visão sobre o ocorrido se perpetuasse, havendo um silenciamento quanto ao que pensavam os seus colegas.

O terceiro parágrafo é o mais curto, onde Alfredo Albano afirma que em vida os inocentes pagam pelos crimes dos culpados. Fica subentendido na sequência do texto que no porvir cada indivíduo arcará com as responsabilidades pelos próprios atos. No quarto parágrafo – bastante longo –, o estudante informa que o presidente do grêmio não havia convocado sessão entre os sócios e que nas convocações anteriores do presidente, não havia quórum suficiente para a abertura das discussões.

Alfredo Albano segue no mesmo parágrafo acusando os colegas de estarem atrasados com as mensalidades do grêmio e que o tesoureiro Mário Marreiros não procedia com a cobrança dos associados. Para o autor do texto, essa falta de ação da tesouraria causou um prejuízo de mil cruzeiros à entidade. Na sequência, sem especificar o que falaram sobre ele, o estudante diz que lhe foram levantadas calúnias e mentiras.

No quinto parágrafo, Alfredo mostra que a situação havia tomado uma dimensão tal que os seus colegas recorreram ao diretor do Ginásio Estadual Picoense, juiz Vidal de Freitas. Isso evidencia que os estudantes precisaram de uma orientação dos docentes para conduzir as suas atividades. Por serem muito jovens, é compreensível que o grêmio era acompanhado pelos professores, em especial o seu incentivador.

Já é do meu saber que disseram ao Dr. Vidal que eu havia dito em sessão que o fuxico que reinava ali na gráfica, o causador era ele. Lanço aqui o meu veemente protesto contra quem teve a ousadia de dizer tal coisa, pois entre as mentiras que constantemente bailam aqui, esta talvez seja a maior. Meu Deus, por que será que os homens não se compreendem mais? Por que será que não há mais temor a Deus? O homem perdeu todo o temor. Mas ainda há uma esperança: “A verdade não se cansa porque é eterna” (ALBANO, 1953, p. 4).

Ao final do artigo consta a data 30 de dezembro de 1952. Não está claro se essa data se refere à redação do texto ou à realização da polêmica sessão. O certo é que a edição do jornal foi lançada apenas em 18 de janeiro de 1953. Como se percebeu, Alfredo Albano se defende das acusações que lhe imputaram contra Vidal de Freitas.

É importante frisar ainda que a opinião do autor do texto é apresentada em defesa própria, uma vez que ocupava cargos de direção no jornal e no grêmio. Com isso, percebe-se que a vida estudantil verificada em Picos nos anos 1950 não era marcada apenas pelos eventos escolares, mas havia disputas entre os alunos do ginásio que, nesse caso, ganhou as páginas do *Flâmula*. Mais uma vez também fica em destaque o papel dos professores junto ao alunado. Mesmo que não tivesse participação junto ao grêmio, Vidal de Freitas foi procurado.

Sobre o que fica registrado nos jornais, Barbosa (1995, p. 89) afirma que “a escrita deve ser vista, pois, como um elemento de construção seletiva da memória, que contém em si a mesma questão do poder”. Portanto, aplicando o conceito a Alfredo Albano, compreende-se que o mesmo relatou a sua versão dos fatos uma vez que dispunha da possibilidade para isso. A 14ª edição foi a última do *Flâmula*. Nela não constava nenhum texto de despedida do jornal ou a informação de que o periódico não seria mais publicado. Ele simplesmente acabou.

Considerações

O jornal autodenominado estudantil *Flâmula* se mostrou uma fonte extremamente útil para o estudo da memória da vida estudantil da cidade de Picos no início dos anos 1950. Nesse impresso podem ser percebidos relatos de acontecimentos que movimentaram a vida dos alunos do Ginásio Estadual Picoense, bem como desentendimentos percebidos entre os discentes.

Assim, o *Flâmula* corresponde a um lugar de memória, conforme descrito por Nora (1993), pois no mesmo há os registros sobre o cotidiano

da vida estudantil picoense, contribuindo para a preservação de uma memória, ainda que seletiva, a respeito da cidade de Picos e como os estudantes eram percebidos.

Isso fica evidente no texto *Rainha dos Estudantes*, pois, conforme as palavras publicadas no jornal, a sociedade picoense colaborou com os recursos necessários para a aquisição da gráfica onde foi impresso o jornal *Flâmula*.

A segunda publicação analisada também atesta a consideração que os jovens desfrutavam junto à população, uma vez que o intercâmbio com as alunas do ginásio de Oeiras foi patrocinado pelo servidor público Jaime Saraiva, que não exercia nenhuma função junto ao Ginásio Estadual Picoense.

Ainda sobre a segunda notícia analisada, a festa promovida pelo professor Dr. Fonseca, permite a compreensão de que os estudantes protagonizavam eventos sociais importantes em Picos. O jornal ajuda a perpetuar uma memória positiva sobre docentes, como o Dr. Fonseca e o professor de Francês Acilino Leite. Partindo da perspectiva de Barbosa (1995), de que os jornalistas são senhores da memória, estes propagam a visão de que o corpo docente do ginásio era integrado aos alunos e estava sempre disposto a colaborar com os mesmos.

Quanto ao artigo de opinião analisado, fica evidente que os estudantes possuíam desentendimentos no tocante ao funcionamento do Grêmio Literário Da Costa e Silva e do jornal *Flâmula*, culminando no desabafo de Alfredo Albano. A publicação mostra que não eram apenas os eventos escolares que caracterizavam a vida dos estudantes do ginásio.

É importante destacar o pensamento de Rêgo (2014), quando diz que o jornal impresso está aberto como um lugar onde a memória pode ser analisada. Assim, o *Flâmula* pode ser visto como esse lugar, rico para pesquisadores que ambicionam conhecer não apenas a vida estudantil, mas a memória sobre fatos para além dos muros escolares.

Referências

ALBANO, Alfredo L. de. Vida Estudantil. **Flâmula**. Picos, ano II, n. 14, p.04, 18 jan. 1953.

ALMEIDA, Eduardo Henrique Barbosa de. **O noticioso estudantil: Flâmula e as formas de representação social em Picos na década de 1950**. Picos – PI: Universidade Federal do Piauí - UFPI, 2012.

BARBOSA, Marialva. Os Senhores da Memória. **INTERCOM** – Revista Brasileira de Comunicação, São Paulo, Vol. XVIII, nº 2, pág. 84-101, jul./dez. 1995. págs. 84-101

CANUTO, Raniel das Flores. **Jornal O Aviso e a batalha político-partidária do coronel Joaquim das Chagas Leitão através da imprensa (1910–1930): *Salus populi suprema lex est***. 2022. 152f. Dissertação (Mestrado em Comunicação Social). Pós-Graduação em Comunicação. Universidade Federal do Piauí, Teresina, 2022.

DEUS, Maria Darcí de. **A princesa dos montes: história e evolução**. Picos [s.n], 2001.

LAGE, Nilson. **Ideologia e técnica da notícia**. 3. ed. Florianópolis: Insular, 2001.

LIMA, Nilsângela Cardoso. **Relações de poder e práticas jornalísticas em O Dia, A Cidade e Jornal do Piauí (1951-1954)**. 2014, 350f. Tese (Doutorado em Ciências da Comunicação). Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação - Universidade do Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo, 2014.

LUZIDA CARAVANA DE GINASIANAS OEIRENSES VISITA OS COLEGAS DESTA CIDADE. **Flâmula**. Picos, ano I, n 7, p.1, 07 jun. 1952

BARDIN, Laurence. **Análise de Conteúdo**. Brasil: Edições 70, 1977.

NORA, Pierre. **Entre Memória e História: a problemática dos lugares**. Tradução. Yara Aun Khoury. Projeto História, São Paulo, 10 de dez. 1993. Pág. 7-28

PINHEIRO FILHO, Celso. **História da imprensa no Piauí**. Teresina: COMEPI, 1972.

RAINHA DOS ESTUDANTES. **Flâmula**. Picos, ano I, n 1, p. 1, 15 mar. 1952

SAID, Gustavo Fortes. **Comunicações no Piauí**. Teresina: APL, 2001.

SODRÉ, Nelson Werneck. **História da imprensa no Brasil**. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira: 1966.

SOUSA, Higo Carlos de Meneses de. **Um ginásio para mocidade picoense: cultura escolar de uma instituição de ensino secundário (1950-1971)**. 2019. p. 395. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação – Universidade Federal do Piauí, Teresina, 2019.

RÊGO, Ana Regina Barros Leal. A Ditadura Militar no jornalismo: uma abordagem a partir do conceito de lugar de memória. **Revista Brasileira de História da Mídia (RBHM)** - v.3, n.2, jul./2014 - dez./2014.

HISTÓRIA DA FORMAÇÃO DE JORNALISTAS EM PICOS-PI

Mayara Sousa Ferreira
Maria do Amparo Borges Ferro

Para início de história

Até o início dos anos 2000, os profissionais da comunicação atuantes no interior do Piauí, especificamente no Centro-Sul, região de Picos, eram majoritariamente do batente³, ou seja, sem formação acadêmica para o jornalismo. A cidade já contava com um bom número de radialistas e comunicadores em exercício nos veículos midiáticos locais, dentre jornais impressos e emissoras de rádio, fazendo a imprensa pulsar no Sertão piauiense.

Essa situação perdurou porque Picos demorou a receber seus cursos de jornalismo, mesmo com a presença da Universidade Federal do Piauí no município desde 1982 (UFPI, 2017) e da Universidade Estadual do Piauí desde 1993 (UESPI, 1993). O Instituto Federal do Piauí foi instalado somente em 2007 (IFPI, 2017) e o Instituto de Educação Superior Raimundo Sá, privado, mas com a oferta de ensino presencial regular, só em 2006 (FACULDADE RSÁ, 2020).

Embora a imprensa piauiense tenha surgido em 1832, com o jornal *O Piauiense*, na então capital Oeiras (RÊGO, 2001), durante o século XX, o jornalismo se consolidou como atividade profissional e se expandiu. Segundo Mendes (2014), foi sobretudo na década de 1970 que ocorreu crescimento dos meios de comunicação jornalísticos, quanto ao número de veículos, à estrutura – as redações passaram a se organizar como empresas e a se modernizar – e à produção editorial.

³ Usamos “batente” para fazer referência aos profissionais amadores. “Jornalistas do batente” é uma expressão muito usual na profissão, como um jargão para fazer referência àqueles que atuam no campo prático sem formação institucionalizada.

Há que se sublinhar que aliado ao crescimento da comunicação piauiense, com a expansão e modernização de veículos jornalísticos, inclusive com a chegada da primeira TV local, a TV Rádio Clube, em 1972, e a criação da Secretaria de Comunicação do Governo do Estado, em 1979 (MENDES, 2014), temos o cenário de regulamentação da profissão de jornalista no Brasil.

A profissão foi regulamentada em 1969 (BRASIL, 1969) e o diploma se tornou obrigatório a partir de 1979 (BRASIL, 1979), período em que a qualificação dos profissionais que atuavam no mercado da comunicação no Piauí já era uma necessidade para melhor desempenho nos modernos meios de comunicação social. Esse contexto resultou na implantação do primeiro curso de Bacharelado em Comunicação Social na UFPI, em Teresina, no ano de 1984 (UFPI, 1983), mais de 10 anos depois da instalação da UFPI, a primeira universidade desse Estado, criada pelos governos militares ditatoriais, em 1971.

No entanto, sem o curso no interior do Piauí poucos eram os profissionais da região de Picos que conseguiam se deslocar para a capital ou mesmo para grandes cidades de estados vizinhos, como Ceará, Pernambuco e Paraíba, em busca da formação de jornalista, por meio do ensino superior.

Somente quase 20 anos após a criação do curso na capital, Picos recebeu seu primeiro Bacharelado em Comunicação Social, em 2002, por meio da UESPI (2001), à época de sua expansão. A implantação se deu um ano depois de a universidade implementar o curso de Comunicação Social, em Teresina, com o mesmo projeto. Em 2006, o segundo curso local foi ofertado, com a fundação da Faculdade R.Sá. É dentro desse contexto que situamos este trabalho.

Tendo em vista que a proposta é tematizar a história da formação de jornalistas em Picos, possibilitada pela conjuntura do processo de interiorização da UESPI, entre o final dos anos 1990 e início dos anos 2000, e, posteriormente, pela criação da Faculdade R.Sá, em 2006, o primeiro passo é, então, descrever os movimentos que levaram à criação dos

cursos de educação superior no campo da comunicação, em Picos. Em seguida, refletimos sobre a mudança no perfil do profissional em atividade na macrorregião, como consequência da implantação.

A discussão é conduzida sob a perspectiva teórica da história cultural. Fizemos tal escolha porque acreditamos, com Ribeiro e Herschmann (2008), que os estudos da história da comunicação são melhores desenvolvidos quando adotamos perspectivas interdisciplinares e até transdisciplinares, uma vez que não existem ganhos se isolamos um objeto em apenas um campo disciplinar, ainda mais quando se fala em história da comunicação e, no caso deste artigo, também em história da educação.

Quanto à história cultural, Burke (2008) constata que houve uma redefinição nos estudos históricos e nas abordagens e discussões teóricas, quando ocorreu a ascensão da história cultural, por intermédio de uma virada cultural, em que análises econômicas, políticas e sociais se aproximavam de termos e diagnósticos culturais. A história cultural foi redescoberta nos anos 1970 e, desde então, vem passando por uma renovação. Nesse processo, historiadores que estudavam política e economia passaram a dar mais ênfase às questões culturais.

Além da abertura quanto à abordagem temática, de modo que práticas antes entendidas como menos importantes passaram a ser consideradas relevantes, a renovação da história deu condições para ouvir atores, que até então não eram ouvidos, pela utilização de fontes variadas, incluindo as orais e audiovisuais. A forma de narrar os acontecimentos se modificou; o ângulo, também. Surgiram, assim, novas tendências metodológicas.

Por essa abordagem, temas como o que trabalhamos neste artigo passaram a ser considerados sob o olhar da historiografia, uma vez que a nova história, como começou a ser chamado o novo campo, preocupa-se com toda a abrangência de atividades realizadas pela humanidade (BURKE, 1992), sem que necessariamente tenha que estar vinculada aos campos político e econômico.

As influências da história cultural são notórias na história da educação desde sua constituição como campo de pesquisa. Com seus aspectos interdisciplinares e plural, a história da educação também compreende a renovação das metodologias e dos objetos, assim como das abordagens e dos sujeitos ouvidos (LOPES; GALVÃO, 2010).

Assim, este estudo adota tal perspectiva, com o método da história oral. Fazemos uso de documentos orais, relatos orais de memória, dada a importância das memórias para evidenciar aspectos que podem ter sido silenciados em documentos escritos, especialmente, os de caráter oficial. As transformações impelidas ao campo da história garantiram a compreensão e validação da história oral como método da historiografia.

Os arquivos escritos dificilmente deixam transparecer os tortuosos meandros dos processos decisórios. Muitas decisões são tomadas através da comunicação oral, das articulações pessoais; o número de problemas resolvidos por telefone ou pessoalmente não para de crescer. Para suprir essas lacunas documentais, os depoimentos orais revelam-se de grande valia (FERREIRA, 1998, p. 7).

Os relatos mnemônicos e as narrativas foram construídos a partir de entrevistas semiestruturadas com sujeitos que vivenciaram, de forma direta, aspectos marcantes no e para os cursos. Dialogamos com egressos, professores e ex-professores do curso de Comunicação Social da UESPI, campus Professor Barros Araújo, em Picos, e com o reitor dessa instituição à época da implantação do curso.

Parte dos sujeitos da pesquisa também têm relação com a história do curso de Jornalismo da Faculdade R.Sá, uma vez que muitos docentes que atuavam no primeiro curso de Comunicação Social de Picos também participaram do ensino e aprendizagem no bacharelado da faculdade supracitada. Dentre os quais, figuram os professores Evandro Alberto e Orlando Berti, fundadores do projeto curricular do curso da Faculdade R.Sá. Segue descrição das fontes no Quadro 1, abaixo.

Quadro 1 — Fontes orais da pesquisa

Nome	Relação com o curso da UESPI-Picos	Período	Relação com o curso da Faculdade R.Sá	Período
Evandro Alberto de Sousa	Professor substituto à época da implantação do curso da UESPI	2002-2007	Professor do curso	2006-2014
	Segundo coordenador do curso	2003-2007	Primeiro coordenador do curso; participou da elaboração do projeto do curso	2006-2014
	Professor efetivo	2012-atual		
Jônathas de Barros Nunes	Reitor à época da expansão universitária	1995-2001		
José Pereira de Sousa Filho (J. Pereira)	Integrou o grupo de mobilização pela implantação do curso	1998-2002	Professor	2008-2011
	Egresso da primeira turma	2002-2005		
Maria Edilene Ramos da Luz	Integrou o grupo de mobilização pela implantação do curso, uma entre poucas jornalistas com formação (Pernambuco)	Final dos anos 1990		
	Professora substituta	2003-2005		
Orlando Maurício de Carvalho Berti	Primeiro professor efetivo do curso de Picos; quarto professor do curso	2003-2006	Professor; participou da elaboração do projeto do curso	2006-2010

Fonte: elaboração das autoras

O foco na abordagem predominante de colaboradores com maior vínculo junto à UESPI se dá porque esta proposta integra um projeto de pesquisa mais amplo. No nosso curso de doutoramento, em andamento, investigamos acerca da história e memória do ensino de Jornalismo no Piauí, considerando, especificamente, as instituições públicas. Neste trabalho, utilizamos documentos orais já produzidos pela primeira autora na investigação para a tese.

Assim sendo, as entrevistas foram realizadas de forma presencial e *online*, por vídeo-chamada, com uso de plataformas digitais para a comunicação. O roteiro foi utilizado como base, mas cada entrevista seguiu seu fluxo, segundo a fluidez do diálogo com a entrevistadora

(primeira autora). Em seguida, passamos à etapa da transcrição do material na íntegra, e posterior releitura e análise.

Para auxiliar com os dados históricos, também nos dedicamos à pesquisa documental (GIL, 2014). Procuramos documentos de caráter público e institucional, como resoluções de criação do curso, disponíveis *online*, assim como notícias e informações acessíveis nos *sites* das universidades citadas. Dessa forma, buscamos reconstituir e interpretar a história e a memória da formação de jornalistas em Picos, pela implantação dos cursos de Comunicação Social na UESPI e na Faculdade R.Sá.

Entre vontade e necessidade: a busca por formação universitária em jornalismo no Sertão

A popularização da comunicação na região de Picos levou ao despertar dos profissionais do campo para a qualificação dos recursos humanos das redações jornalísticas e de assessorias de imprensa, e à busca por conhecimento de apontamentos teóricos e analíticos dos serviços prestados. No final dos anos 1990, a vontade de formação desses profissionais refletia a compreensão da necessidade imperada pelo mercado de trabalho.

Cerca de 40 profissionais se articularam em torno da mobilização pela implantação de um curso de ensino superior na área do jornalismo em Picos. Foram três tentativas: Federação Nacional dos Jornalistas (FENAJ), Universidade Federal e Universidade Estadual, cronologicamente.

Os movimentos que buscaram viabilizar a formação universitária no interior do Piauí nesse período permaneceram vívidos nas memórias individuais de entrevistados, como José Pereira de Sousa Filho (2019) e Maria Edilene Ramos da Luz (2020), que participaram ativamente dos processos, mas também nas dos professores Evandro Alberto de Sousa (2020) e Orlando Maurício de Carvalho Berti (2019).

No encontro entre as memórias individuais de uns e outros, nasce a memória coletiva, caracterizada pelo conjunto de lembranças de indivíduos e de grupos. Nessa argumentação, é importante destacar a percepção de Halbwachs (2006) de que a memória é um fenômeno social. Ao discutir sobre memória e tempo, memória e espaço, o estudioso evidencia esses aspectos sociais.

Cada indivíduo e grupo constrói sentidos sobre determinados lugares e tempo, constituindo percepções sobre o tempo e o espaço, de modo que alguns se tornam objetos de memória. As lembranças de uma pessoa em conjunto com as de outras formam a memória coletiva. Por esse motivo, a memória é tão dinâmica, vívida e fluida.

Da mesma maneira, no campo da história, Catroga (2001) discute sobre memória na perspectiva social. Assim como o autor mencionado nos parágrafos anteriores, Catroga (2001) acredita que as lembranças não são puras, mesmo sendo subjetivas, elas estão circunscritas num contexto social e tensional: individual-coletivo, pessoal-grupal.

“Cada indivíduo participa, simultaneamente, em vários campos mnésicos, conforme a perspectiva em que coloca a sua retrospectiva. Porém, esta reduz-se a duas atitudes nucleares: a autobiográfica e a histórica” (CATROGA, 2001, p. 16). Por isso existem tantos tensionamentos, trata-se de um processo relacional.

Nas memórias de José Pereira de Sousa Filho, o conhecido Jota Pereira, “[...] essa mobilização em prol da instalação do primeiro curso de Comunicação Social na UESPI foi fruto da atitude de pessoas vocacionadas, de aspirantes ao curso de Jornalismo. Essas pessoas, algumas delas, se projetaram de forma relevante no mercado de trabalho [...]” (SOUSA FILHO, 2019, s/p).

De modo semelhante, Maria Edilene Ramos da Luz (2020) evoca memórias individuais sempre relacionando ao que foi vivido em grupo. Ela conta que se formou em Recife em 1991 e, após uma temporada de experiências profissionais fora do Piauí, retornou à cidade natal e logo assumiu a diretoria de jornalismo do Sistema de Comunicação de Picos.

Foi no convívio com colegas do batente que ela se aproximou do grupo que se mobilizou em busca da formação pela oferta do curso em Picos.

Assim, a primeira abordagem se deu em 1998, junto à Federação Nacional dos Jornalistas (FENAJ), por meio do Sindicato dos Jornalistas do Piauí (SINDJOR). Essa iniciativa de apelar para os dois órgãos denota uma tentativa de relacionar as entidades representativas profissionais à organização da formação de jornalistas. Vale destacar que isso não foi novidade, nem exclusividade de Picos.

Em âmbito nacional, Lopes (2013) e Marques de Melo (2008) relatam que um dos marcos para a configuração do ensino e da aprendizagem de jornalismo se deu por meio da Associação Brasileira de Imprensa (ABI), com a realização do I Congresso Brasileiro de Jornalistas, no início da década de 1970, envolvendo profissionais, empresários, representantes acadêmicos e também sindicais.

Embora a iniciativa da ABI tenha sido importante para a concepção da formação do jornalista brasileiro, levando algumas décadas para implementação do ensino universitário, em âmbito local, o apelo aos órgãos representativos FENAJ e SINDJOR não resultou no que era esperado. “[...] não foi aprovada e nós ficamos aí, indignados em um determinado momento, mas, é... compreendemos a boa iniciativa do então presidente em ter, pelo menos, tentado, né?”, conta J. Pereira Sousa Filho (2019, s/p).

No mesmo ano, a segunda tentativa foi na UFPI, com o reitor Pedro Leopoldo. O fato de Teresina já ofertar o curso há mais de 10 anos foi alegado documentadamente. “Basicamente, tem formado jornalistas para atuar no mercado da capital, deixando o interior do Estado desprovido de profissionais habilitados” (BARRETO *et al.*, 1998, p. 4).

Por meio de ofício sem número, datado de 9 de novembro de 1998, acompanhado de projeto como anexo, os comunicadores representados por João Bosco A. Barreto, Francisco das Chagas Ferreira, Ruthemberg Morais, José Pereira de Sousa Filho e João Benvindo de Moura, apresentaram requerimento de implantação.

À época, Picos contava com um mercado comunicacional pujante, com rádios comerciais e comunitárias, e jornais impressos com tiragens regulares. Dois aspectos foram enfatizados no pedido: a vontade e a necessidade de formação. “[...] não só a possibilidade de suprir-se uma lacuna de profissionais habilitados, ainda incipiente, mas também a perspectiva de se estabelecer uma melhor qualidade dos serviços prestados na área de Comunicação Social” (BARRETO *et al.*, 1998, p. 4). Contudo, José Pereira de Sousa Filho (2019) e Maria Edilene Ramos da Luz (2020) lembram que o projeto não teve a aceitação que os comunicadores locais ansiavam.

A história da profissionalização de jornalistas a partir da formação acadêmica exigia a existência de um curso local. Não bastava haver um curso em Teresina. Predominava a impossibilidade de muitos desses se deslocarem para estudar, principalmente, porque eram profissionais em atuação, maduros, muitas vezes, com famílias formadas ou em construção. Segundo Edilene Ramos, nessas condições, sair da cidade a fim de estudar e se formar era muito mais difícil e como em Picos não existia o curso de Comunicação para formar jornalistas, ficava inviável.

Desde meados dos anos 1990, a UESPI passou por processo de interiorização. Impulsionada pela Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, Lei nº 9.394/1996, popular LDB/96 (BRASIL, 1996). A universidade estadual expandiu seus cursos para formação de professores, sob a necessidade de caminhar para melhorias na realidade da educação básica piauiense.

Em pesquisa realizada sobre a história dessa instituição, Nogueira e Ferro (2013) ressaltam que esse objetivo de formar professores por meio da universidade estadual antecedeu a fase de expansão, na verdade, foi a principal motivação para a criação da UESPI, em 1984. “[...] a Uespi tem como propósito primeiro a formação do quadro de docentes para a Educação Básica, afastando-se posteriormente desse objetivo para implantar outros cursos considerados elitizados” (NOGUEIRA; FERRO, 2013, p. 4).

No Piauí, até então, as escolas contavam, predominantemente, com educadores sem formação universitária. Por certo, a realidade no interior era bem mais preocupante do que a da capital. A criação da UESPI veio, então, como forma de suprir as carências da rede estadual de educação, principalmente, no que se refere ao quadro docente do ensino fundamental e médio.

Mas há outro aspecto que merece ser destacado nessa história. Além da necessidade de qualificar os professores vinculados ao Estado, era notória a demanda por qualificação também dos servidores públicos vinculados aos diversos setores da administração governamental (NOGUEIRA; FERRO, 2013).

Essa situação foi rememorada pelo professor Jônathas de Barros Nunes (2020), reitor entre os anos de 1995 e 2001, em nossa entrevista. Nesse contexto, segundo ele, a UESPI precisou preparar o corpo administrativo e passou a ofertar também cursos de bacharelado. “[...] nós tínhamos que estender esses cursos universitários nas áreas que não são exclusivamente de magistério, nas áreas profissionalizantes, como, por exemplo, cursos [...] na área de ciências médicas e cursos na área de Comunicação Social”, ressalta Nunes (2020, s/p).

Nesse período de expansão universitária houve multiplicação de *campi* da UESPI, de cursos e crescimento da pesquisa no Piauí. A universidade estadual foi criada com quatro *campi*, mas, em 2000, já contava com 31 *campi* e núcleos universitários (NOGUEIRA, 2006). Também foram criados bacharelados na área da saúde, como Medicina, em Teresina, Odontologia, em Parnaíba, e na área da comunicação, com o curso de Comunicação Social, no campus Torquato Neto, em Teresina.

Os comunicadores locais viram ali mais uma oportunidade para tentar a implantação do curso em Picos. As abordagens junto à universidade estadual abrangeram estratégias de comunicação, com a produção de cartazes que chamassem a atenção do reitor para a demanda educacional, nas suas vindas a Picos, desde a chegada ao aeroporto da cidade. Além disso, os comunicadores agendavam

entrevistas com o gestor, oportunidade em que clamavam pela implantação do curso.

Essas lembranças são vívidas nas memórias de J. Pereira de Sousa Filho (2019), naquele momento profissional da comunicação que integrava o grupo de mobilizadores pela formação como jornalista, de Maria Edilene Ramos da Luz (2020) e de Evandro Alberto de Sousa (2020), ambos entre os poucos jornalistas com formação atuantes na região de Picos na época, após se formarem em universidades dos estados vizinhos Pernambuco e Paraíba.

As memórias sobre essa mobilização também foram evocadas pelo professor e reitor da época a partir de questionamentos levantados no diálogo com a entrevistadora. As recordações pessoais de cada um dos entrevistados, em conjunto, ajudaram a compor a memória coletiva acerca da implantação do curso em Picos, como enfatiza Halbwachs (2006) nas discussões sobre as memórias individuais e coletivas.

Em 2001, ano em que a primeira turma de Comunicação Social adentrou o campus Torquato Neto, o professor Jônathas Nunes autorizou também a criação do curso no campus Professor Barros Araújo, em Picos. Em agosto do ano seguinte, nasceu o primeiro curso de Comunicação Social de Picos, um marco para a história do jornalismo local.

Esse acontecimento foi mencionado pelo professor Jônathas Nunes (2020) e pelo professor Orlando Berti, um dos primeiros professores efetivos do curso de Picos. Berti (2019, s/p) lembra: “[...] eles [os jornalistas atuantes] viram que, se a UESPI montou em Teresina, eles podiam montar também aqui em Picos”.

Para viabilizar financeiramente a expansão, a universidade firmou parceria com prefeituras da região, por meio da Associação Piauiense de Municípios (APPM). Cabia a cada prefeitura do Piauí o envio de verbas que ajudavam a financiar a formação de seus professores na universidade estadual. Não foi diferente com o Bacharelado em Comunicação Social. A primeira turma foi formada por cotas pleiteadas pelas prefeituras da região.

O professor Orlando Berti (2019, s/p) ressalta: “[...] metade da primeira turma de Jornalismo aqui da UESPI, de Comunicação da UESPI de Picos, ela foi por cotas. Não por cotas raciais, nem por cotas sociais, mas foram para cotas de prefeituras municipais”. O interesse dos municípios da região semiárida em contribuir com a universidade para a formação de professores e, nesse caso, de jornalistas, era profissionalizar as assessorias de comunicação das prefeituras. “[...] As cotas elas funcionaram e essas pessoas foram atuar nesses municípios de origem”, acrescenta Berti (2019, s/p).

A realidade da comunicação no interior do Piauí começou a mudar, impulsionando grande movimentação, tanto acadêmica quanto profissional. Jônathas Nunes (2020) explica que essa era uma forma de possibilitar o crescimento da universidade e financiar a educação superior no Piauí e até em estados vizinhos:

Agora, o que acontece é que foram passos dados e havia o fator e a preocupação de é... recursos materiais, é, recursos financeiros. Aí, então, eu dei, eu, eu, disse: olha, vocês estão certos quando se preocupam com isso. Realmente, nós não vamos poder pegar aqui na UESPI e criar esses cursos todos, fazer esse movimento, uma espécie, assim, de entrada de bandeiras para o interior, sem ter o mínimo de recursos; o Estado não tinha. Aí, qual foi? Aí, disse: aí, é com a gente. Nós criamos uma ideia de... nós fizemos uma ideia que foi amplamente aceita pelas comunidades do interior, que era a parceria administrativo-financeira com cidades do interior. Eu me lembro que, aqui nesse... nessa, no Maranhão... tinha meses, que quando a gente ia ver o que as prefeituras repassavam para a UESPI, na época, dava mais de 500 mil por mês, se fosse hoje, dois, três milhões. Era assim que a gente movimentava a UESPI (NUNES, 2020, s/p).

Quatro anos depois da implantação da graduação em Picos pela Universidade Estadual do Piauí, em 2006, momento em que a instituição se preparava para formar sua segunda turma, surgiu mais uma possibilidade de formação em jornalismo, através do curso de Comunicação Social, na instituição privada de ensino presencial, conhecida como Faculdade R.Sá.

O Instituto de Educação Superior Raimundo Sá, Faculdade R.Sá, foi criado, naquele ano, por uma família de empresários com a proposta de “[...] solucionar o problema da migração dos estudantes de Picos para os grandes centros em busca da graduação. A educação em sua própria comunidade fortalece a região carente de tudo, mas que tem grande potencial de desenvolvimento” (FACULDADE R.SÁ, 2020, s/p).

Mesmo num momento em que Picos já dispunha de um curso na UESPI e em que o Piauí já contava com inúmeros outros, tanto nas instituições públicas quanto em instituições privadas, na capital Teresina, os investimentos na formação de jornalistas pela iniciativa privada, no interior, foram representativos, por ampliarem as possibilidades de qualificação profissional na região.

Assim, parte dos docentes que atuavam no primeiro curso, o da UESPI, também participaram do ensino e aprendizagem no segundo Bacharelado em Comunicação Social de Picos, o da Faculdade R.Sá. Dentre os quais, os professores Evandro Alberto, Orlando Berti e Sonia Maria de Carvalho, que integraram o quadro docente da UESPI-Picos no momento de fundação da faculdade.

Entre práticas e teorias: a mudança na comunicação profissional de Picos e região

Por esse estudo se tratar de um olhar sobre a história, ressaltamos, com Chartier (2017), que temos a compreensão de que o discurso histórico não é o único a representar o passado, tampouco trabalha com verdades inquestionáveis. De fato, a memória e a ficção/literatura também o fazem, como ressalta o autor citado. Pela sua discussão, podemos pensar que ocorre uma vontade de verdade no discurso historicista.

Além dessa vontade de verdade, a história trabalha com a objetividade e com o cientificismo para produzir credibilidade no seu conhecimento, ainda que isso não queira dizer imparcialidade, afinal de

contas, pesquisadores não são neutros, ainda que precisemos ser necessariamente profissionais e éticos.

No contexto aqui discutido, ressaltamos nossa relação com o objeto pesquisado. A primeira autora foi aluna do curso de Comunicação Social de Picos da UESPI (2008-2011), sendo hoje professora efetiva do mesmo curso e o tomando como objeto de estudo no processo de doutoramento. A segunda autora orienta essa investigação. Logo, evidenciamos as relações também subjetivas que estão presentes no discurso histórico aqui apresentado.

Sabemos que a representação do passado é conduzida por olhares do tempo presente. A evocação de memórias sobre aquele tempo é carregada de aspectos da atualidade. Como ressalta Ferro (2010, p. 40), “[...] a memória é sempre uma interpretação influenciada pela experiência do presente”. Isso se dá porque a memória é dinâmica, vívida, contemporânea daqueles que a sustentam.

E, se o passado só ganha sentido no presente, é pelo olhar do hoje que concentramos nossa observação. Refletimos sobre os espaços, os acontecimentos, as interações que ocorreram no decorrer da história da profissionalização da comunicação no Sertão do Piauí. Certamente, a implantação de dois cursos em Picos, um na UESPI e outro na Faculdade R.Sá, ocasionou mudanças na atuação do jornalismo local.

Pensem sobre o impacto dos cursos e da formação de jornalistas para o mercado de trabalho interiorano, porque a implantação possibilitou que muitos, que já eram comunicadores, que já eram profissionais do batente, profissionalizassem-se pela formação acadêmica. J. Pereira de Sousa Filho (2019) demonstra sua consciência e a de outros profissionais formandos sobre a possibilidade de formação naquele momento de oferta:

Foi um momento de expectativa, porque, para quem era do batente e compreendia, tinha uma noção grotesca da produção jornalística, era uma grande novidade. Nós nos apresentávamos, às vezes, nos distritos com a carteira de radialista, mas nós não

dizíamos que éramos radialistas. A nossa, a nossa grande, é... a nossa, o nosso grande prazer naquele momento era chegar e dizer “eu sou jornalista”, mas, de fato, não éramos jornalistas. Era a vontade de obter a graduação em Jornalismo. Então, foi um momento significativo (SOUSA FILHO, 2019, s/p).

A percepção acerca das consequências visíveis foi notória nos diálogos com Jota Pereira, mas também com os professores Edilene Luz (2020), Evandro Alberto de Sousa (2020) e Jônathas Nunes (2020). Nas memórias dos entrevistados, as mudanças quanto às práticas profissionais a partir da formação daqueles que já atuavam no mercado foram consequentes.

Maria Edilene Ramos da Luz (2020) rememora a dificuldade no momento em que voltou formada para atuar em Picos, dirigindo o jornalismo do Sistema de Comunicação da cidade, que contava com três emissoras de rádio, e se relacionando com muitos colegas sem formação. Às vezes, havia até diferenças em certas práticas profissionais ou no entendimento quanto à abordagem delas.

Nesse período que eu fui pro batente, eu, eu me angustiava um pouco, porque, todo mundo ali trabalhando... mas, assim... claro que eu não ia chegar com estrelismo com ninguém, jamais, claro que eu chamava todo mundo de colega, porque “tava” todo mundo ali no batente, no mesmo barco. Mas, eu pensei: por quê não um curso de Jornalismo, se tem tanta gente aqui que gosta da área, que trabalha na área? Por que não um curso de Jornalismo pra gente chamar os colegas de colegas de fato e de direito? (LUZ, 2020, s/p).

Os profissionais do mercado comunicacional buscaram a implantação do curso por meio da UESPI e participaram da formação – a primeira turma foi composta, majoritariamente, por pessoas que já atuavam. Isso marcou o início de um novo tempo na história do jornalismo em Picos. “Hoje, nós temos, assim, uma comunicação que não deixa a desejar ‘pra’ ninguém (ênfase). Os nossos profissionais, aí em Picos, eles estão aptos a trabalhar em qualquer lugar e não deixam a desejar mesmo (ênfase)”, avalia Edilene Ramos da Luz (2020, s/p).

Em estudo sobre o tema, realizado por Silva e Torres (2016) junto a egressos da UESPI, foi evidenciado que houve mudanças que contribuíram para o crescimento profissional daqueles que já atuavam na região. “A pesquisa pode verificar que os jornalistas de batente que buscaram e os que ainda buscam, essa formação, sentiram muitas diferenças de como era exercido o jornalismo antes e como passou a ser exercido após o ingresso na universidade, e após a formação” (SILVA; TORRES, 2016, p. 12).

É evidente que depois dos cursos, surgiram mais veículos, expandindo os campos de estágio para os estudantes de comunicação, assim como os espaços de atuação. Com isso, ampliou-se também o papel da comunicação midiática na região e no estado do Piauí. Entre os novos veículos que surgiram após a abertura do primeiro curso, mencionamos dois, que consideramos extremamente relevantes para a história do jornalismo local: *RiachãoNet* e *TV Picos*.

Considerado o primeiro *site* de notícias do interior do Piauí, o *RiachãoNet* foi criado por Evandro Alberto, em 2002, como *site* de notícias de Picos para oportunizar aos formandos práticas de estágio, conforme lembra o professor: “[...] havia dificuldade de estagiar, e nós tivemos que trazer... montar... é... pensar nessa questão de uma estrutura de portal aqui, né, e aí, terminamos sendo pioneiros também nessa inovação, né, trabalhar com portal” (SOUSA, 2020, s/p).

Já a *TV Picos*, a primeira televisão da região, nasceu em 2005, por um projeto de iniciativa de José Pereira de Sousa Filho (2019), da primeira turma da UESPI, Odorico Carvalho, da segunda turma, e Erivan Lima, mais recentemente, egresso da Faculdade R.Sá. Funciona, desde o início, como laboratório de práticas audiovisuais, acolhendo estudantes e profissionais do jornalismo.

Outro ponto que destacamos se refere ao desenvolvimento e expansão das assessorias de comunicação na região. Mais recentemente, Picos ganhou agências de comunicação, muitas vezes, como empreendimentos de profissionais formados em Jornalismo, com

trabalhos na comunicação organizacional, fronteira com a publicidade e propaganda, e nas redes sociais, tão em voga na contemporaneidade.

Em resumo, houve uma melhora visível no desenvolvimento da comunicação piauiense nos últimos dez anos, como ressalta o professor Jônathas Nunes (2020). “Eu vejo como um avanço [...] a imagem que eu tenho, hoje, da sociedade da comunicação é... seja nos jornais, nas rádios... é que melhorou muito. Até a linguagem, a transmissão do conhecimento, as manifestações... Isso melhorou muito, muito” (NUNES, 2020, s/p).

No documento de proposta da graduação em Jornalismo, a Faculdade R.Sá destaca o papel do curso de Jornalismo para a região do Semiárido do Piauí e ressalta o lugar dos formados no mercado profissional de comunicação, resultando em mudanças na macrorregião, uma vez que “[...] hoje [os egressos] ocupam as mais diversas funções jornalísticas no mercado de trabalho” (FACULDADE R.SÁ, s/a, p. 1).

Além da profissionalização, houve consolidação do jornalismo como campo acadêmico. Com o tempo, além de viver a relação teórico-prática, o curso foi abrindo espaço para vivenciar a pesquisa. Nas considerações dos professores Evandro Alberto e Orlando Berti, Picos avançou na perspectiva da cientificidade que o jornalismo foi ganhando, o que reverberou em provocações à reflexão para transformações também práticas.

A história não termina

O papel do jornalista no Piauí, especificamente na região interiorana, hoje, leva em conta transformações impelidas pelo campo da comunicação ao longo do tempo, com particularidades que tornam essa trajetória tão específica. As construções presentes na história do jornalismo refletem evidentemente os aspectos que concatenam mercado e academia.

Um dos vestígios de memória a apontar para essas transformações se refere à mobilização pela oferta do curso de ensino superior na cidade

de Picos, por iniciativa dos próprios profissionais que já compunham o campo do trabalho jornalístico, pelo desejo e necessidade transpostos nas primeiras orientações que levaram à criação do primeiro curso, em 2002.

Essa vontade e necessidade evidenciadas pelos comunicadores atuantes no final dos anos 1990, em Picos, assim como a coragem e perseverança desse grupo, deixou um legado para muitos, como a primeira autora deste trabalho, que é egressa e também professora do curso da UESPI, com passagem também pela Faculdade R.Sá, como docente. Como José Pereira de Sousa Filho (2019, s/p) bem disse: “[...] certamente, nós deixamos um legado para essas novas gerações, um incentivo às pessoas que desejam, que aspiram fazer jornalismo”.

De lá para cá, a formação de jornalistas passou por transformações de âmbito acadêmico, a exemplo das mudanças nas diretrizes nacionais que norteiam os currículos no Brasil (BRASIL, 2013), e mercadológico, com a queda da obrigatoriedade do diploma para o exercício da profissão, no ano de 2009 (STF, 2009).

Essas pessoas que adentram a universidade, muitas vezes, ocupam o mercado de trabalho antes até da formatura. Repórteres, apresentadores, editores, assessores de comunicação, *social medias*, docentes, empreendedores. “De forma que, o número de egressos que ocuparam também o mercado é muito grande”, considera Evandro Alberto Sousa (2020, s/p). A “[...] grande maioria dos egressos conseguiram, né, se estabelecer. Uns atuam em Picos, outros, em Teresina e outros, fora do estado do Piauí” (SOUSA, 2020, s/p).

E não para aí. A título de ilustração, a maioria dos professores que atuaram nos dois cursos de Jornalismo de Picos, ao longo da história, se formaram jornalistas em Picos, dentre eles, mencionamos: José Pereira de Sousa Filho, ex-aluno da UESPI, ex-professor da Faculdade R.Sá; Ruthy Manuella de Brito Costa, egressa da UESPI, ex-professora da Faculdade R.Sá e professora efetiva da UESPI; Jailson Dias de Oliveira, egresso e ex-professor substituto da UESPI, hoje, professor da Faculdade R.Sá; Lana Krisna de Carvalho Moraes, egressa da Faculdade R.Sá, professora dos dois

cursos; e a primeira autora deste trabalho, ex-professora da Faculdade R.Sá e professora da UESPI.

Por conseguinte, a formação universitária dos novos profissionais gera transformações do jornalismo local quanto às técnicas, mas principalmente quanto à ética. É evidente que a formação universitária teórico-prática enfatiza os aspectos éticos e filosóficos do jornalismo (talvez não tanto quanto necessário), e isso reflete notadamente nas práticas comunicacionais.

Quando as rotinas e produções jornalísticas infringem repetidamente aspectos éticos e sociais, os próprios profissionais se levantam em rejeição a tal postura. Exemplo disso foi a campanha “#ISSONÃOÉJORNALISMO” encabeçada, no ano de 2017, por jornalistas com formação em defesa da qualidade do jornalismo picoense e em respeito às pessoas (GRANDE PICOS, 2017 apud VELOSO, 2017).

Observa-se, nas universidades e nas redações jornalísticas, preocupação com a prática. Essa campanha é um exemplo do novo rumo do jornalismo na região de Picos, como um levante em defesa da moralidade e da ética, dada a significação social da profissão, especialmente, em sociedades democráticas, como a nossa.

Pelo desenvolvimento do campo acadêmico do jornalismo na macrorregião de Picos, temos avanços com a profissionalização dos jornalistas, inegavelmente. Contudo, cabe pensar sobre outras tantas questões que se imbricam nessa temática, como: quais os desafios à formação de jornalistas no Piauí ao longo da história dos cursos e atualmente? Quais as evoluções dos cursos desde que foram instalados? E qual seu papel na contemporaneidade? Assunto para outros trabalhos de pesquisa continuada. Porque a história não se encerra em si.

Referências

BARRETO, João Bosco A. *et al.* **Ofício s/n/98**. Picos-PI, 1998.

BERTI, Orlando Maurício de Carvalho. **Entrevista concedida a Mayara Sousa Ferreira**, Picos-PI, 2019.

BRASIL. Decreto-lei n. 972, de 17 de outubro de 1969. Dispõe sobre o exercício da profissão de jornalista. **Diário Oficial da União**, Brasília, DF, 21 out. 1969. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto-lei/del0972.htm. Acesso em: 10 set. 2020.

BRASIL. Decreto n. 83.284, de 13 de março de 1979. Dá nova regulamentação ao Decreto-Lei nº 972, de 17 de outubro de 1969, que dispõe sobre o exercício da profissão de jornalista, em decorrência das alterações introduzidas pela Lei nº 6.612, de 7 de dezembro de 1978. **Diário Oficial da União**, Brasília, DF, seção 1, 13 mar. 1979. Disponível em: <https://www2.camara.leg.br/legin/fed/decret/1970-1979/decreto-83284-13-marco-1979-432527-publicacaooriginal-1-pe.html>. Acesso em: 31 ago. 2020.

BRASIL. **Lei n. 9.394, de 20 de dezembro de 1996**. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seed/arquivos/pdf/tvescola/leis/lein9394.pdf>. Acesso em: 31 ago. 2020.

BRASIL. Supremo Tribunal Federal. **Recurso extraordinário 511.971/SP**. Jornalismo. Exigência de diploma de curso superior, registrado pelo Ministério da Educação, para o exercício da profissão de jornalista [...]. Relator: Min. Gilmar Mendes, 17 jun. 2009. Decisão por maioria. Disponível em: <http://redir.stf.jus.br/paginadorpub/paginador.jsp?docTP=AC&docID=605643>. Acesso em: 10 set. 2020.

BRASIL. **Resolução Nº 1, de 27 de Setembro de 2013**. Institui as Diretrizes Curriculares Nacionais para o curso de graduação em Jornalismo, bacharelado, e dá outras providências. Ministério da Educação, Conselho Nacional de Educação - Câmara de Educação Superior. Brasília-DF. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=14242-rces001-13&category_slug=setembro-2013-pdf&Itemid=30192. Acesso em: 1º maio 2017.

BURKE, Peter. **A escrita da história**: novas perspectivas. Tradução de Magda Lopes. São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista, 1992.

BURKE, Peter. **O que é história cultural?**. Tradução Sergio Goes de Paula. 2 ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2008.

CATROGA, Fernando. **Memória, história e historiografia**. Coimbra: Quarteto, 2001.

CHARTIER, Roger. **A história ou a leitura do tempo**. 2 ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2017.

FACULDADE R.SÁ. A faculdade. **Faculdadersa.edu.br**. Picos-PI, 2020. Disponível em: <https://www.faculdadersa.edu.br/a-faculdade>. Acesso em: 1 set. 2020.

FACULDADE R.SÁ. **Proposta do curso de Jornalismo**. Picos-PI, s/a. Disponível em:
https://13215222-c6f9-eb5a-5901-c454033c3b54.filesusr.com/ugd/9cc8af_bc83b7452dbe43388581d827b7913bf0.pdf. Acesso em: 1 set. 2020.

FERREIRA, Marieta de Moraes. História oral: um inventário das diferenças. FERREIRA, Marieta de Moraes (coord); et al. **Entre-vistas: abordagens e usos da história oral**. Rio de Janeiro: Ed. Fundação Getúlio Vargas, 1998, p. 1-13.

FERRO, Maria do Amparo Borges. **Cazuza e o sonho da escola ideal**. São Luís: EDUFMA, 2010.

GIL, Antonio Carlos. **Métodos e técnicas da pesquisa experimental**. 6 ed. São Paulo: Atlas, 2014.

GOVERNO DO ESTADO DO PIAUÍ. **Lei n. 4.619**. Dispõe sobre a criação dos campi avançados da Universidade Estadual do Piauí – UESPI, cria cargos efetivos e em comissão e dá outras providências. Teresina, 21 set. 1993.

Disponível em:

<https://www.uespi.br/prad/arquivos/floriano/lei%20N%204.619.pdf>. Acesso em: 11 set. 2020.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. Tradução de Beatriz Sidou. São Paulo: Centauro, 2006.

INSTITUTO FEDERAL DO PIAUÍ. Campus Picos comemora 10 anos de inauguração. **IFPI**. Picos-PI, 4 jul. 2017. Disponível em:
<http://www.ifpi.edu.br/picos/noticias/campus-picos-comemora-10-anos-de-inauguracao>. Acesso em: 11 set. 2020.

LOPES, Fernanda Lima. **Ser jornalista no Brasil: identidade profissional e formação acadêmica**. São Paulo: Paulus, 2013.

LOPES, Eliane Marta Santos Teixeira; GALVÃO, Ana Maria de Oliveira. **Território plural: a pesquisa em história da educação**. São Paulo: Ática, 2010.

LUZ, Maria Edilene Ramos da. **Entrevista concedida a Mayara Sousa Ferreira**. Plataforma Skype, 2020.

MELO, José Marques de. Prefácio. In: MELO, José Marques de(org.). **O campo da comunicação no Brasil**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008, p. 7-9.

MENDES, Zózimo Tavares. **Retalhos de memória: gênese do curso de Comunicação da UFPI**. 2014. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Comunicação Social, Habilitação em Jornalismo) – Universidade Federal do Piauí, Teresina, 2014.

NOGUEIRA, Teresinha de Jesus Araújo Magalhães. **Educação superior no extremo sul piauiense (1986 - 2005): história e memória**. 2006. Dissertação (Mestrado em educação) – Universidade Federal do Piauí, Teresina, 2006.

NOGUEIRA, Teresinha de Jesus Araújo Magalhães; FERRO, Maria do Amparo Borges. História da Universidade Estadual do Piauí: origem e expansão. In: VII Congresso Brasileiro de História da Educação, 2013, Cuiabá-MT. **Anais [...]** Cuiabá, 2013. Disponível em:

<http://sbhe.org.br/novo/congressos/cbhe7/pdf/07-%20HISTORIA%20DAS%20INSTITUCOES%20E%20PRATICAS%20EDUCATIVAS/HISTORIA%20DA%20UNIVERSIDADE%20ESTADUAL%20DO%20PIAUI.pdf>. Acesso em: 31 ago. 2020.

NUNES, Jônathas de Barros Nunes. **Entrevista concedida a Mayara Sousa Ferreira**. Plataforma Google Meet, 2020.

RÊGO, Ana Regina. **Imprensa Piauiense**: atuação política no século XX. Teresina: Fundação Monsenhor Chaves, 2001.

RIBEIRO, Ana Paula Goulart; HERSCHMANN, Micael. História da comunicação no Brasil: um campo em construção. In: RIBEIRO, Ana Paula Goulart; HERSCHMANN, Micael (orgs.). **Comunicação e história**: interfaces e novas abordagens. Rio de Janeiro: Mauad X: Globo Universidade, 2008.

SILVA, Danielly; TORRES, Jaqueline. Jornalistas do batente que buscaram a formação acadêmica na UESPI campus de Picos. In: XVIII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste, 2016, Caruaru-PE. **Anais [...]** Caruaru-PE, 2016. Disponível em:

<https://www.portalintercom.org.br/anais/nordeste2016/resumos/R52-2164-1.pdf>. Acesso em: 3 set. 2020.

SOUSA, Evandro Alberto de. **Entrevista concedida a Mayara Sousa Ferreira**. Plataforma Google Meet, 2020.

SOUSA FILHO, José Pereira de. **Entrevista concedida a Mayara Sousa Ferreira**, Picos-PI, 2019.

UNIVERSIDADE ESTADUAL DO PIAUÍ. Conselho Universitário da Universidade Estadual do Piauí – CONSUN. **Resolução 38/2001 de 29 de outubro de 2001**. Teresina-PI: Conselho Universitário, 2001.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUÍ. Conselho Universitário. **Resolução do Conselho Universitário de 25 de novembro de 1983**. Teresina: Conselho Universitário, 1983.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUÍ. Campus Senador Helvídio Nunes. **Ufpi.br**. 11 out. 2017. Disponível em: <https://www.ufpi.br/calendario-de-reunioes/533-picos/picos-ufpi2/20116-conheca-o-cshnb>. Acesso: 31 ago. 2020.

VELOSO, Otávio. Campanha #IssoNãoéJornalismo discute ética no jornalismo picoense. **Portal Notíciei**. 12 ago. 2017. Disponível em: <https://www.cidadesemfoco.com/campanha-issonaoejornalismo-discute-a-etica-no-jornalismo-picoense/>. Acesso em: 1 set. 2020.

A IMPLANTAÇÃO DO CURSO DE COMUNICAÇÃO SOCIAL: HABILITAÇÃO EM JORNALISMO E RELAÇÕES PÚBLICAS DA UESPI DE PICOS, SUA HISTÓRIA E CONTRIBUIÇÃO PARA O JORNALISMO PICOENSE

Danielly Kelly Duarte e Silva

Introdução

A chegada do Curso de Comunicação Social: Habilitação em Jornalismo e Relações Públicas da UESPI de Picos - primeiro curso de jornalismo do Sudeste Piauiense - aconteceu após mais de 90 anos das primeiras iniciativas de criação de meios de comunicação no município.

De acordo com o *site* da Prefeitura de Picos, em publicação sobre a história dos 129 anos da cidade, o primeiro jornal que circulou pela cidade, *O Aviso*, nos anos de 1910, foi um jornal com publicações de informações locais e algumas informações da região. Ainda segundo o *site*, poucos anos depois surgiu o jornal *O Rebate*, em 1913, no entanto não se tem mais informações sobre essas iniciativas da comunicação picoense. A partir daí houve outras tentativas de firmar jornais na cidade, que duraram pouco.

A partir dos anos de 1979, a comunicação na cidade de Picos começou a crescer e ser difundida pela região por meio do rádio. "Picos ganhou sua primeira rádio, a *Rádio Difusora AM*, sintonizada a 920 KHz, e uma programação variada com espaço para o interior, levando informação a toda região" (SOUSA; LIMA, 2018, p. 90). Já o primeiro periódico impresso em *offset*, produzido no formato *standard*, data dos anos de 1982, o *Jornal de Picos*, de circulação semanal, foi idealizado pelo jornalista Francisco Erivan Coutinho Lima.

No jornalismo de internet, o Portal de Picos foi o pioneiro, seguido pelo *Firme.com* e RiachãoNet, este último, criado em 2002, atualmente é o site mais antigo que ainda produz conteúdo jornalístico, já que o *Firme.com* hospeda conteúdo de seus clientes, mas não produz. A chegada da primeira TV instalada no município de Picos aconteceu no ano de 2005, quando foi inaugurada a TV Picos (canal 13) afiliada da TV Antares de Teresina e a programação nacional é da TV Brasil (BARROSO et al., 2012).

Essa breve contextualização histórica a respeito dos primeiros veículos de comunicação que surgiram em Picos tem muito a ver com o foco deste trabalho, visto que estamos correlacionando a atividade jornalística com a formação específica em Jornalismo, quase 100 anos de comunicação realizada por comunicadores que já inspiravam muitas pessoas, profissionais que têm uma imensurável contribuição para a comunicação local e regional.

De acordo com o jornalista Odorico Carvalho (2021), Picos teve, em determinadas épocas, algumas tentativas de criar jornais e meios de comunicação, porém duravam pouco em razão da falta de jornalistas treinados. Então, a partir da inauguração da *Rádio Difusora*, da qual o jornalista citado acima fez parte, a questão se tornou mais complicada ainda, todos queriam uma especialização, formação e o diploma até mesmo pela questão de obter o registro profissional.

Muitos dos veículos de comunicação que já existiam na cidade de Picos quando o curso de Comunicação Social foi instalado foram os primeiros laboratórios utilizados para aulas de disciplinas práticas da graduação, bem como receberam seus primeiros alunos para realização do estágio, obrigatório para formação dos discentes matriculados.

O presente estudo tem por método de pesquisa a História Oral “[...] um método de pesquisa que utiliza a técnica da entrevista e outros procedimentos articulados entre si, no registro de narrativas da experiência humana” (FREITAS, 2006, p. 18).

Desse modo, a fim de construir a presente pesquisa, foram procuradas pessoas que participaram do processo de mobilização e criação do projeto para implementação do Curso de Comunicação Social: Hab. em Jornalismo e Relações Públicas da UESPI de Picos.

Tais pessoas foram entrevistadas com vistas a obter informações sobre o início desse processo de mobilização, desde a ideia inicial do grupo de jornalistas que se reuniram para tentar trazer o curso de Comunicação Social a Picos até a aprovação e implantação pelo reitor da universidade, bem como o começo das atividades do curso, com sua primeira turma. Esses registros de memória podem ser considerados importantes para compreender parte da história do jornalismo picoense e do curso de Comunicação Social na UESPI de Picos.

A história oral é um procedimento metodológico que busca, pela construção de fontes e documentos, registrar, através de narrativas induzidas e estimuladas, testemunhos, versões e interpretações sobre a história em suas múltiplas dimensões: factuais, temporais, espaciais, conflituosas, consensuais. Não é, portanto, um compartimento da história vivida, mas, sim, o registro de depoimentos sobre essa história vivida (DELGADO, 2006, p. 16).

Foram realizadas três entrevistas com jornalistas que participaram direta e indiretamente do processo de mobilização e criação do Projeto para a implementação do curso: José Pereira de Sousa, Sebastião Araújo Luz e Odorico Leal de Carvalho, também foi enviado um questionário à atual coordenadora do curso, Thamyres Sousa Oliveira.

A utilização da fonte oral foi, de fato, indispensável. Entende-se que ela é um importante meio que possibilita retratar vivências, modos de vida e “produzir história a partir das próprias palavras daqueles que vivenciaram participaram de um determinado período, por intermédio de suas referências e também do seu imaginário” (FREITAS, 2006, p. 80).

Para a análise das fontes o conceito de memória é crucial. Com isso, parte-se do conceito de memória coletiva proposto por Halbwachs (2006,

p. 42), considerando que “[...] não há lembranças que reaparecem sem que de alguma forma seja possível relacioná-las a um grupo”.

A produção da narrativa histórica produzida pelas memórias de quem participou de todo esse processo sobre a implantação do curso de Comunicação Social da UESPI de Picos e a sua contribuição para o jornalismo picoense, faz-se importante pelo registro de como se iniciou e desenvolveu o curso e o jornalismo para o município e para aqueles jornalistas do “batente”⁴, que tanto sentiam a necessidade da formação acadêmica, bem como para os futuros jornalistas e alunos do curso, que hoje já tem 20 anos de implementação na cidade de Picos. Além disso, todo esse processo mudou a forma daqueles jornalistas do batente de pensarem e fazerem jornalismo.

Assim, o presente estudo propõe uma narrativa sobre a história da “A implantação do Curso de Comunicação Social: Hab. em Jornalismo e Relações Públicas da UESPI de Picos, sua história e contribuição para o jornalismo picoense”, ressaltando a iniciativa de um grupo de amigos, entre eles: José Pereira de Sousa, Sebastião Luz, Erivan Lima, Fábio Gonsalves, Deise Fernanda e outros, que já atuavam nos meios de comunicação em Picos, porém sem formação específica na área e que, por isso, sentiam a necessidade da formação acadêmica para melhor desempenharem suas funções no jornalismo.

Integrantes do mesmo grupo de amigos que se mobilizaram para implementar o curso de comunicação na UESPI - Campus de Picos também se organizaram para apresentar um projeto para o secretário de comunicação, Oscar de Barros, visando à instalação da TV Picos. Concomitante à implantação do curso de Comunicação Social houve essa sintonia entre o curso e a primeira TV instalada no município de Picos,

⁴ Jornalistas do “batente” a expressão é utilizada no meio da comunicação para se referir a profissionais que atuam na área do jornalismo, mas que não possuem formação acadêmica ou específica na área da comunicação ou jornalismo.

onde os alunos da primeira e da segunda turma puderam ter aulas de telejornalismo (CARVALHO, 2021)⁵.

O jornalista José Pereira de Sousa rememora essa integração entre o curso de comunicação e a conquista da TV Picos:

Então foi bem bacana ao mesmo tempo que estávamos estudando a teoria nós exercitávamos a prática na TV Picos foi um momento bem interessante e enquanto ao radiojornalismo nós também utilizávamos a então rádio comunitária junco FM na época era uma rádio comunitária nós a utilizávamos como laboratório foi um momento muito gratificante para nós que estávamos começando a primeira turma, J. Pereira, Valtânia Vilesmaria, Deise Fernanda, Leidjan, entre outros, acabamos terminando ai a primeira turma e o curso seguiu (SOUSA, 2021)⁶.

Assim como houve mobilização dos jornalistas para implementação do Curso de Comunicação Social: Hab. em Jornalismo e Relações Públicas para a chegada da primeira TV, o grupo levou as propostas ao então secretário de comunicação e teve suas reivindicações atendidas podendo, inclusive, praticar as disciplinas de telejornalismo na TV Picos, que manteve uma parceria com a universidade nas suas primeiras turmas.

A Implantação do Curso de Comunicação Social: Hab. em Jornalismo e Relações Públicas da UESPI de Picos, história e memória

A chegada do primeiro Curso de Comunicação Social Habilitação em Jornalismo e Relações Públicas da UESPI de Picos foi muito esperada, uma reivindicação de muitos jornalistas que já atuavam na área, mas que ainda não possuíam formação acadêmica. Os próprios jornalistas se intitulavam como jornalistas do batente, profissionais que há muito tempo já ocupavam os espaços nas rádios e jornais impressos na cidade

⁵ As citações dispostas neste trabalho referentes ao diretor geral da TV Picos, Odorico Carvalho, foram coletadas e/ou cedidas através de entrevista oral em profundidade a Danielly Kelly Duarte e Silva, em 28 de julho de 2021.

⁶ As citações dispostas neste trabalho referentes ao Jornalista José Pereira de Sousa, foram coletadas e/ou cedidas através de entrevista oral a Danielly Kelly Duarte e Silva, em 28 de julho de 2021.

de Picos e sentiam a necessidade de ter a graduação específica de jornalismo.

Sebastião Luz (2021) assinala que era mais do que a questão do diploma, era realmente pela formação, a aprendizagem sobre como fazer o jornalismo da forma correta. Ele diz que achava o diploma importante, mas que sua maior motivação era ter seus conhecimentos ampliados.

uma questão para além do diploma, a formação tão requerida estava ligada ao fazer jornalístico com a maturidade que a academia lapida em seus discentes, nos bancos da universidade são ensinados mais que técnicas de apuração, escrita e publicação de fatos, são exercitados a criticidade, sensibilidade, expertise que são inerentes ao jornalistas. (SEBASTIÃO ARAUJO LUZ, 2021)⁷.

O curso de Jornalismo da Universidade Estadual do Piauí faz parte do processo histórico do jornalismo picoense. Criado há 22 anos, a iniciativa da criação se deu por parte de alguns jornalistas que se reuniram para organizar e fazer um projeto para pleitear sua implantação.

Primeiramente houve a tentativa de trazer o curso de Jornalismo por meio do sindicato dos jornalistas do Piauí, através da FENAJ - Federação Nacional dos Jornalistas. Depois de muitas tentativas sem sucesso, o grupo de comunicadores fez uma nova tentativa, de outra maneira.

Dessa vez, mobilizou-se e reuniu assinaturas de pessoas interessadas no movimento, com o intuito de levar suas reivindicações ao reitor da Universidade Estadual do Piauí, na época Jônathas Nunes. Sempre que o reitor estava em Picos, eram levadas até ele as reivindicações do grupo (SOUSA, 2021).

⁷ As citações dispostas neste trabalho referentes ao Jornalista Sebastião Araújo Luz, foram coletadas e/ou cedidas através de entrevista a Danielly Kelly Duarte e Silva, em 28 de julho de 2021.

Surgiu então a ideia de nos mobilizarmos naquela época éramos mais de 6 ou 7 diretamente interessados, nos mobilizamos e fomos atrás do Reitor da Universidade Estadual do Piauí, que naquela época era o Jônathas Nunes toda vez que o reitor vinha ao município de Picos nós levamos essa nossa reivindicação, as vezes em forma de cartazes, as vezes pessoalmente, conversando e pedindo para que ele implantasse na UESPI de Picos o curso de comunicação social que era uma necessidade. Tinham muitos profissionais da área, porém profissionais do “batente” que não tinham o curso de graduação, até que o Jônathas aceitou e implantou o curso de comunicação social e para a nossa felicidade os envolvidos participaram da mesma turma (SOUSA, 2021).

De acordo com Sebastião Luz (2021), naquela época estavam diretamente envolvidas 6 pessoas na formulação do projeto para ser levado à UESPI, entre outros que assinaram o projeto, mas não estavam encabeçando a mobilização:

Lembro de Evandro Alberto, que hoje é o Reitor da Universidade Estadual do Piauí, foi um dos que incentivou e lutou pelo curso e hoje é o Reitor da Universidade, além dele J. Pereira, Fábio Gonsalves, Deise Fernanda que hoje também é Doutora em comunicação e outras pessoas que nesse momento eu não me recordo (LUZ, 2021).

Segundo Silva (2014) apud Costa (2007), por diversas vezes comunicadores de Picos foram à capital Teresina conversar com o governador Mão Santa e o reitor Jônathas Nunes requerendo a criação do curso, como pode também se visto em Lopes (2006):

Quando eles foram a Teresina, já levaram o projeto de criação do curso elaborado por professores da UFPI. Depois de muita insistência dos Picoenses, Mão Santa autorizou Jônathas a implantar o curso na Universidade Estadual do Piauí (LOPES, 2006, p. 23, apud. SILVA, 2014).

Dessa forma foi assinado pelo reitor Jônathas Nunes, o Curso de Bacharelado em Comunicação Social – Hab. em Jornalismo e Relações Públicas, que foi liberado a funcionar segundo o Edital nº 02/2001, ministrado pela Universidade Estadual do Piauí. Autorizado pelo Conselho Universitário da Universidade Estadual do Piauí (CONSUN) através da Resolução 38/2001, no dia 29 de outubro de 2001.

Esse processo de instalação do curso foi um processo interessantíssimo porque na época nós não tínhamos a menor noção de como seria a grade curricular, conteúdo programático das disciplinas e tudo foi uma grande novidade era muito legal estudar teoria da comunicação, saber que você poderia escolher entre jornalismo impresso entre telejornalismo, radiojornalismo, jornalismo digital, foram momentos bem impactantes e vibrantes (SOUSA, 2021).

Segundo Carvalho (2021), a implantação do curso na UESPI foi de grande importância para modificações no fazer jornalístico, visto que os jornalistas, quando começaram a trabalhar na apresentação dos programas nas rádios, apenas reliam os jornais de Teresina. Com a criação dos jornais, o pouco que se produzia em Picos foi aprendido na prática, continuava-se baseado nos jornais teresinenses. Observava-se como eram feitas as manchetes e tentava-se adaptar para Picos, mas ainda com pouca produção local.

Com a criação do curso houve um salto qualitativo e também quantitativo enorme, mudou a face do jornalismo em Picos o que antes era feito da observação de outros meios de comunicação e de outros jornalistas mais experientes começou a mudar muitas vezes não era o jeito certo, a maneira correta foi aprendido na academia, a universidade nos deu um norte, para além disso, do ensino o curso tem toda uma preocupação com as questões éticas da profissão (CARVALHO, 2021).

Naquela época tinha um quadro de professores muito bons que contribuíram muito para formação das primeiras turmas. Dentre eles Sônia Mariah, Evandro Alberto de Sousa, Orlando Berti, Nilza Azevedo, e outros (LUZ, 2021).

A criação do curso de jornalismo foi um marco muito importante para o mercado jornalístico na cidade de Picos, no sentido de que os profissionais que ali desempenhavam suas funções não tinham formação acadêmica e muitos disseram que no início de suas carreiras a aprendizagem era feita através da observação de seus colegas mais experientes, sem muita técnica e às vezes através de instinto.

De acordo com Silva (2014), o primeiro vestibular para o Curso de Comunicação Social ofertou 40 vagas, no edital publicado em setembro

de 2001, para ingresso em 2002. Contou com 182 candidatos, a concorrência chegou a 4,5 pessoas por vaga.

Nos anos de 2005, 2009 e 2011, não houve oferta do curso. Novas turmas ingressaram apenas nos anos de 2013, 2015, 2017, 2018, 2019 e 2020.

De acordo com Silva (2014), em 12 anos de funcionamento, o curso já havia formado 95 jornalistas e contava com mais 3 turmas nos blocos 2, 3 e 8, sob a coordenação da professora Daiane Rufino.

Atualmente, o curso já formou mais de 140 jornalistas, tem 66 alunos matriculados e está com 4 turmas nos blocos (2, 4, 6, 8), sob a coordenação da professora Thamyres Sousa de Oliveira.

O Curso de Comunicação Social: Hab. em Jornalismo e Relações Públicas, Diretrizes Curriculares e Proposta pedagógica

As Diretrizes Curriculares do MEC para os cursos de Comunicação Social (PARECER CNE/CES/ N° 492/ 2001) foram elaboradas procurando atender dois objetivos fundamentais:

Flexibilizar a estruturação dos cursos tanto para atender a variedade de circunstâncias geográficas, político-sociais e acadêmicas, como para ajustar-se ao dinamismo da área, e para viabilizar o surgimento de propostas pedagógicas, inovadoras e eficientes (BRASIL, 2001, p. 16).

Estabelecer orientações para obtenção de padrão de qualidade na formação oferecida aos cursos de comunicação Social e suas habilitações (BRASIL, 2001, p. 16).

As Diretrizes Curriculares adotam um perfil geral do egresso, identificando de forma clara um perfil comum aos jornalistas quanto à sua formação, atuação e suas especificidades. As Diretrizes tratam da base que avaliza a identificação do curso. O Conselho Nacional de Educação, pelo parecer CNE/CES492/2001 (BRASIL, 2001), estabeleceu um objetivo de formação comum que deve ser acatado por todos os cursos

da área e em todas as habilitações. Ou seja, os egressos de comunicação devem sair do curso habilitados:

Preparados para atuar nas organizações – públicas ou privadas, de pequeno, médio ou grande porte – de forma a abrir perspectiva para o gerenciamento da informação para que estas cheguem ao conhecimento público de forma responsável e ética. Será capaz de gerir a comunicação de massa e a comunicação segmentada levando em conta a diversidade dos públicos e grupos (DIRETRIZES CURRICULARES, 2001).

Segundo as Diretrizes Curriculares (BRASIL, 2001, p. 17) da área de comunicação, o perfil do egresso em jornalismo se caracteriza:

1. Pela produção de informações relacionadas a fatos, circunstâncias e contextos do momento presente.
2. Pelo exercício da objetividade na apuração, interpretação, registro e divulgação dos fatos sociais.
3. Pelo exercício da tradução e disseminação de informações de modo a qualificar o senso comum.
4. Pelo exercício de relações com outras áreas sociais, culturais e econômicas com as quais o jornalismo faz interface (BRASIL, 2001, p. 17).

Em setembro de 2013, o Ministério da Educação aprovou as Novas Diretrizes Curriculares, que indicavam que o curso de Jornalismo deveria se tornar mais prático e não seria mais uma habilitação da Comunicação Social.

As novas diretrizes definiram algumas mudanças na carga horária, que passou de 2700 horas para 3000 horas, das quais serão 50% de aulas práticas. Houve algumas modificações também no Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), que não pode mais ser produzido em grupo, além do estágio obrigatório implementado.

As novas diretrizes foram instituídas por meio das Resoluções CNE/CES 1/2003 e CNE/CES 2/2013. Em 2016 o curso faz a dissociação das habilitações de Jornalismo e Relações Públicas, passando a ser ofertado o curso de bacharelado em Jornalismo.

Atualmente não há nenhum aluno do Curso de Jornalismo e Relações Públicas, a última turma se formou em 2021, como bem declarou a coordenadora do curso:

Estamos com dois processos em que não oferecemos entrada para o curso de Comunicação Social . A nossa última turma de Comunicação Social com Habilitação em Jornalismo e Relações Públicas colou grau hoje, 27 de julho de 2021. Com as mudanças que houveram nas Diretrizes Curriculares Nacionais de Cursos de Comunicação o curso de comunicação também foi ressignificado. Desse modo, foi ofertado o bacharelado em jornalismo. A primeira turma ingressou em 2017, período 2017.1 (OLIVEIRA, 2021).

As reformulações nas Diretrizes Curriculares acontecem sempre que o MEC reconhece a necessidade de adequação na estrutura dos cursos, com isso a grade curricular também sofre alterações bem como o Projeto Político Pedagógico.

O primeiro Projeto Político Pedagógico (PPP) foi adotado no período de 2002 a 2006. Devido à necessidade de reformulação do projeto, em março de 2005, foi composta uma comissão para a reavaliação do PPP do curso de Comunicação Social. A comissão apontou algumas mudanças na grade curricular devido a importantes mudanças na conjuntura do mercado de trabalho e também pela repetição de disciplinas que necessitavam dar lugar a outras para atualização da grade.

Assim, foram retiradas as disciplinas de Oficina de Texto I, II e III, Relações Públicas I e II, Técnicas de Reportagem, Entrevista e Pesquisa I, II e III, para o ingresso de disciplinas tais como História da Arte, Multimídia, Comunicação Online, Marketing e Comunicação, Técnicas de Reportagem e Pesquisa em Comunicação, dentre outras. O novo PPP entrou em vigor no campus de Picos no segundo semestre de 2006.

Segundo Silva (2014), o Projeto Político Pedagógico passou por mais uma adequação no ano de 2011 e em 2014 a estrutura curricular do curso compunha 54 disciplinas, que englobavam as duas habilitações - Jornalismo 2.790h e Relações Públicas 3.810h, mais 120h para o estágio supervisionado e a realização de Atividades Acadêmicas Científicas e

Culturais (AACCs). O estágio obrigatório segue as normas das diretrizes curriculares do curso de Comunicação Social e suas habilitações. Refere-se a estudos e práticas supervisionadas em atividades externas à unidade de oferecimento do curso, os alunos devem optar por estagiar em instituições conveniadas à UESPI.

Segundo Oliveira (2021), atualmente a grade curricular é diferente da grade de 2014, visto que já passou por outros processos de modificação, inclusive na estrutura do antigo curso de Comunicação Social: Hab. em Jornalismo e Relações Públicas. Hoje o curso é de bacharelado em Jornalismo. Essa reformulação começou em 2016 e em 2017 já houve o ingresso de uma nova turma para o curso, agora não mais de Comunicação e sim de Jornalismo:

Dispomos de uma grade um pouco diferente da grade anterior de Comunicação Social. Na atual grade, o aluno é estimulado a empreender, a criar e gerir negócios. É um diferencial do curso anterior em que alguns alunos se formavam e tinham o grande desafio de se inserir no mercado local que já estava posto. Atualmente, ele pode sair do curso criando uma empresa em que possa executar os conhecimentos adquiridos no curso. A criticidade e a formação ética são pontos muito fortes do curso. Queremos jornalistas que consigam executar a técnica com criticidade. Estamos em processo de modificação do PPC e já percebemos que as mudanças provocadas pela era digital exigem uma reformulação na nossa grade e uma maior carga-horária voltada para este campo (OLIVEIRA, 2021).

Oliveira (2021) ressalta ainda que o curso de jornalismo da UESPI de Picos tem um grande potencial formador não só para Picos, mas para toda a região do sertão piauiense. O curso tem formado mais que jornalistas, forma também pesquisadores de jornalismo e comunicação, com os quais a partir de eventos promovidos pelo curso, e com projetos de pesquisa e extensão, tem deixado traços positivos no mercado, oriundos dessa formação diferenciada do curso de Jornalismo de Picos.

Considerações

A discussão sobre a implantação do curso de Comunicação Social da UESPI de Picos e a sua contribuição para o jornalismo picoense é importante para que seja possível entender seu significativo para o município do centro-sul piauiense e região, bem como a importância da iniciativa realizada pelos jornalistas que já atuavam no mercado picoense de se unirem em torno dessa demanda e conseguirem trazer a graduação para UESPI campus de Picos.

Com certeza é um grande legado para muitas gerações de jornalistas que podem ter a formação e para o próprio jornalismo que só cresce em termos qualitativos e quantitativos com profissionais que saem das cadeiras da universidade preparados para o mercado de trabalho.

Outro fator que merece destaque é que o curso tem formado muitos pesquisadores, que deixam um legado de estudos, que contribuem para o desenvolvimento do campo da comunicação e até de outras áreas, pensando como um campo interdisciplinar.

Explica-se ainda, pelo fato de poder estudar a história e a memória dentro do campo da comunicação. De fato as contribuições do curso são muitas e para além de quantidade, têm um valor imensurável pelos feitos, conquistas, pesquisas, trabalhos, projetos e ações desenvolvidas até aqui.

Referências

BARROSO, Graciele *et. al.* A Chegada da TV Picos à Capital das Parabólicas: Programação Local no Reforço de Identidades. **II Encontro Nordeste de História da Mídia**, Teresina, 20 e 21 de junho de 2012. Disponível em: www.ufrgs.br/alcar/encontros-nacionais-1/encontros-regionais/nordeste/2o-encontro-2012/qt-6-2013-historia-da-midia-audiovisual-e-visual/a-chegada-da-tv-picos-a-capital-das-parabolicas-programacao-local-no-reforco-de-identidades. Acesso em 22 de julho de 2021.

BRASIL. **Parecer CNE/CES 492/2001**. Diretrizes Curriculares Nacionais dos cursos de Filosofia, História, Geografia, Serviço Social, Comunicação Social, Ciências Sociais, Letras, Biblioteconomia, Arquivologia e Museologia. Ministério da Educação, Conselho Nacional de Educação. Brasília-DF, 3 abr. 2001.

DELGADO, Lucilia de Almeida Neves. **História Oral**: memória, tempo, identidades. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

FREITAS, Sônia Maria de. **História Oral**: possibilidades e procedimentos. 2. ed. São Paulo: Associação Editorial Humanitas, 2006

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. [Trad. Beatriz Sidou]. São Paulo: Centauro, 2006.

SILVA, Danielly K. Duarte. Os Jornalistas “de batente” e a busca pelo diploma acadêmico: Um estudo sobre esses profissionais durante os doze anos do Curso de Comunicação Social na UESPI de Picos. Monografia apresentada a Universidade Estadual do Piauí, Campus de Picos. Picos- PI, 2014.

SOUSA, Márcia de Araújo; LIMA, Nilsângela Cardoso. “O Correio Radiofônico do Sertão”: difusora AM e o “Correspondente do interior” no cotidiano de Picos e Macrorregião. **Revista Rádio-Leituras**, Mariana MG, v. 9, n. 02, pp.89-120, jul./dez. 2018. Disponível em [/periodicos.ufop.br/radio-leituras/article/view/1786+&cd=1&hl=pt-BR&ct=clnk&gl=b](http://periodicos.ufop.br/radio-leituras/article/view/1786+&cd=1&hl=pt-BR&ct=clnk&gl=b)r. Acesso em 22 de julho de 2021.

CARVALHO, Odorico Leal de. Entrevista concedida a Danielly Kelly Duarte e Silva. 2021.

SOUSA, José Pereira. Entrevista concedida a Danielly Kelly Duarte e Silva. 2021.

LUZ, Sebastião Araújo. Entrevista concedida a Danielly Kelly Duarte e Silva. 2021.

DOSSIÊ DE MEMÓRIAS DO JORNALISMO DA Uespi: as pesquisas realizadas nos Trabalhos de Conclusão de Curso (TCCs)

Maria Aparecida de Castro
Mayara Sousa Ferreira

O que e por quê?

Estudos realizados sob o ponto de vista memorialístico trazem contribuições sociais e acadêmicas por proporcionarem a possibilidade de conhecer o passado de determinados aspectos da sociedade, a partir da delimitação de tempo e espaço. Além disso, podem se constituir como uma forma de arquivo e conservação de aspectos sociais, afinal, narrativas escritas são consideradas um dos meios de conservar lembranças. Como realça Halbwachs (2006, p. 101) em suas proposições clássicas sobre memória coletiva, “[...] os escritos permanecem, enquanto as palavras e o pensamento morrem”.

Partindo do pressuposto de que há, na contemporaneidade, medo de perda da memória (LE GOFF, 2016; NORA, 1993), a preocupação em conservar as lembranças coletivas se evidencia de diversas formas. Nesse contexto, os lugares de memória (NORA, 1993) são vistos como locais de refúgio, de algo que não existe mais.

Nesse sentido, as instituições de educação, enquanto produtoras de conhecimento científico, podem ser consideradas locais de memória. Memórias sobre pessoas, lugares, condições, fenômenos, ocasiões. Memórias transpostas em narrativas escritas, constantemente disseminadas e divulgadas aos pares e à sociedade.

Em se tratando especificamente de ensino superior, autores como Severino (2007) e Teixeira (2012) compreendem o compromisso das universidades em desenvolver atividades que gerem, reproduzam, renovem e compartilhem saberes em processo continuado e permanente. As práticas de ensino-aprendizagem estão focadas nisso.

A Universidade Estadual do Piauí (UESPI) tem desempenhado importante papel, firmando-se, hoje, como uma das maiores instituições de educação superior do estado e, quiçá, do Nordeste. Dentre os *campi*, destacamos o Campus Professor Barros Araújo (CPBA), localizado em Picos, pela notoriedade estratégica do município – o terceiro maior do estado, com um grande entroncamento rodoviário e, por consequência, com abrangência e relevância junto a cerca de 40 municípios da região Centro-Sul do estado.

Desse modo, os 10 cursos de graduação do referido campus, sendo seis bacharelados e quatro licenciaturas (UESPI, s/d), vêm ajudando a mudar a realidade da região Semiárida, oferecendo oportunidade de qualificação profissional e produzindo pesquisas científicas e saberes. Daí a importância de estudar de que forma essas memórias coletivas estão se constituindo em relação ao conhecimento científico produzido em tal instituição.

No caso da presente investigação, interessa-nos estudar, especificamente, as produções do curso de Bacharelado em Jornalismo, do qual fazemos parte como egressas e, hoje, professora e aluna. Daí os questionamentos: como as pesquisas realizadas, notadamente, no bacharelado mencionado estão contribuindo para a construção das memórias sobre o curso e sobre o campo? Que memórias as pesquisas dos Trabalhos de Conclusão de Curso (TCCs) constroem de si?

Sabendo que as memórias podem ser estudadas sob múltiplos olhares, de forma interdisciplinar (FERREIRA, 2017), buscamos, com este projeto, entender o lugar da pesquisa nesse curso de educação superior, as tendências e inclinações verificadas a partir do papel da pesquisa na produção de memórias sobre o curso.

A pesquisa tem sua importância registrada tanto no campo acadêmico, quanto no social, por se constituir um relevante instrumento de formação crítica e reflexiva dos discentes para melhor atuação profissional, assim como um elemento um tanto quanto libertador, que

ajuda a construir a cidadania, através do que Teixeira (2014) chama de capital intelectual.

É partindo de problemas do cotidiano que se dá o processo de construção científica, analisando-o, problematizando-o e retornando a ele com contribuições que podem ajudar a transformar a realidade, mesmo que seja em reduzidos aspectos. Como ressalta Severino (2007, p. 34), “a pesquisa é fundamental, uma vez que é através dela que podemos gerar o conhecimento, a ser necessariamente entendido como construção dos objetos de que se precisa apropriar humanamente”.

Sendo assim, as pesquisas realizadas sobre a comunicação e o jornalismo podem proporcionar melhorias nas práticas profissionais, a partir de ponderações sobre o fazer jornalístico, que nos levam a um entendimento mais amplo sobre o campo. Ao mesmo tempo em que se constituem relevantes na formação cidadã, as pesquisas realizadas sobre o jornalismo ajudam a construir memórias de si, uma vez que, construídas no tempo presente, poderão ser consideradas fontes documentais que dizem sobre espaço e tempo específicos.

Daí a importância de perceber como elas estão sendo realizadas ao longo do tempo, por nos ajudarem a entender o presente e o passado do campo, assim como do curso no contexto local e regional. As contribuições podem chegar também para o tempo futuro, a partir das lembranças documentadas, que poderão ser consultadas por outras gerações.

Escolhemos o curso de Jornalismo da UESPI, especificamente do campus Professor Barros Araújo, em Picos, como ambiente de estudo para este projeto pela nossa ligação com o objeto, como professora e como estudante desse bacharelado. Além do mais, tal proposta se relaciona aos estudos de doutoramento desta docente, no que se refere à história e às memórias da educação superior em Jornalismo do Piauí.

Nesse contexto, compreendemos que o estudo aqui proposto traz subsídios ao local onde atuamos como professora e como discente, ajudando a melhor entender nossa realidade organizacional no que tange

a produção científica, assim como a refletir sobre as consequências quanto ao seu papel na formação de novos jornalistas.

O objetivo geral é, então, revisitar as memórias do curso de Comunicação Social – Jornalismo da Universidade Estadual do Piauí, campus Professor Barros Araújo, a partir das pesquisas realizadas nos Trabalhos de Conclusão de Curso, no período inicial do bacharelado.

Já como objetivos específicos, temos: 1) mapear os principais temas de pesquisa abordados nos TCCs de Comunicação Social - Jornalismo desta instituição, especificamente nas primeiras turmas; 2) identificar os principais tipos de pesquisa, abordagens metodológicas e inclinações quanto ao campo de estudo nas investigações científicas do curso; 3) entender como tais pesquisas, apresentadas no formato de monografias e projetos experimentais, contribuem para a formação das memórias do surgimento do curso.

Como?

Pesquisar diz respeito a buscar soluções de problemas, respostas a inquietações, descoberta de fatores. Trata-se de uma “atividade científica pela qual descobrimos a realidade. Partimos do pressuposto de que a realidade não se desvenda na superfície” (DEMO, 1987, p. 23). Logo, é necessário estudo e aprofundamento, fazendo uso de aspectos metodológicos para a construção científica. Desse modo, a metodologia diz respeito à preocupação instrumental, portanto, refere-se ao delineamento dos passos da pesquisa, os procedimentos e ferramentas utilizados para trabalhar o objeto de estudo.

Em se tratando desta investigação, trabalhamos com as pesquisas bibliográfica e documental, segundo as orientações de Severino (2007) e Gil (2014). No primeiro momento, fizemos uso de pesquisas já realizadas e publicadas no formato de livros, artigos, relatos, com a finalidade de fundamentar e embasar o estudo ora planejado, ajudando-nos a

compreender sobre as produção de conhecimento científico e sobre as memórias coletivas para construção do arcabouço teórico.

No segundo momento, trabalhamos com os documentos que ainda não haviam recebido tratamento analítico, no caso os TCCs do curso escolhido. Como recorte, selecionamos os trabalhos defendidos e publicados na biblioteca do campus nos anos de 2005 e 2006, os quais se referem às produções finais da primeira e segunda turma de Comunicação Social – habilitação em Jornalismo.

Fizemos uso dos documentos do curso, especificamente os TCCs, tanto as monografias quanto os projetos experimentais apresentados ao longo dos primeiros anos de existência do curso de bacharelado. A partir daí, tabulamos os dados em tabelas como forma de organização e sistematização da análise do material. Para tanto, consideramos apenas os títulos, resumos, palavras-chave e sumários dos TCCs disponíveis na biblioteca.

Sobre esse material, trabalhamos com as abordagens quantitativa e qualitativa. Utilizamos a pesquisa quantitativa com base em Teixeira (2014), para contabilizar os trabalhos, registrar a frequência dos temas e tipos de pesquisas mais frequentemente abordados. Por outro lado, a abordagem qualitativa foi realizada, considerando as características descritas pela autora supracitada:

O pesquisador observa os fatos sob a óptica de alguém interno à organização. A pesquisa busca uma profunda compreensão do contexto da situação. A pesquisa enfatiza o processo dos acontecimentos, isto é, a sequência dos fatos ao longo do tempo. O enfoque da pesquisa é mais desestruturado, não há hipóteses fortes no início da pesquisa. Isso confere à pesquisa bastante flexibilidade. A pesquisa geralmente emprega mais de uma fonte de dados (TEIXEIRA, 2014, p. 137-138).

Para tratamento dos dados, usamos análise de conteúdo categorial, com vistas a organizar o material de investigação para a análise quantitativa e também qualitativa. Após, contabilizarmos os temas e tipos de trabalho, identificamos as categorias para interpretá-las. Usamos,

nesse momento, o critério semântico (categorias temáticas) para o agrupamento dos conteúdos a partir dos documentos avaliados, facilitando a interpretação em busca de responder aos objetivos propostos.

Aplicamos a análise de conteúdo a partir das contribuições de Bardin (1977, p. 117), para quem as categorias dizem respeito às “rubricas ou classes, as quais reúnem um grupo de elementos (unidades de registro, no caso da análise de conteúdo) sob um título genérico, agrupamento esse efetuado em razão dos caracteres comuns desses elementos”.

O que encontramos?

O curso de Comunicação Social foi criado a partir da resolução 38/2001, do Conselho Universitário da Universidade Estadual do Piauí – CONSUN, datada de 29 de outubro de 2001 (UESPI, 2001), durante o período de interiorização dos cursos da UESPI. Após a primeira oferta de 40 vagas no vestibular naquele mesmo ano (UESPI, 2012), a turma ingressou no Campus Professor Barros Araújo, em agosto de 2002.

Por conseguinte, os primeiros produtos científicos desenvolvidos ao final da graduação e apresentados como requisito para obtenção do grau de bacharel datam de 2005 e de 2006. Um total de 31 trabalhos estão disponíveis na biblioteca da UESPI/CPBA no formato impresso. Vale ressaltar que a referida unidade não conta com repositório institucional *online*.

Pelo levantamento inicial sobre documentos, tais como atas de defesa, notamos que a primeira turma iniciou o ciclo de defesas dos TCCs no final de 2005, mas alguns precisaram ser refeitos e a apresentação à banca foi remarcada para o início do ano seguinte. Ainda em 2006, meses depois, também ocorreram as defesas da segunda turma, que havia ingressado no segundo semestre de 2003. Assim, ao recortar nossa

amostra nos anos de 2005 e 2006, período inicial do curso, trabalhamos com as pesquisas da primeira e segunda turmas.

De acordo com os dados levantados nesta investigação, inicialmente, foram encontrados apenas três TCCs com data do ano de 2005 e 28 datados de 2006. Vale ressaltar que, no curso, há a possibilidade de desenvolver a pesquisa final e expô-la nos moldes tradicionais, ou seja, no formato de monografia, ou de realizar trabalhos aplicados ao campo prático da comunicação, com peças jornalísticas como produtos de projetos experimentais acompanhadas de relatórios científicos. Do total de TCCs encontrados, 25 trabalhos se tratam de monografias e apenas três de projetos experimentais, no caso, livros-reportagens (Quadro 1).

Quadro 1 — Tipos de TCCs de Comunicação Social – UESPI/Picos, 2005 e 2006

Tipo	Quantidade
Monografias	28
Projetos experimentais	3
Total	31 trabalhos

Fonte: elaboração própria

Outro adendo importante diz respeito ao fato de que os Projetos Curriculares do Curso (PPC) de Comunicação Social (UESPI, 2005; 2012) de então permitiam a produção científica em três moldes: individual, em dupla e/ou até em trio. Portanto, o número de trabalhos dispostos não corresponde exatamente ao número de formandos daquele período.

É curioso que grande parte dos ingressantes na primeira turma, especialmente, era profissionais do jornalismo que já atuavam no mercado da comunicação local, seja em redações de jornais impressos ou em rádios, e mesmo assim, optaram por produzir, em sua maioria, monografias ao invés de produtos jornalísticos, com os quais eles já estariam familiarizados devido à experiência que carregavam consigo.

Ao olhar para as características do contexto de surgimento do curso, apontamos algumas possíveis explicações. Uma delas se refere ao fato de essas peças jornalísticas serem mais dispendiosas. Para um livro-reportagem é necessário investimento em diagramação e impressão, o que encarece a peça. No caso do vídeo documentário ocorre algo semelhante, pois a produção audiovisual é naturalmente onerosa.

Para tais tipos de produções, é necessário dispor de equipamentos de produção de fotografia, de imagens e captação de áudio, além de programas de editoração e de edição de áudio e vídeo. Embora o curso tenha essas características práticas, a estrutura laboratorial não atende a essas demandas. A formação de jornalistas em Picos começou de forma precária, com muitas dificuldades a serem transpostas.

Apesar de a atualização do PPC unificado do curso (UESPI, 2005) listar laboratórios de rádio e multimídia (impresso, *online* e fotografia digital), a realidade descrita não correspondia à do Campus Professor Barros Araújo, mas somente ao Campus Torquato Neto, em Teresina, que oferece a mesma graduação desde 2001. O primeiro laboratório de comunicação do CPBA foi inaugurado apenas em 2007. As duas primeiras turmas já haviam se formado nesse período.

Como este trabalho se trata de uma busca de memórias sobre o conhecimento científico do curso de Comunicação Social, focado na habilitação de Jornalismo, entendemos como vestígios, e apenas vestígios, porque a memória em sua complexidade não se permite ser invocada por completo. Com Nora (1993), acreditamos que a memória acontece no momento e se acaba ali. Quando transportada através de restos, transforma-se em história. Assim, almejamos apenas aquilo que a memória de bom grado nos oferece, seus vestígios.

Ao dedicar-nos aos primeiros Trabalhos de Conclusão do Curso (TCC) dos formandos do curso de Comunicação Social com habilitação em Jornalismo, nos anos iniciais, compomos também indícios de memória sobre o próprio curso em busca de consolidação. O reconhecimento pelo Conselho Estadual de Educação veio em 2006

(GOVERNO DO ESTADO DO PIAUÍ, 2006), quando a primeira turma havia se formado e a segunda estava em fase final. Certamente, tais produções foram consideradas como parte da avaliação que levou à sua validação.

Escrever sobre memórias do curso de Comunicação Social de Picos ajuda na preservação das lembranças, colaborando para que não haja o esquecimento da memória do campo científico da comunicação do Piauí. Assim é que entendemos a biblioteca do campus como um lugar de memória, principalmente quanto às contribuições de pesquisas científicas desenvolvidas pela comunidade acadêmica local.

Sobre lugares de memória, nossa percepção se baseia em Nora (1993). Segundo ele, é o medo do esquecimento que força a sociedade a criar os lugares de memória. “Os lugares de memória nascem e vivem do sentimento que não há memória espontânea, que é preciso criar arquivos, que é preciso manter aniversários, organizar celebrações, pronunciar elogios fúnebres, notariar atas, porque essas operações não são naturais” (NORA, 1993, p. 7).

Sabendo disso, podemos dizer que as publicações científicas se tornam fontes memorialísticas para a sociedade em geral e, em específico, para discentes e docentes, assim como para pesquisadores. A produção científica por acadêmicos em torno de determinado campo certifica um pensamento crítico aos formandos, referencial, documental e/ou experimental sobre determinados assuntos.

É por isso que pesquisar os trabalhos de conclusão de curso dos acadêmicos de Jornalismo pode nos levar a conhecer e compreender a memória, não apenas do curso, mas, por extensão, dos seus objetos de estudo, que podem ponderar acerca da comunicação regional. A abrangência do termo trabalho científico se desenvolve pelas múltiplas perspectivas do que está ligado à produção do conhecimento individual, à atividade epistemológica, ao conjunto de processos de estudo, que está presente na vida de todo universitário, e à dissertação dos resultados encontrados nas pesquisas científicas, como explica Severino (2007).

No que diz respeito aos principais temas e objetos evidenciados na categorização deste estudo, ao observarmos títulos, resumos, palavras-chave e sumários dos TCCs de 2005 e de 2006, evidenciamos as categorias temáticas: assessoria de imprensa (4); jornalismo impresso (2); radiojornalismo (13); telejornalismo (3); webjornalismo (1); outros temas em jornalismo (8) (Quadro 2).

Quadro 2 — Temas dos TCCs de Comunicação Social – Jornalismo 2005 e 2006

Categorias temáticas	Quantidade
Assessoria de Imprensa	4
Jornalismo impresso	2
Radiojornalismo	13
Telejornalismo	3
Webjornalismo	1
Outros temas em jornalismo	8
Total	31 trabalhos

Fonte: elaboração própria

A categoria que contou com o maior número de trabalhos foi o grupo de pesquisas voltadas para o radiojornalismo. Essas pesquisas encontradas discutem e refletem sobre veículos de rádio locais, esse fator mostra a força que o rádio tem no cotidiano de Picos e, quiçá, a relação desses estudantes formandos com a comunicação radiofônica.

E, se levarmos em consideração a formação acadêmica dos professores do período, os professores Orlando Berti, Evandro Alberto e Edilene Ramos tinham proximidade com a área em estudo, principalmente pelo campo de atuação prática na região de Picos. Dessa forma, podemos fazer uma ligação desse aspecto, pois, certamente a

ligação desses professores com o rádio local pode ter influenciado as pesquisas dos acadêmicos de 2005 e de 2006.

Os trabalhos cujo tema era assessoria de imprensa foram quatro. Compreendendo que esse era um campo novo de atuação e de pesquisa para os estudantes de comunicação. Os primeiros formandos eram oriundos de Picos e de cidades vizinhas, com entrada através da parceria entre as prefeituras municipais e a UESPI. Ao concluírem o curso, muitos passaram a atuar nesses municípios como assessores de tais organizações. Portanto, foi um campo de trabalho e de pesquisa que cresceu com a oferta do curso.

Outra categoria que ressaltamos aqui é a de telejornalismo, que esteve presente em três pesquisas. Estas pesquisas estavam voltadas para a chegada da TV Picos, afiliada da TV Brasil, inaugurada em 20 de outubro de 2005 - canal 13, segundo Pinheiro e Dourado (2016). As discussões propostas nos três trabalhos refletem o impacto da chegada do primeiro veículo televisivo da cidade. A TV Picos, até o momento, continua a funcionar na cidade de Picos e a influenciar outras investigações.

As categorias de jornalismo impresso (2) e webjornalismo (1) representam uma quantidade menor de trabalhos. Um número que, possivelmente, expressa a realidade desse tipo de veículo jornalístico na região centro-sul do Piauí, nos anos de 2005 e 2006. Naquele cenário, Picos contava com jornais impressos, inclusive com profissionais buscando a formação de jornalistas, mas o número de *sites* noticiosos ainda era pequeno, uma vez que os primeiros portais ainda estavam surgindo na região. A realidade hoje pode ser muito diferente, pois a tecnologia está potencializando a comunicação e informação.

Por fim, a categoria de outros temas em jornalismo conta com pesquisas que não se enquadravam em nenhuma outra categoria, pois tratavam de casos específicos, relatórios de livros-reportagens de biografia. Um dos trabalhos que está nesta categoria é o relatório do livro-reportagem *Da lua e do sol: vidas despedaçadas por um crime*

animalesco, de autoria de Fábio Gonçalves Ferreira, 2006. O trabalho é um estudo do caso de assassinato na comunidade de Lagoa do Cajueiro.

Como podemos ver, a categoria outros temas em jornalismo apresenta temas muito abrangentes do jornalismo, em que muitas vezes partiam de uma pesquisa exploratória sobre o assunto, como é o caso do relatório citado e também do trabalho *Análise do jornalismo especializado em arquitetura e decoração do Piauí*, escrito por Ana Lídia Moureira Melo, em 2005. Percebe-se também que não tinham como objeto de pesquisa um veículo de comunicação específico (rádio, televisão, jornal impresso, portal e/ou site).

Diante de tudo que foi apresentado, algo que é importante ressaltar é que 100% dos Trabalhos de Conclusão de Curso de Comunicação Social da UESPI, Campus Professor Barros Araújo, nos anos analisados, tem como objetos veículos ou instituições da macrorregião de Picos e em um âmbito maior, o Estado do Piauí. Mas os comunicadores formandos no período de 2005 e 2006 também pesquisaram temas ou veículos de comunicação de massa, em nível nacional.

Ao investigarem no âmbito da região em que atuam, as turmas contribuem com a compreensão e melhoria das práticas que lhes afetam, em seu contexto de inserção. Além disso, ajudaram a construir memórias coletivas da comunicação da região na metade da primeira década deste século. E, dessa forma, também a memória do curso de Comunicação Social da Universidade Estadual do Piauí, Campus de Professor Barros Araújo, nos primeiros anos, é formada por um olhar singular daqueles que formaram a primeira turma do curso. São ângulos diversos, que juntos falam muito sobre o campo da comunicação da região de Picos e do Piauí.

Como avaliamos?

A partir da pesquisa aqui desenvolvida foi possível compreender os principais temas trabalhados nos dois primeiros anos do curso (assessoria

de imprensa; jornalismo impresso; radiojornalismo; telejornalismo; webjornalismo e outros temas em jornalismo). Essas categorias emergiram de acordo com os assuntos discutidos nos trabalhos do curso.

Quanto às metodologias usadas pelos estudantes do período, trataram-se de abordagens qualitativas e quantitativas, como também de entrevistas semiestruturadas para compreender e narrar as histórias do sertão piauiense, entre tantos outros métodos de pesquisa. De forma aprofundada, não conseguimos alcançar esse objetivo traçado na pesquisa.

Muitos dos trabalhos foram mapeados no momento em que passamos por uma pandemia. Diante disso, não tivemos contato com os dados metodológicos de todos os trabalhos, mas apenas o título, palavras-chave, autor da pesquisa. Assim, dos 31 trabalhos mapeados, não tivemos contato com aspectos metodológicos de 19 desses estudos do ano de 2006.

O trabalho de tabulação dos Trabalhos de Conclusão de Curso (TCC) ocorreu na primeira fase desta pesquisa e colaborou para a compreensão do desenvolvimento do campo científico de comunicação na região. E, de acordo com os dados levantados inicialmente sobre os Trabalhos de Conclusão de Curso da UESPI/CPBA, foram encontrados três TCCs do ano de 2005 e 28 apresentados no ano de 2006, sendo que 25 se tratam de monografias e três de projetos experimentais (documentários e livros-reportagens).

A partir da pesquisa desenvolvida neste projeto, foi possível a produção de um resumo expandido, intitulado *Dossiê de memórias do Jornalismo da UESPI de Picos: primeiras aproximações*, apresentado na 3ª Semana de Comunicação da UESPI de Picos, que é o evento do curso de Comunicação Social de Universidade Estadual do Piauí, Campus Professor Barros Araújo.

Esta pesquisa tem imensa contribuição para a memória do curso de Comunicação Social da UESPI e diante de todas as dificuldades enfrentadas, ainda se tem muito a contar e compreender acerca da

memória do campo científico no semiárido do Piauí. Este estudo pode e deve ser só o início de uma grande e árdua pesquisa, pois ainda tem muito material a ser estudado.

Referências

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. Lisboa, Portugal: Edições 70, 1977.

GOVERNO DO ESTADO DO PIAUÍ. **Decreto 12.256 de 19 de junho de 2006**. Teresina, 2006.

DEMO, Pedro. **Introdução à metodologia da ciência**. 2 ed. São Paulo: Atlas, 1987.

FERREIRA, Mayara. Interfaces entre memórias e identidades culturais. In: FERREIRA, Mayara Sousa; SOUSA, Maria José Rodrigues; SILVA, Maria das Mercês e. **Protagonismo, cultura e sociedade no Vale do Guaribas**. Curitiba: Appris, 2017, p. 27-37.

GIL, Antonio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6 ed. São Paulo: Atlas, 2014. HALBWACHS, Maurice. A memória coletiva. Tradução Beatriz Sidou. São Paulo: Centauro, 2006.

LE GOFF, Jacques. **História e memória**. Tradução Bernardo Leitão et al. 7 ed. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2013.

MAGALHÃES, Justino. A história das instituições educacionais em perspectiva. In: GATTI JÚNIOR, Décio; INÁCIO FILHO, Geraldo. **História da educação em perspectiva: ensino, pesquisa, produção e novas investigações**. Campinas-SP: Autores Associados; Uberlândia-MG: EDUFU, 2005, p. 91-103.

NORA, Pierre. Entre memória e história: a problemática dos lugares. Tradução Yara Aun Khoury. **Projeto História: revista do Programa de Estudos Pós-Graduados em História e do Departamento de História da PUC-SP**, São Paulo, n. 10. P. 7-28, dez. 1993.

PINHEIRO, Mary Sandra Landim; DOURADO, Jacqueline Lima. TV Antares, uma luta pela comunicação pública no cenário piauiense. In: **ENCONTRO NORDESTE DE HISTÓRIA DA MÍDIA**. Maceió-Al.v.1, n.1. 2016.

SEVERINO, Antonio Joaquim. **Metodologia do trabalho científico**. 23 ed. São Paulo: Cortez, 2007. TEIXEIRA, Elizabeth. As três metodologias: acadêmica, da ciência e da pesquisa. 11 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.

UNIVERSIDADE ESTADUAL DO PIAUÍ. **Graduação**. s/d. Disponível em: <https://www.uespi.br/site/wp-content/themes/uespi/graduacao.html>. Acesso em: 5 abr. 2021.

UNIVERSIDADE ESTADUAL DO PIAUÍ. Conselho Universitário da Universidade Estadual do Piauí – CONSUN. **Resolução 38/2001 de 29 de outubro de 2001**. Teresina-PI: Conselho Universitário, 2001. Reconhece, pelo período de 05 (cinco) anos, Curso de Bacharelado em Comunicação Social, com habilitações em Jornalismo e Relações Públicas, ministrado pela UESPI, no campus de Picos. Secretaria de Educação e Cultura. Teresina-PI. Disponível em: <http://legislacao.pi.gov.br/legislacao/default/ato/12451> . Acesso em: 5 mai.

UNIVERSIDADE ESTADUAL DO PIAUÍ. **Projeto Pedagógico do Curso de Comunicação Social – habilitação Jornalismo e Relações Públicas**, julho de 2005. Coordenação do Curso de Comunicação Social. Teresina-PI.

UNIVERSIDADE ESTADUAL DO PIAUÍ. **Projeto Pedagógico do Curso de Bacharelado em Comunicação Social – habilitação Jornalismo e Relações Públicas**, 2012. Núcleo Docente Estruturante, Universidade Estadual do Piauí, Campus Professor Barros Araújo. Picos-PI.

Parte 3 – Digitais do jornalismo em uma pandemia: memórias em destaque

A VACINA CHEGOU PELO SERTÃO?

Análise de como os portais RiachãoNet e Boletim do Sertão atuaram na construção de memórias sobre as primeiras doses de vacinas contra a covid-19

Iaquelly de Sousa
Thamyres Sousa de Oliveira

Introdução

Em meio à pandemia de covid-19, onde as pessoas foram orientadas a permanecer em suas casas, o jornalismo se portou como um dos lugares de memória, servindo como fonte de informação e de defesa da saúde pública. Com a orientação de não se aglomerar, vacinar-se e não fazer uso de remédios sem prescrição médica, foi assim que o jornalismo, por meio dos profissionais que o fazem, disponibilizou o acesso a informações e viabilizou o cuidado sobre a pandemia.

Em meio a essa conjuntura de mortes, elevado número de contaminação, tentativas de isolamento social, crise política, entre outros aspectos, a espera pelo desenvolvimento de um imunizante para a covid-19 foi constante e mobilizou laboratórios em todo o mundo.

Os pesquisadores tinham como missão desenvolver uma vacina com rapidez e atestar sua eficácia e segurança, contudo, antes da circulação da mesma, já nos deparamos com *fake news* que incentivaram a população a não se vacinar, nem atribuir credibilidade aos estudos e testes feitos.

Imunizantes como Pfizer, AstraZeneca/Oxford e CoronaVac (resultado de parceria entre o Instituto Butantan Brasil e a fabricante chinesa de medicamentos Sinovac Biotech) foram aprovados pela Agência Nacional de Vigilância Sanitária (ANVISA) e passaram a ser aplicados na população brasileira. No Brasil, na cidade de Picos, segundo o portal RiachaoNet em publicação, as primeiras doses da vacina contra a covid-19 chegaram no dia 19 de janeiro de 2021, mas as doses só começaram a ser aplicadas em 21 de janeiro de 2021.

Em meio a essa situação que sugere distanciamento, foi por meio do jornalismo que muitos de nós acessamos essas informações diariamente. Em virtude disto, este trabalho tem como objetivo geral analisar como os portais RiachaoNet e Boletim do Sertão atuaram na construção de memórias sobre as primeiras doses de vacinas contra a covid-19, no período de 19 a 26 de fevereiro de 2021, em Picos, semana em que está situada a primeira chegada de vacinas na cidade.

Entre nossos objetivos, buscamos mapear as matérias jornalísticas divulgadas sobre o tema no referido período de estudo, identificando se elas demonstravam ou não uma preocupação com a vacinação local, entender se as matérias eram de autoria própria ou apenas a reprodução de outros veículos jornalísticos e assessorias, e identificar quais fontes foram utilizadas pelas matérias jornalísticas sobre coronavírus e como elas ajudaram a compor o imaginário simbólico coletivo.

Trata-se de uma pesquisa bibliográfica e documental, e a técnica de análise utilizada foi a análise de conteúdo. Inicialmente, o trabalho apresenta o conceito de memória e como o jornalismo pode ser considerado um tipo de lugar de memória para a coletividade. Posteriormente, discutimos as relações entre a pandemia da covid-19, o universo jornalístico e a importância do jornalismo na cobertura sobre a covid-19. Por fim, desenvolvemos o processo analítico em que buscamos entender como os portais RiachaoNet e Boletim do Sertão atuaram na construção de memórias sobre as primeiras doses de vacinas contra a covid-19, no período de 19 a 26 de fevereiro de 2021, em Picos.

A memória e o jornalismo como um lugar de memória

Esse texto apresenta os resultados preliminares de uma pesquisa em andamento sobre jornalismo, saúde e memória, e propõe o esquadramento das interfaces destes três assuntos distintos, que se relacionam na sociedade contemporânea. Para tanto, daremos início promovendo uma breve reflexão sobre o pensamento do historiador

francês Pierre Nora (1993) a respeito da memória, principalmente o que ele entende por lugar de memória, relacionando seu pensamento com o sociólogo Maurice Halbwachs (1990) a respeito da memória coletiva atualizada.

Ressaltamos que o debate não será centralizado somente nos autores citados anteriormente, mas na tentativa de entender o papel do jornalismo enquanto lugar de memória e como o jornalismo constrói memórias no âmbito social, principalmente em períodos de grande desinformação, como foi no início da pandemia do novo coronavírus em 2020 e com a chegada das primeiras doses da vacina no estado do Piauí, particularmente, no município de Picos.

O jornalismo é considerado a esfera em que a sociedade deposita sua credibilidade para se informar sobre o que acontece ao seu redor e, com esse poder de produzir e divulgar informações que ocorrem diariamente, ele acaba por obter também o poder de produzir vestígios construindo memórias através de imagens, matérias, reportagens, etc. (FERREIRA, 2016).

Se por um lado o jornalismo foi considerado por muitas pessoas, durante muito tempo como um local de informações seguras, esses últimos anos mostram que o jornalismo brasileiro se encontra em xeque junto ao seu público. Durante a pandemia, os agentes governamentais foram vistos como potenciais incitadores do ódio contra os profissionais de comunicação e, frequentemente, divulgaram *fake news* que feriam, inclusive, direitos previstos na constituição, como é o caso do direito à vida.

Nos anos de pandemia, o próprio presidente da república, à época Jair Messias Bolsonaro, desencorajou a população a se vacinar e associou as vacinas contra a covid-19 ao HIV (Human immunodeficiency vírus), uma infecção sexualmente transmissível. O fato se deu em uma *live* na rede social *Facebook*, que logo foi removida, por se tratar de um conteúdo falso.

Sendo assim, percebemos que o material jornalístico transcende sua existência material, ou seja, podemos considerar o jornalismo como um lugar de memórias. É por meio dele que conseguimos informações sobre o cotidiano de lugares que, muitas vezes, não estivemos. Embora não seja essa sua função primordial, ele se torna um acervo, um lugar para o qual podemos retornar por curiosidade, para conhecer. Para chegar a essa compreensão, embasamos a nossa discussão, inicialmente, em Nora (1993).

Nas palavras do autor citado acima, estaríamos vivendo uma constante aceleração da história, produzindo um passado morto cada vez mais rápido, enquanto a nossa percepção geral de algo está, por consequência, desaparecendo.

A massificação e, principalmente, a midiaticização, segundo o autor, vêm causando o desmoronamento da memória. Com o fim das sociedades-memórias, que antes asseguravam a conservação e transmissão de valores, acaba então a garantia de passagem regular do passado ao futuro e também o senso crítico do que se deveria guardar do passado para preparar um futuro.

Quanto ao desmoronamento das memórias, nossas sociedades necessitam ter seus lugares de memórias. Incluímos aqui o jornalismo como um lugar de memória, como já dizia Rêgo (2012). Além de informar, sendo local de memória, o jornalismo também educa, conscientizando a população e esclarecendo dúvidas sobre várias questões necessárias, entre elas a saúde.

Quando refletimos sobre o momento inicial da pandemia podemos nos indagar sobre os fatos que ocorreram durante o primeiro ano de quarentena mundial. Será que as futuras gerações irão entender tudo que se passou na esfera da saúde? Creio que não e, ainda mais, imagino quais serão os produtos gerados pela mídia que irão ser utilizados posteriormente. No período em que as pessoas estiveram em suas casas, circularam tantas informações em vários veículos jornalísticos e ao mesmo tempo informação nenhuma, por não conseguirmos acompanhar

o que se desejava transmitir com elas. A afirmação anterior nos faz retomar o que vivemos, como disse Nora (1993), produzindo um passado morto mais rápido e, por consequência, um futuro vazio de informação, porque não saberemos explicar.

E quando focamos na esfera da saúde isso é ainda mais preocupante, pois se houve tantos arquivos o que acontecerá se as sociedades de memórias não existirem ou existirem com seus valores deturpados, como será o futuro das informações? Ou como serão feitas as campanhas de vacinação? Ou de apoio às pesquisas científicas?

Com a efervescência das redes sociais digitais, os juízos das pessoas sobre as perguntas que fizemos podem ser fundamentados em *fake news* que algum membro da família leu ou postou nos grupos em que está inserido, favorecendo a transmissão de informações inadequadas para a nova geração.

Para o autor citado acima, os lugares de memória nascem e vivem, portanto, do sentimento de que não há memória natural, mas de que é preciso criar arquivos físicos: “se o que defendem não estivesse ameaçado, não se teria a necessidade de construí-los. Se vivêssemos verdadeiramente as lembranças que nos envolvem, seriam inúteis” (NORA, 1993, p. 13).

Embora Nora (1993, p. 7) não o tenha mencionado, como ele o fez com “museus, arquivos, cemitérios, tratados, processos verbais, monumentos, santuários e etc”, assumimos a premissa de que o jornalismo pode ser considerado um lugar de certas memórias. Quando na concepção do autor ele nos explica que lugares de memória têm necessariamente três sentidos: o material, o funcional e simbólico, ambos em graus diferentes.

O jornalismo engloba esses três sentidos, pois ele se torna um material, podendo ser físico, audiovisual, ou apenas audível, funcional sendo útil, pois as pessoas se informam por meio dele e, no período pandêmico, podemos perceber o quão útil foi jornalismo para encorajar as pessoas a tomar medidas protetivas e se vacinar contra o vírus da

covid-19, e, por fim, simbólico, uma vez que o jornalismo é símbolo de credibilidade e de verdade. Um exemplo é que em algumas cidades as pessoas só acreditam em algo quando é noticiado em um jornal televisivo ou em algum jornal em rádio.

Partindo para o princípio da memória, Halbwachs (1990) entende que a memória individual, que seria a memória do sujeito, é apoiada em uma memória coletiva. Para ele, com o objetivo de completar alguma lacuna que falta em nossa memória ou apenas para fortalecer o que sabemos de um evento específico que vivemos, nos apropriamos de memórias de terceiros para embasar e ratificar a nossa memória individual.

O autor nos explica que buscamos testemunhos de terceiros para fortalecer nossa memória ou enfraquecê-la, mas também para completar o que já sabemos de um evento, de alguma forma, embora muitas circunstâncias permaneçam obscuras (HALBWACHS 1990).

Diante disso podemos considerar que o jornalismo faz esse papel, hoje, de certo modo, ao mapear os dados, por exemplo dos casos de covid-19 do município, informando a população sobre a situação enfrentada e quando aponta as medidas que estão sendo adotadas pelos órgãos de vigilância em saúde e orienta sobre o que pode e o que não pode se fazer em relação à transmissão do vírus. A partir dessa cobertura feita, o jornalismo se torna um construtor e fortalecedor de memória sobre a pandemia.

Eu lembro que de repente o mundo parou: a pandemia da covid-19 e o trabalho jornalístico

A pandemia da covid-19 chegou e com ela o retrato desesperador da saúde pública, principalmente, no Brasil, foi deixada em evidência, com a escassez de recursos, leitos e até profissionais da saúde. Além disso, outro ponto que foi muito importante nesse período foi a atuação jornalística.

No meio de uma avalanche de informações, o coronavírus incitou o jornalismo a assumir outra responsabilidade: daquele que dá visibilidade a acontecimentos ele passou a ser checador de incertezas, pois ao longo da pandemia surgiram tantas *fake news* que virou regra colocar a frase “não há comprovação científica” para que as pessoas não tomassem as informações falsas como verdade absoluta, colocando sua vida em risco, por exemplo consumindo medicamentos não indicados pelo Ministério da Saúde ao serem diagnosticadas com covid-19.

E foi por adotar essa postura de preocupação em não deixar nenhum fato vir à tona sem ser checado que o jornalismo de qualidade acabou recebendo apoio e elogios da opinião pública, recuperando a credibilidade que tinha sido colocada em dúvida nos últimos anos.

Segundo Coutinho (2004, p. 15), essa confiabilidade ou credibilidade vem resguardando os meios jornalísticos, pois a grande maioria da população considera que os jornais descrevem o que de fato está acontecendo e isso faz com que seja atribuído ao seu conteúdo um *status* de verdadeiro. Essa percepção da sociedade sobre a credibilidade do jornalismo é uma questão essencial para a vida em sociedade, pois o ato de informar também pode ser entendido como ato de resistência, como ocorreu durante o Estado Novo de Vargas, quando protestos e informações eram disponibilizados de maneira sutil e disfarçada.

Então, o fato de resistir e noticiar dando ao povo conhecimento atribuiu ao jornalismo uma posição de confiança, pois mesmo quando impossibilitado, cumpriu sua missão social e transmitiu seu relato. E, apesar de não haver uma definição exata no campo filosófico para credibilidade, ela é entendida como um predicado epistêmico das fontes e de seus relatos, atrelando ao jornalismo a ideia de segurança e confiança para se informar (LISBOA, 2012).

O seu conceito está profundamente associado ao de confiança, e seu significado mais usual é o de confiabilidade. Entendemos então que a credibilidade está atrelada à confiança e é essa confiança que o

jornalismo transmite à sociedade que muitos governos pretenderam abalar ou utilizar para dar visibilidade às suas ações.

A pandemia da covid-19 promoveu uma comoção mundial com a perda de milhares de pessoas ao redor do mundo e coube ao jornalismo dar essa notícia. Além de informar, ele também educou e carregou consigo a responsabilidade de instaurar o sentimento de cobrança social, fazendo com que a coletividade se preocupasse em tomar as medidas básicas determinadas pelos órgãos de saúde pública e que cobrasse quando essas medidas não estivessem sendo obedecidas.

A pandemia só reforça que o jornalismo de qualidade não acabou e pode sim salvar muitas vidas. Um exemplo desse papel social é que enquanto a maior parte das pessoas precisou se manter em casa para ficar segura do coronavírus, os jornalistas, assim como os demais profissionais de serviços essenciais, foram às ruas para manter a sociedade informada sobre a pandemia.

E não basta haver o jornalismo, mas sim o bom jornalismo, aquele que segundo Kovach e Rosenstiel (2003) carrega consigo também a responsabilidade social, tendo como princípio a verdade, não mascarando e sim expondo, mesmo que seja atacado por isso. Isto foi o que o jornalismo fez durante a pandemia. O jornalismo atuou fazendo notas, desmistificando falas de alguns representantes da saúde e até do próprio presidente da república. Quando os jornalistas deixam de seguir esses preceitos na sua atuação, os autores afirmam que eles abandonam o jornalismo.

Sem o jornalismo nesse período as *fakes news*, que foram incansavelmente combatidas, teriam sido colocadas à mesa e muitas pessoas poderiam ter morrido, automedicando-se com substâncias sem comprovação científica alguma ou não tomando a vacina que, muitas vezes, têm sua eficácia colocada em xeque. É o jornalismo que dá voz à ciência e que traz profissionais especializados na área que indicam como adotar as melhores medidas de cuidado.

Exemplificando essa fala, o portal de notícias jornalísticas CNN trouxe em matéria a fala de diversos especialistas alertando que o uso de hidroxicloroquina, medicamento indicado pelo presidente Bolsonaro em uma transmissão através de suas redes sociais no dia 10 de dezembro de 2020, quando o mesmo disse “Tem que se evitar o entubamento da pessoa. E como se evita? Numa primeira fase, é a tal da hidroxicloroquina, invermictina, annita, vitamina D, entre outras coisas”. Hoje, sabemos que o medicamento não possui eficácia contra a doença e que, ao contrário do que o presidente pregou, pode até causar efeitos adversos.

Durante a pandemia, o jornalismo se colocou em risco e se readaptou a uma realidade que jamais foi vivida. De casa, jornalistas faziam *lives* e matérias jornalísticas que informavam a população. Como foi o exemplo da jornalista Michelle Loreto, a qual utilizou sua rede social *Instagram* para fazer *lives* com especialistas, a fim de tirar as principais dúvidas sobre a doença e tudo envolvendo a mesma, como o uso da vacina, os protocolos de saúde, etc.

Alguns jornalistas, infelizmente, contraíram o vírus ao deixarem seus lares para levar informação à casa de cada cidadão, como foi o caso do jornalista Marcelo Magno, apresentador da TV Clube em Teresina-PI, sobre o qual existe a suspeita de que o apresentador se contaminou ao voltar de gravação do programa jornalístico *Jornal Nacional*.

O jornalismo nessa pandemia se viu obrigado a trocar de pele⁸ para informar e proteger, colocando-se em risco em algumas situações. De acordo com uma pesquisa da *Press Emblem Campaign* (PEC) divulgada pela Federação Nacional dos Jornalistas (FENAJ), o Brasil é o país com maior número de jornalistas mortos por covid-19, comprovando que informar durante esse período trouxe risco de vida para a classe jornalística.

⁸ A troca de pele é comum entre animais como cobras e lagartos, ocorre para que esses animais se adaptem aos estímulos de um ambiente, assim como o jornalismo teve que se adequar à nova situação reproduzindo notícias de novas maneiras com a pandemia do novo coronavírus.

Outra pesquisa, desta vez divulgada pela organização Repórteres Sem Fronteiras, mostrou que o Brasil caiu quatro posições no ranking mundial da Liberdade de Imprensa, o que nos faz refletir sobre a razão dessa queda e apontar como uma possibilidade os diversos ataques do governo à classe de jornalistas. Em virtude dessas pesquisas percebemos que mesmo o jornalismo no Brasil tendo importância vital, ele ainda é desvalorizado, silenciado e ainda pode ser uma profissão arriscada para aqueles que trilham esse caminho.

No dia 11 de março de 2020, a Organização Mundial de Saúde (OMS) declarou pandemia, pois a doença se espalhou rapidamente por vários continentes do mundo e o vírus, posteriormente, recebeu o nome de covid-19. Com base nisso, delimitamos como nosso período de análise de notícias focadas na chegada das primeiras doses da vacina em Picos, a primeira semana, para ser mais exata, do dia 19 ao dia 26 de janeiro de 2021.

Com o intuito de entender quais memórias foram construídas a partir dos conteúdos noticiados, utilizamos a ferramenta de busca dentro dos portais RiachãoNet e Boletim do Sertão e como palavras-chave a serem colocadas no mecanismo de busca: “Coronavírus”, “Doses” e “Vacina”.

Entre 19 e 26 de janeiro de 2021, o portal RiachãoNet publicou 02 matérias sobre a vacinação contra a covid-19. Em paralelo a ele, o portal Boletim do Sertão publicou 02 notícias acerca da temática. Por meio do Gráfico 1, de acordo com a categoria de cada postagem, discutimos a autoria dos textos, verificando se as matérias jornalísticas eram de autoria própria ou apenas a reprodução de outros veículos jornalísticos ou assessorias.

Análise de dados

Na jornada metodológica, os procedimentos foram respaldados nas pesquisas bibliográfica e documental e a técnica de investigação dos

dados utilizada foi a análise de conteúdo, categorizando matérias de dois portais locais: RiachãoNet e Boletim do Sertão. Até aqui, utilizamos a revisão bibliográfica para embasar a pesquisa. Tal tipo de pesquisa, de acordo com Fonseca (2002), é realizada:

[...] a partir do levantamento de referências teóricas já analisadas, e publicadas por meios escritos e eletrônicos, como livros, artigos científicos, páginas de web sites. Qualquer trabalho científico inicia-se com uma pesquisa bibliográfica, que permite ao pesquisador conhecer o que já se estudou sobre o assunto. Existem, porém, pesquisas científicas que se baseiam unicamente na pesquisa bibliográfica, procurando referências teóricas publicadas com o objetivo de recolher informações ou conhecimentos prévios sobre o problema a respeito do qual se procura a resposta (FONSECA, 2002, p. 32).

Em virtude disso, recorreremos a pesquisas já estruturadas para obtermos respostas às nossas indagações sobre o objeto de estudo.

Para Cellard (2008), o uso de documentos em pesquisa consiste em adicionar a dimensão do tempo à compreensão do social. Com isso, viabilizamos pesquisas que envolvem o processo de amadurecimento ou da evolução de indivíduos, estabelecemos novos conceitos e acessamos conhecimentos, comportamentos, práticas, entre outros. Para isso, nos debruçamos sobre as matérias jornalísticas, considerando-as documentos, pois nos permitem revisitar o cotidiano que está ali posto, segundo a ótica de quem escreveu, das fontes convocadas, da linha editorial e até mesmo do contexto em que aquilo foi escrito.

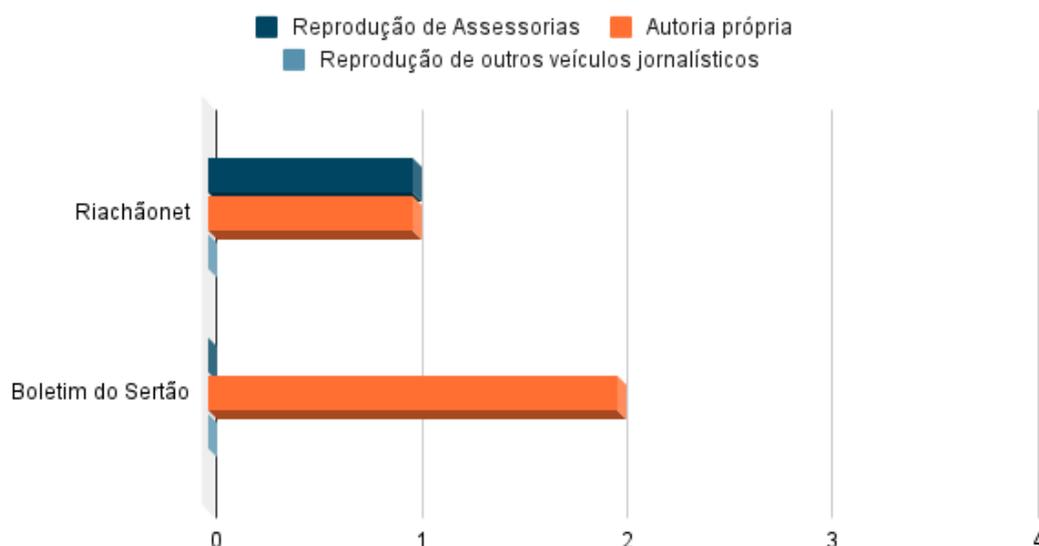
Ademais, Bardin (1977) define a análise de conteúdo como um agrupamento de métodos de investigação das comunicações, que se utiliza de metodologias sistemáticas e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens. Usufruímos desse método para inspecionar cada matéria dos dois veículos citados minuciosamente, como também seu efeito sobre a memória construída sobre a primeira semana de vacinação. Para tanto utilizamos como técnica de análise a análise de conteúdo categorial e nossas categorias foram: autoria das matérias jornalísticas, fontes das matérias jornalísticas.

Na procura pelas matérias publicadas pelos portais estudados, buscamos perceber se as matérias jornalísticas publicadas nos sites sobre as primeiras doses de vacinas contra a covid-19 eram de autoria própria ou apenas a reprodução de outros veículos jornalísticos ou assessorias. Foram encontradas 4 publicações, no período de 19 a 26 de janeiro de 2021, escolhemos esse período por se tratar da primeira semana de vacinação contra a covid-19 no município. A busca foi realizada por meio de palavras-chave dentro dos portais: “Vacina”, “Doses” e “Coronavírus”.

Entre 19 e 26 de janeiro de 2021, o portal RiachãoNet publicou 2 matérias sobre a vacinação contra a covid-19 em paralelo a ele, o portal Boletim do Sertão publicou 2 notícias acerca da temática. Por meio do Gráfico 1, de acordo com a categoria de cada postagem, discutimos a autoria dos textos, verificando se as matérias jornalísticas eram de autoria própria ou apenas a reprodução de outros veículos jornalísticos ou assessorias.

Gráfico 1 — Autoria de matérias

Autoria de matérias



Fonte: Elaborada pelos autores para o estudo

No portal RiachãoNet apenas 2 matérias foram publicadas, uma delas foi de autoria própria, enquanto a outra foi uma reprodução de assessoria de imprensa. Em paralelo a isso, o Boletim do Sertão publicou também o mesmo número de matérias, mas diferente do outro portal as duas foram de autoria própria. Refletindo sobre esses dados podemos nos perguntar o porquê de um número tão baixo de publicações em um período de suma importância para a população picoense, que foi a vacinação contra a covid-19, uma vez que se tratava da forma mais eficaz de proteção contra esta doença que afetou política, economia, educação e destruiu algumas famílias.

Embora não seja nossa intenção nos debruçarmos sobre o organograma destas organizações, acreditamos que a pouca quantidade de profissionais que estas redações dispõem é um fator que tensiona a baixa quantidade de matérias e fez com que houvesse pouca repercussão/notoriedade e, conseqüentemente, ocupasse pouco espaço na memória digital destes veículos. Talvez essa ausência de matérias reflita a realidade picoense vivida no cotidiano, onde para acompanhar notícias sobre a cidade muitas vezes a população busca contas de *Instagram*, locais que divulgam informações sobre a cidade, na tentativa de se informar de alguma maneira.

Outra questão sobre a qual esta pouca quantidade de matérias jornalísticas incide é a forma com que a memória coletiva da população foi construída, já que não houve tantas matérias contendo informações sobre a covid-19 direcionadas à cidade de Picos, no referido período, e entre as poucas que encontramos está a reprodução de matéria feita por assessoria de imprensa, como é o caso da matéria do RiachãoNet.

O efeito disso é construir a memória a partir de uma visão que muitas vezes não condiz com a realidade ou está pautada apenas em uma memória organizacional, pois bem sabemos que a assessoria ainda tem como seu maior objetivo proteger a imagem de seu assessorado produzindo matérias benéficas para sua imagem (RIBEIRO, 2015).

Nos textos de assessorias de imprensa replicados, o que fica na memória do povo picoense é a fonte oficial, são as palavras de pessoas em cargos municipais e não dos cidadãos que residem no município. Isso incide na sensação de pertencimento, que deve ser estimulada pelo jornalismo local.

De acordo com o *manual do Foca*, este é um recurso que tende a trazer o caráter de proximidade para a matéria jornalística, as pessoas gostam de se ver no conteúdo jornalístico, sentir que aquele tema está correlacionado com sua realidade. Além disso, acreditamos que se as matérias fossem produzidas pelos portais locais, os próprios cidadãos poderiam ser ouvidos, colocando seus anseios pela vacinação, suas dúvidas e adicionando uma nova ótica para essas matérias.

O grande problema da ausência de matérias sobre a temática é a importância que a mesma possui e que por mais que possa haver motivos para os jornalistas responsáveis não publicarem acerca das doses em si, poderiam ter escrito matérias de assuntos relacionados, como explicar a importância da vacinação, como as vacinas agem no organismo humano, quais os requisitos a cumprir para a vacinação, etc, e nenhum desses assuntos foi retratado nessa primeira semana.

Percebemos que estes temas que levariam o jornalismo a, de fato, cumprir sua responsabilidade social foram esquecidos por esses veículos, pois de acordo com o francês, Paul Ricouer (1995) a memória é pragmática, ou seja, ela deve ser exercida. Assim, os portais não devem apenas lembrar de suas responsabilidades sociais, mas fazer alguma coisa em relação às mesmas.

Partindo para a análise das matérias autorais do Boletim do Sertão podemos fazer uma reflexão parecida com a que fizemos dos textos que eram reprodução de assessoria, já que uma das matérias ouve apenas o diretor do hospital regional da cidade, Tércio Luz, e o próprio portal reconhece que algumas informações que circulam sobre a ocupação de leitos é falsa, quando o autor da matéria diz “Contudo, os leitos do

hospital para o tratamento da Síndrome Respiratória não estão todos ocupados, como se divulgou pelas redes sociais” (Boletim do Sertão, 2021).

Então, podemos citar essa fala como exemplo de como os picoenses carecem de informações sobre a saúde local. Seria interessante para o autor da matéria ter se aprofundado nessa questão e que além dessa única fonte o mesmo tivesse procurado a população para falar sobre como está sendo a pandemia, para que eles e os próprios picoenses tivessem a oportunidade de ter voz e falar da sua realidade. Com isso teríamos o ensejo de ter mais vozes contribuindo com o que Halbwachs (1990) chamou de memória coletiva. Outro ponto a ser mencionado é que ambos os portais possuem uma atuação semelhante e isso faz com que eles construam memórias de modo semelhante.

Podemos perceber a seguir que as matérias de ambos trazem a primeira enfermeira vacinada e com a fala da mesma trazem imagens registrando o momento. Seria esse tipo de matéria, com pluralidade de vozes, que a população deveria ter sempre à disposição. Pessoas comuns, com falas reais, expondo seus sentimentos sobre os acontecidos, promovendo além de identificação uma memória afetiva a lembrança precisa de um vínculo afetivo, o qual se dá mediante um convívio social que as pessoas criam umas com as outras ou grupos sociais (HALBWACHS, 1990). Então, se eu vejo alguém que conheço, ou uma pessoa da minha cidade em uma matéria, será mais fácil minha memória ser acionada a partir desse vínculo.

Precisamos entender os motivos para que não haja esse tipo de matéria, a falta de estrutura dos portais, por exemplo, pode ser um motivo já que podemos perceber que apenas um jornalista aparece como autor das matérias do Boletim do Sertão. Consideramos que pode não haver uma equipe que consiga abranger todo o conteúdo da cidade, assim gerando um número baixo de publicações e, conseqüentemente, memórias mais restritas sobre o período.

Outro motivo pode ser que os portais se voltaram para outra temática nesse período, pois mesmo não conseguindo apresentar

informações sobre a chegada das doses ou da própria vacinação em si, poderiam ter trabalhado essa temática ao longo da semana de outro modo, mas, ao invés disso, não há mais publicações na área da saúde nesse período, talvez se voltaram para os impactos da pandemia e não da vacinação em si, por considerarem a temática menos urgente no momento.

No que se refere às fontes utilizadas nas matérias produzidas pelos portais RiachãoNet e Boletim do Sertão, buscamos entender quais foram as fontes convocadas para compor o imaginário simbólico coletivo da vacinação contra a covid-19, em Picos. Desse modo, listamos, por meio do Quadro 1, as matérias e as fontes utilizadas para falar sobre o assunto e, conseqüentemente, fazer parte das memórias sobre o período.

Quadro 1 — Fontes utilizadas nas matérias

Portal estudado	Data	Título da matéria	Fonte escolhida
Boletim do Sertão	20/01/21	Diretor do Hospital Regional informa que Picos já vive segunda onda do coronavírus e a transmissão é mais rápida.	Diretor técnico do Hospital Regional Justino Luz de Picos (HRJL), o médico Tércio Luz.
RiachãoNet	21/01/21	Picos inicia vacinação contra Covid-19.	Sery Neely, primeira enfermeira a ser vacinada.
Boletim do Sertão	21/01/21	Secretaria de Saúde de Picos vacina primeiras pessoas contra o coronavírus.	Sery Neely, primeira enfermeira a ser vacinada.
RiachãoNet	26/01/21	Governo do Piauí lança	Secretário de Saúde do

		vacinômetro para acompanhar a vacinação no Estado.	Estado do Piauí Florentino Neto.
--	--	--	----------------------------------

Fonte: autoria própria

Nos primeiros dois dias de estudo, percebemos que nenhum dos portais publicou matérias com a temática vacinação, nem sobre a chegada de doses das vacinas. Isso já é algo que precisamos problematizar, pois como já citamos, poderiam ter escrito matérias que trabalhassem a temática mesmo não sendo sobre a chegada de doses em si. As matérias publicadas no dia 21 de janeiro de 2021, nos *sites* RiachaoNet e Boletim do Sertão voltaram-se para a mesma temática: a vacinação da primeira enfermeira na cidade de Picos e como fonte utilizam a mesma, Seery Neely.

Portanto, podemos perceber que houve a preocupação em ouvir a própria vacinada e não apenas uma figura de autoridade da saúde ou a própria secretária municipal. Analisando as duas matérias percebemos que os portais trataram o acontecimento, em alguns pontos da narrativa, de forma diferente. O Boletim do Sertão citou o motorista de ambulância do Hospital Regional Justino Luz (HRJL), como um dos primeiros vacinados, e não trouxe sua fala como fez com a da enfermeira. Seria interessante para o leitor da matéria que o motorista citado tivesse alguma fala já que a sua imagem e seu nome foram vinculados à mesma.

Como diz Le Goff (1990), as sociedades de memória oral transformam-se por meio da comemoração, por meio de um monumento comemorativo ou um acontecimento memorável. Podemos considerar a fala da primeira enfermeira vacinada, Seery Neely, como uma memória oral que foi transcrita e, posteriormente, podemos considerá-la como uma senhora de memória, como já dizia Le Goff (2003), já que a mesma transformou uma memória oral em uma memória escrita através do jornalismo e essa fala foi transmitida à população.

O portal RiachãoNet em sua segunda matéria apresentou como fonte escolhida para dar esta notoriedade o secretário de Saúde do Estado do Piauí, Florentino Neto. A publicação acabou omitindo as vozes locais, suas vivências e memórias sobre o período. Trazer uma reprodução de assessoria pode até ser visto como algo que mostra apenas uma visão unilateral, institucionalizada e que pode estar distante das demandas locais.

De acordo com Palacios (2010), os arquivos para o acionamento da memória fazem-se não somente acessíveis e fáceis de se pesquisar, mas tornam-se múltiplos. Com isso podemos enxergar esse caráter múltiplo durante o mapeamento das notícias, já que tanto o portal RiachãoNet quanto o Boletim do Sertão arquivaram suas matérias por ordem cronológica, mas possuíam poucas matérias publicadas acerca da temática, dificultando a pesquisa e o mapeamento, ademais, por ainda trazer reproduções de assessoria, não ouvindo vozes locais sobre o tema.

Considerações finais

Diante das discussões ora apresentadas, observamos que os portais atuaram de formas distintas, mas conversaram aspectos semelhantes entre si. Percebemos isso pela temática de matérias e as datas que as mesmas têm em comum. A sua distinção seria a maneira como apresentaram a informação, já que nessas matérias que citamos acima o Boletim do Sertão cita, além da enfermeira, um motorista de ambulância, também vacinado.

Entendemos que a construção da memória coletiva da população picoense em relação às primeiras doses de vacina foi construída de forma bastante lacunar, se considerarmos a responsabilidade social do jornalismo envolvendo o tema. Além disso, a memória foi construída também baseada em uma visão organizacional, já que constatamos que um dos portais teve como autor de uma matéria a reprodução de assessoria. Com isso, a população teve somente acesso a uma parte da

memória do período, pois não foram ouvidas, neste caso, fontes locais sobre o assunto.

Devemos ressaltar também que, na maioria das matérias as fontes usadas não foram a população ou os próprios vacinados, como foi o caso do motorista que não foi ouvido, mas uma figura de autoridade na área da saúde, que é o caso do diretor do Hospital Regional de Picos, Tércio Luz, e do secretário estadual de saúde, Florentino Neto. Acreditamos que as publicações não deveriam omitir a fala de um cidadão local, ambas as vozes poderiam se complementar e as vozes locais em todas as matérias analisadas poderiam trazer um outro lado não explorado pelos portais.

Ademais, é questionável a pouca quantidade de matérias encontradas no período estudado, dada as circunstâncias do período de pandemia e do significado da vacinação para a população. A vacina foi e é a melhor alternativa na luta contra a covid-19 e o município muito sofreu em consequência da doença.

Mesmo que esse não fosse nosso objetivo, podemos tecer, através do texto, algumas alternativas para tentar justificar o baixo número de publicações, tais como o reduzido número de profissionais nas equipes. Ainda sim é importante salientar esse fato já que a ausência também possui um significado para nós pesquisadores.

Em suma, concluímos que não houve um aprofundamento do tema nos dois portais. Por serem portais locais, deveriam se posicionar produzindo um conteúdo contínuo e educativo para a população, já que matérias jornalísticas também educam e, através disso, ter construído uma memória que envolvesse os próprios cidadãos e não se utilizar de reproduções de assessorias como fontes. Deveria haver uma preocupação genuína com a informação local, uma vez que a vacinação contra a covid-19 é uma temática que impacta, diretamente, a saúde e a vida das pessoas que não são informadas acerca da vacinação, negando além do direito à informação o direito à vida.

Referências

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2011.

COUTINHO, Eduardo. **Gramsci**: a comunicação como política. In: COUTINHO, Eduardo; FREIRE FILHO, João; PAIVA, Raquel. *Mídia e poder: ideologia, discurso e subjetividade* (Orgs). Rio de Janeiro: Mauad X, 2008.

FERREIRA, Mayara Sousa. **Memórias da cultura**: estratégias e táticas de Revestrés na (re)construção das identidades piauienses. Tese (Mestrado em Comunicação) - Centro de Ciências da Educação da Universidade Federal do Piauí. Teresina, p. 209. 2016.

FONSECA, J. J. S. **Metodologia da pesquisa científica**. Fortaleza: UEC, 2002.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Vértice, 1990.

KOVACH, Bill e Rosenstiel, Tom. **Os Elementos do Jornalismo** – O que os jornalistas devem saber e o público exigir. São Paulo, Geração, 2003.

LE GOFF, Jacques. **História e memória**. 5.ed. Campinas: UNICAMP, 2003.

NORA, Pierre et al. **Entre memória e história**: a problemática dos lugares. Projeto História: Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados de História, v. 10, 1993.

PALACIOS, Marcos. **Convergência e memória**: jornalismo, contexto e história. Matrizes Ano 4 –Nº 1 jul./dez. 2010 -São Paulo -Brasil. p. 37-50.

POLLAK, Michael. **Memória e identidade social**. Revista de estudos históricos, v. 5, n. 10, p. 200-215, 1992.

RIBEIRO, Vasco et al. **A assessoria de imprensa e as redes sociais**: Estudo de caso sobre as mudanças no relacionamento fonte-jornalista e o processo de produção do press release. Comunicação Pública, v. 10, n. 19, 2015.

RICOEUR, Paul. **A memória, a história e o esquecimento**. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2007, p. 71.

O JORNALISMO DIGITAL E A CONSTRUÇÃO DE MEMÓRIAS: a primeira semana de pandemia da covid-19, no Piauí

Vinícius da Silva Coutinho
Thamyres Sousa de Oliveira

Introdução

A pandemia da covid-19 chegou e escancarou o despreparo em relação à saúde pública, principalmente no Brasil, com a escassez de investimentos na área. Além disso, outro ponto muito notório atrelado à pandemia foi a atuação jornalística nesse período. Foi por meio do jornalismo, diariamente, que a população pôde acompanhar os relatos da disseminação do coronavírus pelos continentes, fazendo inúmeras vítimas.

O desempenho do jornalismo precisou ser ainda mais intenso e árduo, já que a sua atuação teve que atingir outros patamares que não eram, de certo modo, seus. Como, por exemplo, os dados diários sobre o coronavírus em todo o país tendo como fonte oficial o Consórcio de Veículos de Imprensa. O Consórcio foi criado, de forma inédita, para a organização e a divulgação do panorama do país em relação à pandemia, tendo em vista que o Ministério da Saúde - órgão que deveria ser o responsável pela situação descrita acima - não vinha desempenhando sua função como deveria.

Diante disso, essa pesquisa se justifica pela preocupação dos autores em entender como o jornalismo atuou na construção de memórias sobre os conteúdos que noticiou, especialmente, em momentos de crise na saúde mundial. Como piauienses, nós autores, escolhemos um dos principais *sites* de notícias do estado, a fim de compreender como se deu essa cobertura jornalística no início da pandemia da covid-19 e apontar as possíveis memórias que foram construídas através das notícias do jornalismo piauiense.

Desse modo, o objetivo geral desta pesquisa é analisar como o portal CidadeVerde.com atuou na construção de memórias na primeira semana de pandemia da covid-19, no Piauí. Como objetivos específicos pretendemos: a) apresentar um breve relato de como outras pandemias tiveram suas memórias construídas pelo jornalismo brasileiro, b) refletir sobre o jornalismo digital como possível potencializador da memória, c) mapear a quantidade de matérias jornalísticas que o portal CidadeVerde.com divulgou sobre a pandemia do coronavírus, no Piauí, do dia 12 ao dia 19 de março de 2020, d) identificar que fontes foram utilizadas pelas matérias jornalísticas sobre a covid-19 e, de certo modo, ajudaram a compor o imaginário simbólico coletivo, e) que recursos o portal se utilizou para construir as notícias e também uma memória da pandemia no estado (fotos, vídeos, textos) e f) apontar possíveis questões que foram omitidas ou silenciadas pelo referido veículo jornalístico.

Para tanto, a nossa metodologia foi pautada em pesquisa bibliográfica, quando revisitamos os autores que tratam sobre memória para embasar o estudo, e em pesquisa documental, quando buscamos na hemeroteca da Biblioteca Nacional as notícias que circularam em tempos de pandemia anteriores e também quando mapeamos as notícias da primeira semana de pandemia da covid-19, no Piauí.

Como técnica de análise, utilizamos a análise de conteúdo com abordagem quanti-qualitativa (mapeamento de notícias) e também com abordagem categorial, pois, pela grande quantidade de notícias encontradas na busca, delimitamos algumas categorias para a análise destas notícias, como por exemplo, as fontes e os recursos utilizados pelo portal na construção das matérias e os possíveis silenciamentos e omissões nas pautas.

Diante disso, a pesquisa inicia com um breve histórico das pandemias pré-existentes e um pouco de como foi a cobertura jornalística e as memórias construídas sobre a Gripe Espanhola, sempre relacionando com a pandemia da covid-19. Depois, refletimos sobre o jornalismo digital e as suas potencialidades acerca da memória e, ao final

do estudo, analisamos as notícias encontradas no mapeamento que compõe a cobertura jornalística do portal CidadeVerde.com na primeira semana de pandemia do coronavírus, no Piauí.

Memórias de outras pandemias

Com a chegada da pandemia da covid-19, o mundo, marcado pelas separações e diferenças, viu-se homogêneo e cercado por um vírus perigoso, altamente transmissível e que não fez escolhas de morada, pessoas, classes sociais, cor da pele, etc. O coronavírus (SARSCov-2) se alastrou rápido e foi fazendo vítimas em torno do globo. Não era a primeira vez que o mundo passava por uma situação dessas, mas como se proteger? O que aprendemos com o passado? Geralmente, quando estamos diante de algo desconhecido, uma das primeiras sensações é o medo. Medo de se contaminar e contrair o vírus, de morrer. Mas o que fazer em uma situação pandêmica? O que temos de relatos dos outros momentos parecidos que já foram vividos? Quais são os elementos que ficaram presentes na memória coletiva sobre outras epidemias e pandemias?

Assim que o vírus começou a se disseminar e fazer vítimas, as orientações foram para que a população usasse máscara, saísse de casa somente quando fosse indispensável e o cuidado deveria ser redobrado em relação aos idosos. Daí buscamos entender como se deu esse processo de medidas em outros momentos em que a saúde mundial esteve em crise e, para isso, fomos pesquisar algumas informações/documentos no *site* da Biblioteca Nacional (BN), constituindo-se como o primeiro lugar de memória deste estudo. Lugares estes que são, para Nora (1993), salvos de uma memória na qual não mais habitamos, ou seja, evocamos, relembramos e recordamos algo que já se passou, a partir desses lugares de memória.

Em nossas buscas, descobrimos que um pouquinho mais de 100 anos antes da pandemia da covid-19, o mundo foi atingido pela Gripe

Espanhola. De acordo com a BN, as máscaras cirúrgicas e o álcool em gel ainda não existiam na época e a população tinha que “confiar no poderoso ‘Contratosse’, xarope anunciado em jornais e revistas já ao fim daquele ano” (BIBLIOTECA NACIONAL, 2020)⁹.

Desse modo, observamos algumas diferenças entre momentos anteriores e destacamos também que essas informações já nos fazem perceber como esse material produzido e noticiado durante a pandemia foi importante lá, mas também agora para que entendamos como aconteceu.

O *site* Sanar Med¹⁰ fez um levantamento sobre momentos em que o mundo passou por esses desafios humanitários de saúde. Segundo o *site*, a Peste de Justiniano, aconteceu por volta de 541 d.C. e se iniciou no Egito. A Peste Bubônica, como é mais conhecida, era transmitida através de pulgas em ratos contaminados. Já em 1343, a peste bubônica foi mais uma vez a causa de uma pandemia que assolou os continentes asiático e europeu, desta vez, denominada de Peste Negra. Centenas de anos depois, em 1580, o mundo começou a ser assombrado pela Gripe, que foi se alastrando pelos continentes. Apenas em 1889 foi possível descrever com detalhes esta doença e uma de suas versões foi documentada como a Gripe Russa.

Pouco depois, em 1918, a gripe teve mais uma variação e assombrou o mundo. Desta vez, sendo catalogada como Gripe Espanhola - tendo outros surtos em 1957 e 1968. Mais uma variação severa da gripe durante a história foi a denominada Gripe Suína, que teve seus ápices de contaminação nos anos 1970 e ressurgiu bem mais recentemente em 2009, percorrendo os continentes e fazendo vítimas fatais.

Depois deste breve histórico de alguns momentos de crise na saúde vividos pelo mundo, questionamo-nos sobre quais as diferenças na forma

⁹ Não havia álcool em gel nem máscaras cirúrgicas (Biblioteca Nacional). Disponível em: <https://www.bn.gov.br/acontece/noticias/2020/03/1918-nao-havia-alcool-gel-nem-mascaras-cirurgicas>, acesso em 28/05/2021, às 10:46.

¹⁰ Outras pandemias (Sanar Med). Disponível em: <https://www.sanarmed.com/pandemias-na-historia-comparando-com-a-covid-19>, acesso em 28/05/2021, às 11:04.

de lidar com cada pandemia, o que mudou de uma para outra em relação aos cuidados e à prevenção, e também como essas informações foram repassadas para as gerações seguintes, até chegarmos em 2020 e sermos atingidos mais uma vez, nessa ocasião, pela covid-19. Acreditamos que, dessa vez, com mais conhecimento tecnológico/científico sobre como lidar com essa situação pandêmica.

Logo no início da pandemia da covid-19, os órgãos responsáveis pela saúde orientaram a população sobre quais medidas deveriam ser tomadas. Essas medidas vão ao encontro das atuações do médico Oswaldo Cruz e os demais profissionais da Fiocruz, no enfrentamento de outras epidemias. Ao utilizar de métodos como isolamento dos doentes, notificação dos casos, desinfecção de áreas de foco, campanhas de saneamento, a incidência da peste bubônica, por exemplo, diminuiu. (BIBLIOTECA NACIONAL, 2020)¹¹

Essas medidas e comportamentos adotados na época refletem sobre a atuação recente para combater o coronavírus. Alguns cuidados são os mesmos adotados anteriormente, mas não é só isso que se repete. Revisitando a memória sobre o período da Gripe Espanhola (GE), observamos que a insuficiência do sistema de saúde brasileiro não é de hoje, como vimos em todos os cantos do país com os hospitais superlotados e muitas pessoas morrendo à espera de um leito, durante a pandemia da covid-19.

O trecho da Biblioteca Nacional (2020), “superlotada, sem leitos suficientes, sem remédios, sem alimentação e desprovida de condições de higiene, foi alvo de diversas denúncias na imprensa, sendo chamada até mesmo pela alcunha de Casa do Diabo”¹² descreve a situação dos hospitais na época da GE e como a imprensa tratava a Santa Casa da Misericórdia (RJ).

¹¹ Métodos utilizados anteriormente (Biblioteca Nacional). Disponível: <https://www.bn.gov.br/acontece/noticias/2020/05/120-anos-fiocruz-combate-epidemias>, acesso em 28/05/2021, às 16:19.

¹² Situação dos hospitais na GE (Biblioteca Nacional). Disponível em: <https://www.bn.gov.br/acontece/noticias/2020/04/gripe-espanhola-cha-meia-noite-casa-diabo>, acesso em 28/05/2021, às 16:54.

Mais de 100 anos se passaram e o que parece é que os elementos que ficaram presos à memória coletiva sobre a GE não foram suficientes para que se investisse o necessário na saúde. A pandemia da covid-19 chegou e protagonizou momentos muito semelhantes aos descritos acima. Por muitos dias, meses e mais de um ano, o que se viu nos destaques do noticiário foram os hospitais atingindo suas capacidades máximas, sem leitos clínicos disponíveis, além de faltar medicamentos e oxigênio¹³.

Percebemos que o jornalismo na pandemia de covid-19, como foi também na gripe espanhola, continuou sendo, embora não fosse sua principal função, um lugar de memórias da pandemia, pois, conforme Rêgo (2012), o jornalismo possibilita que visitemos acontecimentos vivenciados por uma coletividade e é um lugar que noticia fatos já ocorridos com marcas temporais do presente.

Com o intuito de aprofundarmos ainda mais o nosso estudo sobre momentos de crise em saúde anteriores e a cobertura jornalística, debruçamo-nos sobre jornais da época da GE, a fim de entender como se deu a produção noticiosa e a construção de memórias nesse contexto. Para isso, localizamos e analisamos edições do jornal *Correio Paulistano*, que circulava em 1918, mais precisamente de 22 setembro a 22 de outubro daquele ano. Encontrar vestígios de memória da pandemia da GE foi possível devido ao acervo da Hemeroteca da Biblioteca Nacional, como já citado anteriormente, um lugar de memória.

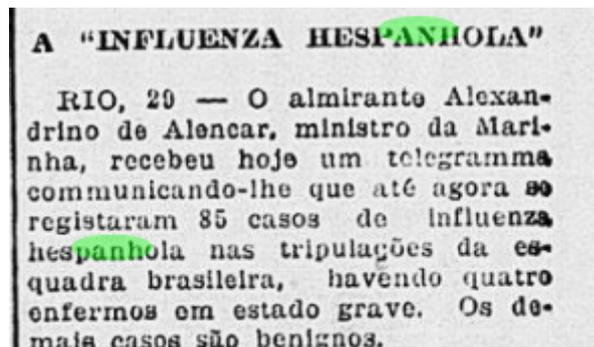
Nora (1993, p. 12) afirma que “lugares de memória são, antes de tudo, restos” e explica que esses lugares funcionam como uma espécie de depósito dos vestígios do que já foi memória um dia. Já sobre o jornalismo como lugar de memória, Palacios (2010) acredita que o jornalismo que foi escrito anteriormente é uma fonte, uma espécie de arquivo do passado, como também uma possibilidade de adquirir

¹³ Matéria do portal G1.com descreve essa situação. Disponível em: <https://g1.globo.com/bemestar/coronavirus/noticia/2021/03/20/mortes-na-fila-por-um-leito-de-uti-falta-de-insumos-e-funerarias-sem-ferias-os-sinais-do-colapso-na-saude-brasileira.ghtml>, acesso em 02/06/2021, às 11:18.

conhecimentos através do que está registrado sobre outros tempos. Desse modo, conheceremos agora um pouquinho do que foi noticiado no período da Gripe Espanhola.

No dia 30 de setembro de 1918, o jornal *Correio Paulistano* noticiava os casos da doença nas tripulações brasileiras da guerra¹⁴. Podemos perceber que, na época, o jornalismo abordava dividindo os casos em “graves” e “benignos”. Isso também foi observado nos demais jornais em estudo. Agora, na pandemia da covid-19, as distinções foram: pacientes sintomáticos (leves, moderados ou graves) e assintomáticos (não tem sintomas, mas transmite a doença).

Figura 1 — Gripe Espanhola em Brasileiros (Segunda-feira, 30 de setembro de 1918)

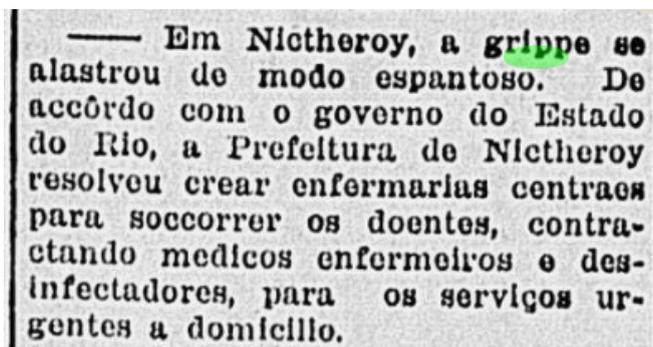


Fonte: Biblioteca Nacional

Pouco antes, nos dias 23 e 24 de setembro de 1919, o *Correio Paulistano* já havia alertado e noticiado sobre casos da “Influenza Hespanhola” nas tripulações brasileiras - conforme Figura 1. No período analisado, observamos que o *Correio Paulistano* também divulgou as medidas de prevenção e profilaxia que estavam sendo tomadas em todo o país, os primeiros casos de morte nas tripulações, entrevistas com médicos, mortes de profissionais da saúde que estavam cuidando dos doentes, homenagens aos mortos, medidas restritivas como o fechamento de escolas e museus, e o monitoramento nas fronteiras do país. Em Niterói-RJ, novas enfermarias tiveram que ser criadas para conseguir suportar a quantidade de doentes, como vemos na Figura 2.

¹⁴ A Gripe Espanhola teve seu ápice no contexto da Primeira Guerra Mundial.

Figura 2 — Novas enfermarias em Niterói-RJ (Sexta-feira, 18 de outubro de 1918)



— Em Nitheroy, a grippe se alastrou de modo espantoso. De accôrdo com o governo do Estado do Rio, a Prefeitura de Nitheroy resolveu crear enfermarias centraes para soccorrer os doentes, contractando medicos enfermeiros e desinfectadores, para os serviços urgentes a domicilio.

Fonte: Biblioteca Nacional

Esse trabalho de busca pelas notícias antigas para entender como se deu a cobertura noticiosa do período da GE, como também entender como aconteceu o espalhamento e os impactos da GE, tornou-se uma metalinguagem do pensamento de Rêgo (2014) que, como já mencionamos, entende o jornalismo como lugar de memória. Guiados por esta maneira de ver o jornalismo recorreremos ao *site* da BN, um lugar de memória no ciberespaço, para entender o contexto em que se deu a gripe espanhola e, também, embasados em nossas memórias individuais e coletivas, voltamos o olhar para publicações que tratassem da pandemia do coronavírus.

Este percurso pela memória de outras pandemias, de modo mais específico, a gripe espanhola, nos é interessante para que possamos compreender melhor o contexto. Tendo em vista que nosso observável de pesquisa (CidadeVerde.com) está no ciberespaço, buscamos também entender como o jornalismo digital tem sido um meio de construção de memórias.

O jornalismo digital e a construção de memórias

Embora saibamos que os caminhos para a democratização da comunicação ainda são longos e que o acesso à internet não acontece de

maneira igualitária no país, um estudo realizado pela *Luminante*¹⁵ aponta que 65% dos leitores de veículos jornalísticos digitais aumentaram o consumo de notícias. Se houve aumento no consumo de notícias, consideramos que o jornalismo digital também possui sua parcela de responsabilidade nas memórias que estão sendo construídas.

Em seu formato digital, o jornalismo se caracteriza, principalmente, pelo imediatismo e pela pluralidade. São diversas opções que o meio oferece e os veículos jornalísticos estão cada vez mais se adequando e utilizando-as. Os recursos disponíveis na internet possibilitam que as notícias sejam produzidas de forma diversificada e com mais dinamismo. Utilização de vídeos, galerias de fotos, gráficos, infográficos, tabelas, áudios, *links* e, assim, consegue-se congrega em um único meio os demais formatos jornalísticos.

Ferrari (2010, p. 79) já apontava que “o internauta é bombardeado 24 horas por dia e sete dias por semana com informação e dados”. Mais de uma década depois, vemos que isso se intensificou e já é algo naturalizado no cotidiano, que teve que se adequar ao ritmo acelerado e à exposição ao excesso de notícias. Assim, Barbosa (2013, p. 43) complementa essa discussão explicando que “os dispositivos móveis estão reconfigurando a produção, a publicação, a distribuição, a circulação, a recirculação, o consumo e a recepção de conteúdos jornalísticos em multiplataformas”.

O jornalismo tem um certo papel em relação à memória desde o momento em que noticia algo, haja vista que as pessoas que consomem aquela notícia constroem uma determinada memória coletiva sobre o acontecimento. Isso se intensifica ainda mais quando observamos um jornalismo digital que não se limita a páginas ou tempo, podendo ser feito a toda hora, de qualquer lugar (com internet), quase que em tempo

¹⁵ Consumo de notícias digitais no Brasil aumenta na pandemia. Disponível em: <https://www.meioemensagem.com.br/home/midia/2020/09/25/consumo-de-noticias-digitais-no-brasil-aumenta-na-pandemia.html>, acesso em 02/06/2021, às 22:43.

real. Por isso, a produção jornalística é mais intensa e, conseqüentemente, a construção de memórias também.

Ao analisar ferramentas de qualidade nos cibermeios, Palacios e Ribas (2011) também se voltam para a memória e a entendem como uma possibilidade de recuperação da informação que outrora foi produzida. Se os *sites* devem possuir a memória como uma ferramenta de qualidade, entendemos que os mecanismos de busca ali dispostos são também mecanismos que podem colaborar ou não - em casos em que não funcionam adequadamente - para que o usuário possa buscar informações já publicadas.

Nos utilizando do conceito de lugares de memória empregado por Nora (1993), compreendemos que as ferramentas de busca, quando pensadas na esfera do jornalismo digital, contribuem para fortalecer o jornalismo como um lugar de uma certa memória, pois é também através delas que temos acesso a memórias que estão sendo construídas pelo jornalismo digital. Assim, conseguimos acessar, por exemplo, as matérias publicadas no início da pandemia e fazer comparações com os dados atuais sobre a proliferação do vírus.

Ainda de acordo com Palacios e Ribas (2011), ao permitir a busca por palavras-chave, localização de matérias por períodos cronológicos, busca por editoriais e formatos (foto, vídeo, infográfico), uso de *tags* para busca e outros, o *site* jornalístico fortalece sua capacidade de operacionalizar a memória.

Consideramos estas características importantes não só para quem consome conteúdo do jornalismo digital, mas também para quem o tem como observável de pesquisa, nosso caso. Sabemos que a internet é um espaço potencializador para a produção de memórias e diante dessa quantidade de notícias que são produzidas a todo momento surgem alguns questionamentos. Como armazenar todo esse conteúdo? Os *sites/portais* estão preparados para que quando um internauta quiser buscar alguma notícia algum tempo depois dela ter sido publicada ele a encontre sem problemas?

Esses questionamentos surgiram durante essa pesquisa quando, ao realizarmos o mapeamento de notícias do período de início da pandemia da covid-19 no Piauí, o nosso objeto de estudo (portal CidadeVerde.com), apresentou falhas em sua ferramenta de busca pelas notícias anteriormente postadas. E, assim, tivemos que reduzir o período de análise, pois em determinado momento do mapeamento o *site* não tinha o suporte necessário para mostrar as notícias e simplesmente saía do ar, aparecendo a mensagem “*error 404*”.

Com base nessa nossa experiência, notamos que, atrelado ao jornalismo digital, podemos ter também uma memória, de certo modo, frágil já que essas notícias podem se perder com o tempo e ficar inacessíveis, dependendo do sistema de armazenamento adotado em cada veículo.

Dessa forma, os vestígios de memórias presentes na produção noticiosa podem se perder - como foi o caso de parte do nosso material de pesquisa -, sendo levados ao esquecimento mesmo com as condições oferecidas pelo jornalismo digital. Entender como o jornalismo digital tem construído memórias em meio à pandemia do coronavírus é estimular uma reflexão sobre a responsabilidade social do jornalismo.

Primeira semana de pandemia da covid-19: memórias do CidadeVerde.com, no Piauí

No dia 11 de março de 2020, a Organização Mundial de Saúde (OMS) declarou como uma pandemia a situação do mundo em relação à covid-19. A doença se espalhou ao mesmo tempo em vários continentes e, por isso, a crise sanitária recebeu o nome de pandemia. Com base nisso, delimitamos como nosso período de análise de notícias, a primeira semana após essa decisão da OMS, que foi do dia 12 ao dia 19 de março de 2020. Com o intuito de entender quais memórias foram construídas a partir dos conteúdos noticiados, utilizamos a ferramenta de busca dentro

do portal e como palavras-chave a serem colocadas no mecanismo de busca: “Coronavírus”, “Covid-19” e “Pandemia”.

Com o mapeamento, foram encontradas 270 notícias no CidadeVerde.com. Com esse número muito grande de notícias em apenas uma semana sobre um tema específico, nota-se, na prática, como Ferrari (2010) estava certa ao falar sobre o bombardeio e o excesso de notícias em rede pelo jornalismo digital.

Considerando este universo de notícias muito grande, resolvemos minerar nossa proposta e utilizamos a amostragem por conveniência para selecionar o recorte de notícias. Segundo Gil (2008), este tipo de amostragem é bastante utilizado em estudos exploratórios ou qualitativos nos quais o pesquisador seleciona os elementos que têm acesso admitindo que eles podem compor um universo.

Desse modo, decidimos formar um *corpus* para análise e escolhemos por conveniência três ou mais notícias por dia do CV (portal CidadeVerde.com), formando assim um *corpus* com cerca de 40 notícias a serem analisadas. Nossa escolha é tida como por conveniência, pois entre essas matérias procuramos escolher as que tinham uma relação de proximidade com o Piauí, ou seja, que tratavam sobre a pandemia no espectro local.

A seguir compreenderemos como se deu a construção de memórias a partir dessas produções noticiosas, levando em consideração os temas específicos abordados, as fontes e os recursos utilizados, como também, as possíveis questões omitidas ou silenciadas.

No dia 12 de março de 2020, o CV publicou uma notícia abordando o que poderia e o que não poderia ser feito durante o isolamento. A matéria utilizou como fontes principais alguns especialistas (infectologistas), que falaram sobre como deveria acontecer o isolamento e também sobre como utilizar a máscara corretamente. Além disso, trataram sobre algumas regras/cuidados em relação às roupas e aos talheres utilizados pelas pessoas contaminadas. Naquele momento, segundo os

entrevistados, ainda não haviam restrições alimentares por conta da covid-19.

A segunda notícia do CV desse dia tratou sobre a lei que foi sancionada com medidas de quarentena para enfrentar o coronavírus em Teresina-PI. O portal lembrou que o caso de emergência em saúde pública já era classificado pela OMS como uma pandemia. Citou também que a Fundação Municipal de Saúde (FMS) da capital alertava sobre a necessidade da adoção de medidas para conter a disseminação do vírus.

A lei, citada acima, foi sancionada pelo então prefeito de Teresina, Firmino Filho (*in memoriam*) e os demais senhores da memória¹⁶ dessa notícia foram a Diretora de Vigilância em Saúde da FMS, Amariles Borba, que explicou sobre o fluxo de atendimentos a ser seguido nos estabelecimentos de saúde, e também o médico infectologista da FMS, Kelsen Eulálio, que falou sobre os sinais e sintomas da doença.

Já no dia 13 de março, o CV alertou sobre quando seria necessário que a pessoa procurasse uma unidade de saúde. A notícia foi produzida com base em uma entrevista com a médica epidemiologista, Amariles Borba, que reforçou as orientações sobre os cuidados necessários para se proteger do coronavírus e frisou que todas as pessoas eram suscetíveis à doença. A notícia foi composta de textos e alguns trechos em vídeo, da entrevista concedida pela médica à TV Cidade Verde. Amariles falou também sobre sintomas gripais, tratamento e medicação, e ainda alertou sobre a circulação de *fake news*.

Na segunda notícia, o CV noticiou o cancelamento da turnê do piauiense Whinderssom Nunes nos EUA por risco do coronavírus. O humorista alertou seus seguidores para que lavassem as mãos com água e sabão e ficassem atentos aos sintomas gripais. A matéria foi construída em cima da nota divulgada pela assessoria do *youtuber* e também pelas suas postagens no *Twitter*. Outra matéria deste dia apresentou o relato de piauienses que moram nos EUA e na Dinamarca sobre as dificuldades

¹⁶ Como explica Le Goff (1986), ser senhor da memória é ser detentor do poder de fixar o presente para um futuro próximo ou distante.

enfrentadas por lá, em relação ao coronavírus. Os entrevistados relataram que as aulas já haviam sido suspensas e que produtos já estavam sumindo das prateleiras. Reforçaram também que as aglomerações estavam proibidas e as viagens deveriam ser evitadas.

O portal abordou ainda sobre os cuidados necessários com o celular e outras máquinas do dia a dia que podem propagar o coronavírus e tratou sobre os alimentos que poderiam ajudar a fortalecer o sistema imunológico. A data serviu para noticiar que, após uma reunião de urgência, o Governo do Piauí e a SESAPI fizeram um apelo à população para que as aglomerações fossem evitadas em todo o estado.

Percebemos que o portal em seus primeiros dias de declaração de pandemia contribuiu para a construção de uma memória que se voltava não só para questões locais, mas também para como piauienses espalhados pelo mundo percebiam a pandemia. Peritos da saúde¹⁷ foram convocados para explicar o momento e fortalecer as leis que estavam sendo sancionadas pelo poder executivo. A partir daí cristalizou-se na memória do público a imagem de um Estado que já se preparava para o enfrentamento à pandemia.

No dia 14 de março, o CV tratou sobre os protocolos adotados pela FMS/Teresina e a orientação de reduzir as visitas aos hospitais. O diretor de Atenção Básica falou sobre a ampliação dos locais de exames direcionados a casos suspeitos de covid-19. A matéria foi construída com caráter pedagógico e mostrou dicas para prevenir o contágio, além de explicar o que era, em si, o coronavírus e o que ele podia causar, com base em dados da OMS.

Percebemos que esta estratégia de trazer um lado mais pedagógico no jornalismo foi também utilizada durante a gripe espanhola. Em um momento em que o contato social deveria ser pouco ou quase

¹⁷ Termo utilizado por Dominique Maingueneau em web palestra intitulada “análise do discurso e a crise do coronavírus”, no dia 03/06/2020, na programação da Associação Brasileira de Linguística - ABRALIN. Disponível em: <https://aovivo.abralin.org/lives/dominique-maingueneau/>, acesso em 19/10/2021, às 12:54.

inexistente, recorreremos ao jornalismo, que para nós é também um lugar de memória, para nos informarmos sobre a pandemia.

Outro tema abordado nesse dia foi a suspensão de eventos no Piauí por causa do coronavírus. A 2ª edição de uma corrida de rua foi adiada. O portal utilizou, dentro da notícia, o comunicado publicado no *Instagram* da Rede Feminina de Combate ao Câncer (organizadora do evento).

Em outra notícia, o CV tratou sobre a forma de dialogar com as crianças sobre o coronavírus e que esse diálogo não deveria ser pautado no pânico. A fonte foi um pesquisador em medicina comportamental.

Segundo Barbosa (2004), quando o jornalismo transpõe fatos para a categoria de acontecimentos, privilegia determinadas informações em detrimento de outras. Ouvir a ciência em tempos de crise em saúde é priorizar os conhecimentos comprovados e ajudar a população a combater o vírus.

Além disso, o portal exibiu notícias alertando que, segundo diversos especialistas, o país deveria parar para combater o coronavírus. Tratou também sobre o novo boletim epidemiológico do Piauí e o reforço no cumprimento das medidas de prevenção à doença, feito pela SESAPI.

Destacamos ainda que o CV alertou sobre a “pandemia de *fake news*”, utilizando como fonte o toxicologista, Anthony Wong, que, em vídeo, alertou sobre a quantidade de notícias falsas produzidas sobre a doença, causando pânico à sociedade. Deste modo, entendemos que o portal lançou mão da multimidialidade existente no ciberespaço para variar a maneira como a informação era passada. Além de ler as notícias, o público também teve a possibilidade de guardar em sua memória rostos de pessoas que desenvolvem estudos na área ou fazem parte de órgãos do estado que estiveram no enfrentamento da pandemia.

No dia 15 de março, o CV expôs a fala do porta-voz de assuntos relativos ao coronavírus no Piauí, o infectologista e diretor do Instituto de Doenças Tropicais Natan Portela, José Noronha, que negou que um artista do estado estivesse com a doença. Naquele momento, o Piauí

ainda não tinha casos confirmados. A matéria trouxe ainda uma nota divulgada pela FMS desmentindo o boato.

Naquele dia, o portal noticiou também que a empresa aérea American Airlines suspendeu todos os voos para o Brasil. Além de noticiar os protestos dos atletas que fizeram com que a Confederação Brasileira de Futebol suspendesse as competições nacionais. Um treinador e um vice-presidente de clubes foram fontes e pediram a priorização da vida.

No dia 16 de março, o portal noticiou que o Governador do Piauí, Wellington Dias, havia determinado a suspensão das aulas e proibido eventos por 15 dias. A notícia foi embasada no decreto estadual de emergência e também contou com o Secretário Estadual de Educação, Ellen Gera, que explicou que as medidas adotadas eram para evitar contaminações. Ademais, o CV noticiou que a suspensão de aulas foi uma medida adotada pela Prefeitura de Teresina, indo de acordo com as medidas tomadas pelo Governo Estadual.

Nestas matérias, observamos o fato de o público em geral não aparecer nas notícias, sendo invisibilizado. Na internet, a audiência é tão ativa, mas, muitas vezes, ela acaba sendo esquecida e ignorada. Os espaços dados para pessoas da comunidade foram apenas para quem estava fora do país. De certo modo, as pessoas que estavam no Piauí não foram ouvidas, sendo levadas ao esquecimento. Portanto, é como se o portal escrevesse para o povo, mas sem o povo. Com esta abordagem, microhistórias podem ter sido silenciadas.

Outra pauta abordada neste dia foi um aplicativo do SUS que faz “triagem virtual” do coronavírus, o CV especificou as funcionalidades e apresentou os *links* para baixá-lo no celular. Noticiou ainda que a FMS alertou para a circulação de *fake news* e afirmou que Teresina não tinha casos positivos da doença. A notícia foi construída por meio de uma nota divulgada pela FMS e mostrou um documento (falso) que estava circulando nas redes sociais.

Se a memória para Pollak (1989) resulta de enquadramentos consideramos que, pela ótica do portal CV, as informações repassadas

pelas esferas públicas municipal, estadual e federal sempre foram privilegiadas. Ainda nos voltando para o estudo da memória a compreendemos como uma construção social resultante de lutas e negociações entre os grupos que estão envolvidos. Entendendo o jornalismo como um lugar de memória e os jornalistas como senhores da memória, como já afirmava Barbosa (2004), percebemos que é uma prática recorrente o privilégio dado a fontes oficiais e oficiosas¹⁸.

Até então as notícias eram dirigidas para a sociedade piauiense de modo geral. Contudo, constatamos, posteriormente, uma abordagem voltada para segmentos sociais que estavam se organizando em torno da pandemia. Foram abordados temas como a nova forma de cumprimentar entre os jogadores de futebol, utilizando os cotovelos e não as mãos.

Outra pauta foi sobre as recomendações da Arquidiocese de Teresina para evitar o coronavírus durante as celebrações. As missas já estavam sendo transmitidas pela internet para evitar a participação presencial dos fiéis. Por fim, destacamos que nesse dia o Reitor da Universidade Federal do Piauí anunciou a suspensão das aulas na instituição de ensino.

Já no dia 17 de março, o CV noticiou que a Coordenação de Epidemiologia do Estado havia recomendado que as pessoas que viessem de locais com casos confirmados ficassem em casa. A fonte foi, de novo, a médica Amariles Borba, que explicou sobre o recolhimento domiciliar. O CV trouxe ainda uma entrevista com o infectologista Eduardo Mendes, que explicou porque não era exagero ficar em casa na pandemia. A matéria foi construída com trechos da entrevista em vídeo. Adiante, o CV apresentou uma tabela com informações diferenciando os sintomas de covid-19, gripe e alergia.

Ainda no dia 17 de março, a cidade de Oeiras, primeira capital do Piauí, foi destaque em duas notícias. A primeira, sobre a preparação de

¹⁸ As fontes oficiais são ligadas a instituições mantidas pelo Estado, empresas, e organizações como sindicatos e associações. São consideradas as mais confiáveis e as informações são tomadas como verdadeiras. As fontes oficiosas têm ligações reconhecida com instituições, organizações ou empresas, e expressam interesses particulares.

um plano de prevenção e enfrentamento ao coronavírus, que apresentou uma entrevista com a Secretária Municipal de Saúde. A segunda, sobre uma reunião que aconteceu para pensar a possibilidade de adiar a tradicional Semana Santa de Oeiras.

Em outra notícia do interior do estado, o CV tratou sobre o fechamento do Parque Nacional da Serra da Capivara e dos Museus para proteger e zelar pela saúde. A partir deste dia percebemos uma maior preocupação do *site* em se reportar não só à capital, mas também aos outros municípios. Vemos uma mudança de enquadramento e, conseqüentemente, das memórias construídas. Por meio disso tínhamos informações sobre como outras regiões do estado se articulavam em torno da pandemia.

No dia 18 de março, o CV trouxe as medidas adotadas pelas prefeituras de Água Branca e Campo Maior para prevenir contaminações pelo coronavírus. Ademais, tratou sobre a redução em 30% da frota de ônibus em Teresina. Por fim, o CV publicou uma entrevista ping-pong com a diretora-assistente da OMS, que afirmou que os brasileiros estavam minimizando os riscos e essa fala foi colocada no título da notícia.

No último dia de análise, 19 de março, o CV abordou as mudanças na rotina e a suspensão de serviços no Piauí. Em outra notícia, o portal abordou sobre a adoção do *Delivery* e do Teletrabalho como alternativas para a economia. Tratou também sobre a queda nas doações de sangue em 50% por conta da pandemia.

Entendemos que, no decorrer da semana, o acontecimento que se constituía na memória da população e no *site* como um problema de saúde passava a também afetar a educação, economia, esporte e outras áreas. Já não era suficiente para o portal se reportar a cuidados em relação à contaminação e políticas de enfrentamento adotadas pelo Governo, foi necessário estender a discussão para outras áreas afetadas. Por fim, o portal noticiou a confirmação dos três primeiros casos de covid-19 no Piauí, sendo um deles o jornalista da TV Clube, Marcelo Magno.

Considerações

Diante do exposto, consideramos que o jornalismo do portal CidadeVerde.com construiu memórias voltadas para o enfrentamento à pandemia, em consonância com a ciência e os órgãos mundiais de saúde, mas sempre preferindo o enquadramento dado por fontes oficiais e oficiais. Observamos isso pela escolha das fontes e pela construção das narrativas sobre o panorama da pandemia no estado, em relação à notificação e à detecção de casos.

Notamos ainda que, como citamos nas discussões iniciais, o jornalismo digital tem grande espaço e suporte para sua atuação e por isso a quantidade de notícias encontradas sobre a temática foi muito grande.

Dessa forma, muitas memórias foram construídas a partir dessas narrativas no Piauí, por essa intensidade na produção noticiosa. O portal variou no uso de recursos multimidiáticos e utilizou além de fotos e textos, vídeos, tabelas e outros.

Constatamos que o portal também expôs *links* e postagens de outras redes e, também, conteúdo em formato audiovisual, reforçando as múltiplas funcionalidades dentro da internet. Apesar de percebermos forte enquadramento dado às fontes oficiais e oficiais, o portal construiu memórias da pandemia com um olhar pedagógico, recorrendo várias vezes à ciência para explicar o momento.

Referências

BARBOSA, Marialva. Jornalistas, "senhores da memória"? In: IV Encontro dos Núcleos de Pesquisa da Intercom, XXVII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, **Anais..** Porto Alegre, 2004. Disponível em: <http://www.portcom.intercom.org.br/pdfs/5281189434155472217413491799349447635.pdf>, acesso em: 27 mai. 2021.

BARBOSA, Suzana. Jornalismo convergente e continuum multimídia na quinta geração do jornalismo nas redes digitais. In: CANAVILHAS, J. (Org). **Notícias e Mobilidade.** Jornalismo na Era dos Dispositivos Móveis. Covilhã, PT: Livros LabCOM, 2013.

BARDIN, Lawrence. **Análise de Conteúdo**. Tradução de Luiz Antero e Augusto São Paulo: Edições 70, 2011

BIBLOTECA NACIONAL. **Em 1918, não havia álcool gel nem máscaras cirúrgicas**. 30 de março de 2020. Disponível em: <https://www.bn.gov.br/acontece/noticias/2020/03/1918-nao-havia-alcool-gel-nem-mascaras-cirurgicas>, acesso em 19/10/2021 às 13:23.

BIBLOTECA NACIONAL. **Na gripe espanhola, o “Chá da Meia-Noite na Casa do Diabo”**. 26 de abril de 2020. Disponível em: <https://www.bn.gov.br/acontece/noticias/2020/04/gripe-espanhola-cha-meia-noite-casa-diabo>, acesso em 19/10/2021 às 13:24.

BIBLOTECA NACIONAL. **120 anos da Fiocruz e o combate a epidemias**. 25 de maio de 2020. Disponível em: <https://www.bn.gov.br/acontece/noticias/2020/05/120-anos-fiocruz-combate-epidemias>, acesso em 19/10/2021 às 13:26.

FERRARI, Pollyana. **Jornalismo Digital**. Editora Contexto. Nova Edição Revista e Ampliada (4ª ed), São Paulo, SP. 2010.

GIL, Antonio Carlos. **Método e Técnicas de Pesquisa Social**. 6.ed. São Paulo: Atlas, 2008.

LE GOFF, Jacques. **História e Memória**. 5.ed. Campinas: UNICAMP, 2003.

MANZANO, Fábio; SILVA, Camila Rodrigues da. **Mortes na fila por um leito de UTI, falta de insumos e funerárias sem férias: os sinais do colapso na saúde brasileira**. Portal G1, 20 de março de 2021. Disponível em: <https://g1.globo.com/bemestar/coronavirus/noticia/2021/03/20/mortes-na-fila-por-um-leito-de-uti-falta-de-insumos-e-funerarias-sem-ferias-os-sinais-do-colapso-na-saude-brasileira.ghtml>, acesso em 19/10/2021 às 13:05.

NORA, Pierre. **Entre memória e história: a problemática dos lugares**. Projeto História, São Paulo, dez. 1993.

PALACIOS, Marcos. Convergência e memória: jornalismo, contexto e história. **Revista Matrizes** (revista da USP) Ano 4 – No 1 jul./dez. 2010 - São Paulo - Brasil – p. 37-50

PALACIOS, Marcos. RIBAS, Beatriz. Ferramenta para a análise de memória em cibermeios. IN: PALACIOS, Marcos (org). **Ferramenta para Análise de Qualidade no Ciberjornalismo**. Volume 1: Modelos. Covilhã: UBI /LabCom, 2011.

POLLAK, Michael. **Memória, Esquecimento, Silêncio**. Estudos Históricos, Rio de Janeiro, vol.2, n.3, 1989.

RÊGO, Ana Regina. A Ditadura Militar no jornalismo: uma abordagem a partir do conceito de lugar de memória. **Revista Brasileira de História da Mídia (RBHM)** - v.3, n.2, jul./2014 - dez./2014

RÊGO, Ana Regina. Jornalismo e Memória: entre o tempo e a ética. In: 10º ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISADORES EM JORNALISMO. **Anais...** Curitiba-PR. Pontifícia: Universidade Católica do Paraná, 2012.

SANAR MED. **Pandemias na História: o que há de semelhante e de novo na Covid-19**. 08 de abril de 2020. Disponível em: <https://www.sanarmed.com/pandemias-na-historia-comparando-com-a-covid-19>, acesso em 19/10/2021 às 13:28.

SCHNAIDER, Amanda. **Consumo de notícias digitais no Brasil aumenta na pandemia**. Meio & Mensagem, 25 de setembro de 2020. Disponível: <https://www.meioemensagem.com.br/home/midia/2020/09/25/consumo-de-noticias-digitais-no-brasil-aumenta-na-pandemia.html>, acesso em 19/10/2021 às 13:01.

Sobre os autores

Danielly Kelly Duarte e Silva

Mestre em Comunicação pela Universidade Federal do Piauí (UFPI); graduada em Comunicação Social: Habilitação em Jornalismo e Relações Públicas pela Universidade Estadual do Piauí (Uespi); pós-Graduanda em Educação, Gênero e Sexualidade (Famart). Pesquisa processos comunicacionais em webjornalismo, convergência e interatividade. Trabalhou como repórter nos sites: CGNoticias; RiachaoNet; Rede Piauí. Foi Assessora de Comunicação na Prefeitura Municipal de Campo Grande do Piauí. E-mail: daniellyduarte01@gmail.com

Géssica Lima Feitosa dos Santos

Graduanda de Jornalismo na Universal Estadual do Piauí (Uespi/Picos); integrante da Liga Acadêmica de Jornalismo Educação e Memória (JOEME); integrou o Projeto de Extensão Assessoria de Imprensa e Comunicação Integrada em Organizações do Terceiro Setor de Picos; integrou o Projeto Memórias do Jornalismo Impresso Picoense no Período da Ditadura Militar do Brasil em Picos. Colaboradora com outros autores do Livro: Radiojornalismo e Pandemia no Sertão Central do Piauí/ Comunicação Comunitária e Pandemia/ Jornalismo, Educação e Memória: um diálogo possível. Com experiência nas áreas de assessoria, fotografia e social media em agências de marketing e publicidade; Redação e repórter de portais online. Atualmente assessora de comunicação da Uespi (ASCOM) - Correspondente de Picos. Técnica em Desenvolvimento de Software pelo Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Piauí (IFPI/Picos). Com aspirações em Docência, Pesquisa, Jornalismo, Tecnologia, Direitos, Redação e TV. e-mail: gessicafeitosa@aluno.uespi.br

Jailson Dias de Oliveira

Mestre em Comunicação Social pela Universidade Federal do Piauí (UFPI); Especialista em Marketing e Jornalismo Político pelo Instituto de Estudos Empresariais de Teresina (IEMPI); Especialista em Metodologia do Ensino de História do Brasil, pelo Instituto Superior de Teologia Aplicada (INTA); Especialista em Assessoria de Comunicação e Jornalismo Digital pela Faculdade R.SÁ. Graduado em Comunicação Social Habilitação em Jornalismo pela Universidade Estadual do Piauí (UESPI - 2007); Graduado em Licenciatura Plena em História pela Universidade Federal do Piauí (UFPI - 2013); Docente no Curso de Jornalismo do Instituto Superior Raimundo Sá - Faculdade R.Sá.; Ex-assessor de comunicação na Prefeitura Municipal de Santana do Piauí. Foi repórter no jornal e portal Folha Atual. Tem experiência na área de Comunicação, com ênfase em jornalismo de campo já tendo exercido a função de repórter no portal RiachãoNet, Sistema de Comunicação de Picos (Rádios Liderança e Difusora AM) e TV Antena 10 (correspondente). Já possuía experiência anterior na área de docência pela Universidade Estadual do Piauí. E-mail: jailsondias2@hotmail.com.

Luana de Sousa Rodrigues Moura

Observadora nata e adora escrever, apaixonada pela pesquisa. Graduada em Jornalismo na Universidade Estadual do Piauí –UESPI, Campus Picos, atualmente cursando o 7º período. Na Uespi participa da Liga Acadêmica de Jornalismo, Educação e Memória (Joeme) e topa tudo que envolva pesquisa e extensão. Também faz parte do Grupo de Pesquisa Núcleo Estudos de

Participação Social (GP NEPAS) no Instituto Federal do Piauí (IFPI) – Picos. E-mail: luanamoura@aluno.uespi.

Iaquelly de Sousa

Estudante do Curso de Jornalismo da Universidade Estadual do Piauí (UESPI), pesquisadora pelo Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica de forma voluntária no período de 2021-2022 e como bolsista no período de 2022-2023. E-mail:iaquellysousa@aluno.uespi.br.

Mikaelly Nagyla da Silva Santos

Estudante de Jornalismo na Universidade Estadual do Piauí (Uespi). Bolsista voluntária do Pibic/Uespi com o projeto. Integrante da Liga Acadêmica de jornalismo, educação e memória (Joeme). E-mail: mikaellysantos@alunouespi.br.

Maria Aparecida de Castro

Jornalista formada em Jornalismo pela Universidade Estadual do Piauí, Campus de Picos. Cearense, encontrou no calor picoense o amor pelas pesquisas ligadas à memória e história. Desenvolveu pesquisas na área de comunicação comunitária, rádios comunitárias de Picos, assim com história e memória do curso de Comunicação Social da UESPI quando pesquisadora de Iniciação Científica Voluntária (ICV).

Maria do Amparo Borges Ferro

Professora titular da Universidade Federal do Piauí (UFPI), doutora em Educação pela Universidade de São Paulo (USP), mestre em Educação e graduada em Licenciatura Plena em Filosofia pela UFPI. Professora do Programa de Pós-Graduação em Educação da mesma instituição. E-mail: amparobferro@gmail.com.

Mayara Sousa Ferreira

Doutora em Educação pela Universidade Federal do Piauí (UFPI). Mestre em Comunicação pela mesma instituição. Graduada em Comunicação Social, com habilitação em Jornalismo pela Universidade Estadual do Piauí (Uespi). Pesquisadora no Núcleo de Educação, História e Memória (Nehme/UFPI) e do Núcleo de Pesquisa em Jornalismo e Comunicação - (Nujoc/UFPI). Coordenadora da Liga Acadêmica de Jornalismo, Educação e Memória (Joeme/Uespi), instituição da qual é professora efetiva adjunta. Foi jornalista do quadro efetivo da Prefeitura de Picos, exercendo a função de coordenadora Municipal de Comunicação. Foi professora dos cursos de graduação e pós-graduação do Instituto de Educação Superior Raimundo Sá (Faculdade R.Sá). Tem experiência profissional na área de Comunicação, principalmente, como assessora de comunicação. Tem trabalhos de pesquisa em jornalismo e memória e história do ensino de jornalismo, além de outros temas. Organizou, com outras autoras, o livro *Protagonismo, cultural e sociedade no Vale do Guaribas: 10 anos da Faculdade R.Sá* (2017). E-mail: mayarasousa@pcs.uespi.br.

Orlando Maurício de Carvalho Berti

Professor efetivo (Adjunto III - DE), Diretor de Relações Internacionais, coordenador e executor de projetos de pesquisa, inovação tecnológica, tecnologias sociais e extensão; ex-coordenador dos cursos de Comunicação Social (habilitação em Jornalismo e Relações Públicas) e Jornalismo da UESPI -

Universidade Estadual do Piauí (campus de Teresina-PI) e colaborador do campus de Picos - PI (Sertão). É líder do Grupo de Pesquisa em Comunicação Alternativa, Comunitária, Popular e Tecnologias Sociais da UESPI. Coordenador pedagógico da UAPI - Universidade Aberta do Piauí. Pós-Doutor em Comunicação, Cidadania e Região pela UESP - Universidade Metodista de São Paulo (2017), estudando a Teoria da Comunicação Comunitária. É Doutor em Comunicação Social pela UESP (2014), estudando Comunicação Comunitária e Tecnologias Atuais. Fez doutorado-sanduíche (estágio doutoral, em 2012) na UMA - Universidad de Málaga, em Málaga (Espanha), pesquisando rádio local e rádio comunitária. É Mestre em Comunicação Social pela UESP (2009), pesquisando todas as rádios comunitárias legalizadas do Sertão do Piauí. Especialista em Comunicação Institucional pela UFPI - Universidade Federal do Piauí. Possui graduação em Comunicação Social (habilitação em Jornalismo) pela UFPI (2001). Coordena o Projeto de Extensão de Formação de Comunicadores Comunitários e Populares do Sertão do Piauí. Atua como professor-colaborador de co-orientação no Doutorado em Desenvolvimento e Meio Ambiente da UFPI. Desenvolve trabalho de etnografia das redações entendendo, na prática, o jornalismo, principalmente o impresso e o online em Projeto de Pesquisa. É parecerista de projetos de pesquisa na UESPI e em várias instituições de ensino superior do Brasil. É membro do Comitê Institucional do Programa de Bolsas de Iniciação Científica (PIBIC) e de Inovação Tecnológica da UESPI. É membro do Comitê de Governança de Tecnologia da Informação e da Comunicação da UESPI (CGTIC). Autor dos livros; Quem Cuida de Quem Cuida? O Instagram e a Rede de Solidariedade e Informação no Combate à COVID-19 no Piauí (Teresina: EdUESPI, 2020); Como passar em um mestrado? Um guia para você compreender, fazer e passar nas seleções de Mestrado no Brasil (e até fora dele) (Teresina: Fuespi, 2019) e do livro Webjornalismo no Piauí (Teresina: EdUESPI, 2020) e organizador de diversos outros livros, entre eles, Gestão Escolar em Beneditinos (2022) e Trilhas e Impactos da Comunicação Popular, Comunitária e Alternativa no Brasil (2022).

Raniel das Flôres Canuto

Mestre pelo Programa de Pós-Graduação em Comunicação da UFPI. Especialização em Docência do Ensino Superior pelo Centro Universitário Senac-SP (2020). Graduação em Jornalismo pelo Instituto de Educação Superior Raimundo Sá (2010). Área de estudo e pesquisa em história da comunicação e do jornalismo, memória, mídia e poder. Experiência profissional em: assessoria de comunicação; comunicação e movimentos sociais; mobilização social; cooperativismo; associativismo; mercado de trabalho; rádio; comunicação e educação; assessoria de comunicação; mídias sociais; e eventos esportivos. E-mail: raniel@gmail.com

Rutty Karinne Muniz de Souza

Jornalista, formada pela Universidade Estadual do Piauí. Pós-graduanda no curso de Gestão e Monitoramento de Marketing e Mídias Sociais no Instituto de Educação Superior Raimundo Sá. Técnica Administrativa contratada pela empresa S & A Honey desde 2021. Fotógrafa Freelance. Experiência profissional em Assessoria de imprensa, Marketing digital, Produção e Repórter de telejornalismo, Rádio, e vídeo maker. Ex- integrante da Liga Acadêmica de jornalismo, educação e memória – Joeme. E-mail: rутtykarinne5@gmail.com

Sheron Weide Alves Ferreira

Bacharel em Jornalismo pela Universidade Estadual do Piauí; pós graduanda em Gestão de Marketing e Mídias Digitais pelo Instituto de Educação Superior Raimundo Sá. Integrou a Liga Joeme. E-mail: sheronweide98@gmail.com.

Vinícius da Silva Coutinho

Mestrando em Educação, Cultura e Territórios Semiáridos, na Universidade do Estado da Bahia; Pós-graduando em Gestão de Marketing e Mídias Digitais no Instituto de Educação Superior Raimundo Sá (2022/2023); Graduado em Jornalismo na Universidade Estadual do Piauí, Campus Professor Barros Araújo, Picos-PI (2018-2022); Integrante da Liga Acadêmica de Jornalismo, Educação e Memória (Joeme); foi Bolsista Voluntário do PIBIC (2020/2021) com o Projeto de Pesquisa Memórias do Coronavírus no Piauí: o Portal O Dia e o Cidade Verde.com e suas atuações na Construção de Memórias sobre a Pandemia do Coronavírus, no Piauí; atuou como Social Media na Agência de Marketing e Publicidade Ideia 7, também como Monitor de programas de Rádio e TV na Agência Ícone Comunicação e tem experiência em Assessoria de Comunicação com ênfase em Gerenciamento de Redes Sociais. É também formado no curso Técnico em Mineração pelo Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Piauí (IFPI - Campus Paulistana).

Thamyres Sousa de Oliveira

Possui graduação em Comunicação Social - Hab. Jornalismo pela Universidade Federal do Piauí (2013). É mestre em Comunicação pelo Programa de Pós Graduação em Comunicação da UFPI e membro do Núcleo de Pesquisa em Jornalismo e Comunicação (Nujoc). Atua, principalmente, nos seguintes temas: estado novo, memória, imprensa, censura e história. É professora efetiva na Universidade Estadual do Piauí (Uespi), atuando também como coordenadora do curso de Bacharelado em Jornalismo entre 2020 e 2022. E-mail: thamyressousa@pcs.uespi.br.